

# Teatros de São Miguel: o Espetáculo como Património

Dissertação de Mestrado

Rita Sofia Amaral Cabral de Frias

Mestrado em

**Património, Museologia e  
Desenvolvimento**



# **Teatros de São Miguel: o Espetáculo como Património**

Dissertação de Mestrado

Rita Sofia Amaral Cabral de Frias

## **Orientadora**

Professora Doutora Susana Goulart Costa

## **Coorientadora**

Professora Doutora Maria João Brilhante

Dissertação de Mestrado submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento





## Agradecimentos

*À Câmara Municipal da Lagoa, pela cedência de informação e por dar a conhecer o Cine Teatro Lagoense.*

*Ao Arquivo Municipal da Ribeira Grande, por toda a ajuda dispensada na recolha de informação.*

*Ao Teatro Micaelense, pela oportunidade de conhecer esta casa de espetáculos noutra perspetiva e de onde guardo recordações da minha infância.*

*À Família Amaral, por ter aberto as portas da sua casa e partilhar memórias de outros tempos.*

*Ao Teatro Ribeiragrandense, que desde o primeiro momento fizeram-me sentir em casa e de onde levo amizades.*

*Aos entrevistados, pelo contributo dado para a realização deste estudo.*

*Aos meus familiares e aos amigos mais próximos, aqueles que me viram crescer e aqueles que se tornaram família, por toda a preocupação e apoio.*

*À Professora Doutora Susana Goulart Costa, por aceitar prontamente o convite para me orientar na dissertação e por tudo o que me ensinou ao longo do mestrado, bem como as suas palavras de apoio e incentivo.*

*À Professora Doutora Maria João Brilhante, pelas suas instruções e conselhos dados, que mesmo estando longe, aceitou ajudar-me na realização deste estudo.*

*À Patrícia, à Ana Rita, à Mariline, à Ana Beatriz e à Marisa, pela amizade, pelas palavras de apoio e pela compreensão da minha ausência ao longo desta jornada.*

À *Joana*, pela amizade de anos, pela força, pelas palavras certas, por compreender a minha ausência, que longe ou perto, esteve sempre pronta a apoiar-me.

Ao *Gonçalo*, meu namorado e melhor amigo, pelo carinho, pela compreensão, pelo companheirismo, pelo apoio e pela motivação concedidos durante esta caminhada. Quando tudo parecia estar do contra, nunca me deixou ir abaixo.

Ao *Rui*, meu irmão mais velho, pela amizade, pelos conselhos e pela ajuda que me deu sempre que necessitei. Esteve sempre ao meu lado a apoiar-me durante todo o meu percurso não só na escola, mas também na universidade.

Aos meus pais, *Rogério e Rosemary*, pois sem eles nada disto seria possível. Pelo carinho, pelo incentivo constante e pela possibilidade de concretizar este desejo pessoal. Mesmo nos momentos de maior adversidade, estiveram sempre a apoiar-me. Não consigo arranjar mais palavras que possam descrever tudo o que fizeram por mim.

A todos, um muito obrigada!

## Resumo

Na ilha de São Miguel, a partir da 2.<sup>a</sup> metade do século XIX, assiste-se ao incremento de espaços culturais. O Teatro Micaelense, o Teatro Ribeiragrandense e o Cine Teatro Lagoense Francisco d’Amaral Almeida, os teatros das três cidades micaelenses, Ponta Delgada, Ribeira Grande e Lagoa respetivamente, surgem em épocas diferentes, tendo o primeiro sido construído no século XIX e os outros dois no raiar da República. No entanto, nascem com o mesmo objetivo: dinamizar a vida cultural e artística.

Com o passar dos anos, fizeram história e a sua atividade cultural foi sendo alterada, devido às necessidades que iam surgindo. A missão, as modalidades de gestão, as formas de ligação com a comunidade, a oferta de atividades culturais destes espaços, várias vezes remodelados, sofreram alterações como consequência das mudanças sociais e políticas ocorridas em mais de um século.

A existência destes teatros veio permitir o aumento da formação cultural e cívica das populações dos locais onde nasceram, bem como uma maior preocupação relativamente ao património local.

Esta dissertação revisita a história e as memórias destes três teatros com o propósito de conhecer e identificar a oferta cultural ao articular esta com a evolução da sociedade micaelense. Tomando como ponto de partida a história de cada teatro, vai ser possível observar o seu desenvolvimento, não só a nível cultural, mas também económico e social.

**Palavras-Chave:** Teatro; Património; Cultura; Oferta Cultural; Gestão Cultural.

## **Abstract**

In the island of São Miguel, from the second half of the 19th century, there is an increase of cultural spaces. The Teatro Micaelense, the Teatro Ribeiragrاندense and the Cine Teatro Lagoense Francisco d'Amaral Almeida, the theaters of the three micaelenses cities, Ponta Delgada, Ribeira Grande and Lagoa respectively, emerge at different times, the first being built in the 19th century and the others two in the dawn of the Republic. However, with the same goal: to stimulate cultural and artistic life.

Over the years, they made history and their cultural activity was changed, due to the needs that were emerging. The mission, management modalities, ways of connecting with the community, and the provision of cultural activities in these spaces that have been remodeled have undergone changes as a consequence of the social and political changes that have occurred in more than a century.

The existence of these theaters allowed to increase the cultural and civic formation of the populations of the places where they were born, as well as a greater preoccupation with the local patrimony.

This dissertation revisits the history and the memories of these three theaters with the purpose of knowing and identifying the cultural offer in articulating this with the evolution of the micaelense society. Taking as a point of departure the history of each theater, it will be possible to observe its development, not only in cultural but also economic and social.

**Keywords:** Theater; Heritage; Culture; Cultural Offer; Cultural Management.

# Índice

Introdução.....	1
Capítulo I: Algumas declinações do conceito de cultura .....	3
1. Cultura e Património.....	3
2. Cultura e Artes.....	10
3. Cultura e Economia .....	14
3.1. Indústria Cultural .....	15
3.2. Gestão Cultural.....	17
4. Cultura como fator de desenvolvimento local .....	22
Capítulo II: Três espaços culturais sob observação .....	28
1. Teatro Micaelense .....	28
1.1. Biografia de uma sala de espetáculos .....	28
1.1.1. O Primeiro Teatro Micaelense (1864-1930).....	30
1.1.2. O “novo” Teatro Micaelense (1951 - Finais século XX) .....	40
1.1.3. Teatro Micaelense: um novo Centro Cultural e de Congressos (2004 – Atualidade) .....	47
1.2. A dimensão institucional.....	53
1.2.1. Missão e Objetivos de um teatro municipal.....	54
1.2.2. Recursos Humanos .....	55
1.2.3. Cineteatro Miramar.....	57
1.3. Que nos dizem os documentos? .....	59
1.3.1. Várias artes no palco do Teatro Micaelense .....	59
1.3.2. Um recomeço ou uma continuidade?.....	63
1.3.3. Divulgação e relação com os públicos .....	70
2. Teatro Ribeiragrandense.....	74
2.1. Construir um Teatro em tempos difíceis .....	74
2.2. Aspetos institucionais de mais um teatro municipal.....	83
2.2.1. Missão e Objetivos: Servir a população é uma prioridade .....	84
2.2.2. Recursos Humanos .....	85
2.3. A atividade do Teatro Ribeiragrandense .....	86
2.3.1. O que nos diz o espólio .....	86
2.3.2. A Programação, hoje.....	88
2.3.3. Divulgação e criação de públicos .....	91
3. Cineteatro Lagoense Francisco D’Amaral Almeida .....	93
3.1. Francisco D’Amaral Almeida: História de um fundador .....	93
3.2. O sonho de um Teatro na Lagoa .....	96
3.2.1. Família Amaral: 1913 – década de 90 .....	96
3.2.2. Década de 90: o fim do sonho .....	99

3.3.	De um Teatro de família a uma instituição camarária.....	106
3.3.1.	Recursos Humanos.....	106
3.4.	Memórias de família e alguns documentos.....	107
3.4.1.	Dos inícios com teatro e filmes .....	107
3.4.2.	(Não) Programar para o Teatro Lagoense: uma sala para acolhimentos.....	108
3.4.3.	Uma divulgação à medida da atividade .....	110
Capítulo III: Quando uma história centenária nos revela o papel das salas e dos espetáculos que nelas acontecem .....		111
Conclusão.....		128
Referências Bibliográficas .....		130
Anexos.....		I
Anexo 1 – Organograma do Teatro Micaelense .....		II
Anexo 2 – Entrevista a André Faria Raposo.....		III
Anexo 3 – Entrevista a Mário Fernando Oliveira Moura .....		VIII
Anexo 4 – Entrevista a Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque Silva.....		XI
Anexo 5 – Entrevista a Rui Norberto Costa Borges.....		XIX
Anexo 6 – Entrevista a Jorge Manuel Mota Amaral Borges e a Paulo Jorge Soares de Amaral Borges .....		XXI
Anexo 7 – Entrevista a Linda Maria Pacheco Luz .....		XXVIII
Anexo 8 – Entrevista a Carlota Teixeira Dâmaso .....		XXXI

# Índice de figuras

Figura 1 – Fachada do Teatro Apólo, s/d.....	33
Figura 2 – Interior do Teatro Apólo, s/d .....	34
Figura 3 – Teatro Micaelense na Antiga Rua Direita, s/d .....	34
Figura 4 – Fachada principal e lateral do Teatro Micaelense, s/d .....	35
Figura 5 – Ruínas do Teatro Micaelense após o incêndio, 1930.....	37
Figura 6 – Teatro Micaelense, 1897 .....	39
Figura 7 – Jardim Sena Freitas, 2017 .....	39
Figura 8 – Convento de São João, 1869 .....	41
Figura 9 – Antigo Quartel de São João, Década de 40 .....	41
Figura 10 – Cineteatro Monumental, s/d.....	42
Figura 11 – Teatro Micaelense, Década de 50 .....	43
Figura 12 – Auditório do Teatro Micaelense, s/d .....	44
Figura 13 – Salão Nobre do Teatro Micaelense, Década de 50.....	45
Figura 14 – Teatro Micaelense, 2017 .....	48
Figura 15 – Auditório do Teatro Micaelense, 2017 .....	49
Figura 16 – Palco do Teatro Micaelense, 2017 .....	50
Figura 17 – Salão Nobre do Teatro Micaelense, 2017 .....	50
Figura 18 – Foyer do Teatro Micaelense, 2017 .....	51
Figura 19 – Sala Polivalente do Teatro Micaelense, 2017 .....	51
Figura 21 – Teatro Ribeiragrandense, s/d .....	77
Figura 22 – Teatro Ribeiragrandense, 2000 .....	80
Figura 23 – Teatro Ribeiragrandense, 2017 .....	81
Figura 24 – Auditório do Teatro Ribeiragrandense, 2017.....	82
Figura 25 – Palco do Teatro Ribeiragrandense, 2017 .....	82
Figura 26 – Francisco d’Amaral Almeida, s/d .....	95
Figura 27 – Teatro Amaral, Década de 50.....	98
Figura 28 – Cine Lagoense, 1997 .....	101
Figura 29 – Estátua da fachada principal do Cine Lagoense, s/d .....	101
Figura 30 – Cine Teatro Francisco d’Amaral Almeida, 2017 .....	102
Figura 31 – Fachada do Cine Teatro Lagoense Francisco d’Amaral Almeida, 2017 .....	103
Figura 32 – Plateia do Cine Teatro Lagoense Francisco d’Amaral Almeida, 2017 .....	104
Figura 33 – Palco e 1.º balcão do Cine Teatro Lagoense Francisco d’Amaral Almeida, 2017 .....	104
Figura 34 – Fotografia do fundador no hall de entrada, 2017.....	105
Figura 35 – Placa Alusiva ao Círculo de Amigos da Lagoa, 2017 .....	105
Figura 36 – Localização do Teatro Micaelense na malha urbana de Ponta Delgada .....	120
Figura 37 – Vista Panorâmica sobre o Teatro Micaelense, 2017 .....	120
Figura 38 – Localização do Cine Teatro Lagoense na malha urbana da Lagoa .....	123
Figura 39 – Vista Panorâmica sobre o Cine Teatro Lagoense, 2017 .....	123
Figura 40 – Localização do Teatro Ribeiragrandense na malha urbana da Ribeira Grande ...	126
Figura 41 – Vista Panorâmica sobre o Teatro Ribeiragrandense, 2017 .....	126

## **Lista de Abreviações**

**CM:** Coliseu Micaelense

**CML:** Câmara Municipal de Lagoa

**CMPD:** Câmara Municipal de Ponta Delgada

**CMRG:** Câmara Municipal da Ribeira Grande

**CTL:** Cine Teatro Lagoense

**ETRG:** Empresa do Teatro Ribeira-Grandense

**GRA:** Governo Regional dos Açores

**TM:** Teatro Micaelense

**TRG:** Teatro Ribeiragrandense

**SAAL:** Sociedade dos Amigos das Artes e das Letras

**STM:** Sociedade Theatral Michaelense

**STR:** Sociedade Teatral Ribeiragrandense



# Introdução

Uma simples abordagem do conceito de cultura permite observar uma série de ligações que dele emanam, ligações estas que englobam o património, as artes e a economia, e que serão posteriormente abordadas neste estudo. Parte integrante do desenvolvimento humano, a cultura surge como registo de herança patrimonial.

Numa zona onde impera a insularidade, em que tudo tardava a chegar, eis que o teatro, mais propriamente o teatro popular, torna-se um dos principais entretenimentos da vida social dos Açores no século XIX. Para além de representações teatrais, a música também teve um papel importante relativamente ao que era apresentado ao público. As salas para as representações eram improvisadas e maioritariamente privadas. A existência destes salões privados e o aumento do público fez surgir a necessidade de arranjar um espaço que apresentasse condições e que acompanhasse as tendências do teatro a nível nacional.

Na ilha de São Miguel, graças ao empenho de várias pessoas que queriam ver a sua terra mais desenvolvida a nível cultural, social e educacional, nascem os teatros das atuais cidades micaelenses: o Teatro Micaelense em Ponta Delgada, o Teatro Ribeiragrandense na Ribeira Grande e o Cine Teatro Lagoense Francisco d’Amaral Almeida na Lagoa.

De geração em geração, estes espaços culturais tornaram-se um modo de viver e parte da comunidade local. Como Choay afirma, o património edificado diz *respeito a todos os membros das sociedades*<sup>1</sup>. Não deixam de ser memória coletiva de cada um.

Pretende-se, então, demonstrar o porquê destes três teatros serem considerados património histórico-cultural e como acompanharam as

---

<sup>1</sup> Choay. 2006: 224.

transformações, a nível social e político, da ilha de São Miguel. Ao visitar a sua história e ao perceber os motivos das remodelações e das mudanças de gestão, será possível compreender melhor o funcionamento destes espaços culturais, bem como a sua oferta ao público.

O estudo encontra-se organizado em três capítulos. No primeiro, procura-se introduzir a designação de cultura e relacionar a mesma com o património, as artes e a economia. É feita uma breve análise da cultura como fator de desenvolvimento, referindo já o caso do arquipélago dos Açores. No segundo capítulo, é elaborada a história de cada teatro, bem como uma análise a nível institucional e documental, onde são estudadas as ofertas culturais e a estrutura do equipamento. Por fim, no último capítulo, pretende-se fazer uma reflexão e interpretação do que foi exposto no segundo capítulo, introduzindo, também, alguns dados relativamente à história do teatro nos Açores e abordando aspetos característicos de cada teatro e do espaço onde se encontra.

Relativamente à metodologia, privilegiou-se o trabalho de campo, com visitas aos teatros e entrevistas a várias pessoas com ligações aos mesmos, direta e indiretamente, bem como a recolha de informação de vários arquivos e instituições. Utilizou-se a bibliografia acessível e procurou-se o auxílio da internet. Dada a escassa informação acerca do Cine Teatro Lagoense Francisco d'Amaral Almeida, seguiu-se, como linha de orientação, um trabalho, em vias de publicação, no âmbito do mestrado de Património, Museologia e Desenvolvimento, datado de 2011, da autoria de Sandra Monteiro. Foram recolhidos dados de atas municipais e foi realizada uma entrevista a particulares, entrevista esta que também havia sido realizada em 2011.

Este estudo acrescenta conhecimento sobre os três teatros e sobre a contribuição dos mesmos para a oferta cultural de São Miguel hoje, continuando, ou não, o propósito ou a missão que esteve na origem da sua criação.

# Capítulo I: Algumas declinações do conceito de cultura

## 1. Cultura e Património

O que é a Cultura? O termo cultura tem inúmeras definições e interpretações devido à sua complexidade. Etimologicamente, *cultura deriva do latim “colere”*<sup>2</sup> referindo-se ao ato de cultivar, colher e tratar do gado. O seu conceito começou por ser metafórico: inicialmente, estava associado à agricultura, na Antiguidade Clássica, neste caso ao cultivo da terra, mas também do espírito pois a mente “tinha de dar fruto”.

A cultura não é passiva, implicando ação e pensamento. Não é um amontoar de conhecimentos, mas sim saber gerar pensamentos e saberes. Ao longo da História, foi-se alargando o sentido deste termo tão utilizado nos dias de hoje. Na Grécia Antiga, o termo cultura era designado por “padeia”, referindo-se à educação e à formação do Homem, tanto a nível físico como a nível intelectual, pois quem se cultivava era quem queria ser mais perfeito, sendo *aquele que, assimilando os conhecimentos e valores socialmente transmitidos, consegue traduzi-los em qualidades pessoais*<sup>3</sup>. Esta busca pela perfeição é retomada no Renascimento, devido à passagem do teocentrismo – filosofia doutrinada na Idade Média - para o antropocentrismo. O cultivo do corpo é posto à parte, focando-se apenas no cultivo da mente. Esta é uma das concepções da cultura: a concepção ideal, em que se valoriza a perfeição humana.

Em meados do século XVIII, com a afirmação do Iluminismo, o Homem continua a aperfeiçoar-se, mas numa perspetiva racional. Há um desejo de afastamento das verdades inquestionáveis, ou dogmas, sendo a Igreja a sua grande fonte, mas o racionalismo põe em causa esses mesmos dogmas. A Idade da Luz foi uma época culturalmente rica, fazendo expandir ainda mais o

---

<sup>2</sup> Crespi, 1997: 15.

<sup>3</sup> Idem.

significado de cultura. A concepção de cultura como perfeição passa a adequar-se à racionalidade e o resultado desta junção é a integração da cultura no conceito de património, passando assim da formação de espírito a um conjunto de obras e de representações produzidas pelo Homem (como por exemplo, museus, livros e música) que ficam como marcas culturais e que também ficam na memória coletiva. Pode-se afirmar que a cultura permitiu aos países legitimarem-se e mostrarem a sua história e razões para a sua existência. Encontramos aqui uma outra concepção da cultura: a concepção documental, onde existe uma grande materialização das grandes realizações do passado.

Por fim, uma última concepção conhecida da cultura é a concepção antropológica. O conceito antropológico surgiu a partir dos finais do século XIX e inícios do século XX. Aqui, a cultura é vista como um modo de vida, um conjunto de elementos que incluiu conhecimentos, crenças e quaisquer outras capacidades e costumes adquiridos pelo Homem enquanto elemento da sociedade – tradições, hábitos, religião, política, gastronomia, moda, desporto e arte. É o modo de conhecermos o mundo e de nos relacionarmos com ele.

Em 1871, surgiu uma das primeiras tentativas de definição científica de cultura. Segundo Edward Taylor, a cultura era aquele *conjunto de elementos que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, usos e quaisquer outras capacidades e costumes adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade*<sup>4</sup>. Clyde Kluckhohn, juntamente com Alfred Kroeber, no início da década de 50, inventariaram cerca de 150 definições de cultura, tendo Kluckhohn reduzido a lista. Entre estas, encontravam-se as seguintes: 1) *o modo de viver de um povo na sua globalidade*; 2) *a hereditariedade social que um indivíduo adquire no seu grupo de pertença (...)* 4) *uma abstracção derivada do comportamento (...)* 8) *um comportamento aprendido (...)* 11) *um aglomerado de história, de um mapa, de uma peneira, de uma matriz*<sup>5</sup>.

Segundo Vitorino Nemésio, a cultura seria *um caminho coerente para um fim demonstrável no seu todo, um rasgão na neblina de dúvidas e problemas,*

---

<sup>4</sup> Idem: 13.

<sup>5</sup> Idem.

*carreando um considerável conjunto de materiais para ‘forçar’ a prova*<sup>6</sup>. Apesar de tudo aquilo que possa definir cultura, a verdade é que a mesma foi ganhando relevância na vida política e económica contemporânea. O desenvolvimento humano não é compreensível nem realizável sem o reconhecimento do papel da criação cultural, em ligação estreita com a educação e a formação, com a investigação e a ciência<sup>7</sup>.

Mas qual a sua relação com o património? De origens já muito antigas, este termo referia-se às *estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo*<sup>8</sup>. Atualmente, alberga diversos conceitos, sendo considerada uma palavra “nómada” devido à variedade dos adjetivos que lhe são atribuídos.

Associado ao património cultural, o conceito de ‘bem cultural’ surge em meados do século XX<sup>9</sup>, mais precisamente em maio de 1954, na Convenção promovida pela UNESCO na cidade de Haia<sup>10</sup>. Os bens culturais passaram a abranger “*móveis e imóveis, incluindo «os monumentos de arquitectura, de arte ou de história, religiosos ou laicos, os sítios arqueológicos, os conjuntos de construções que apresentem um interesse histórico ou artístico, as obras de arte, os manuscritos, livros e outros objectos de interesse (...) as colecções científicas (...) de arquivos ou de reprodução dos bens acima definidos (...) os museus, as grandes bibliotecas (...)»*<sup>11</sup>.

Tal como a cultura, o património também torna um país reconhecido. Algo que teve início no passado, que existe no presente e que continuará para as gerações futuras. Visto como uma herança cultural, *basta olharmos os grandes marcos da presença humana ao longo do tempo para percebermos que há sempre uma simbiose de diversas influências, de diversas épocas, ligando Património material e imaterial, herança e criação*<sup>12</sup>. Com o Tratado de Roma,

---

<sup>6</sup> Apud Martins, 2009: 69.

<sup>7</sup> Martins, 2009: 7.

<sup>8</sup> Choay, 2006: 11.

<sup>9</sup> Custódio, 2010: 248.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Martins, 2009: 7.

bem como as classificações de Património Cultural Mundial, o património passou a ser considerado *um elemento de ligação e de paz entre povos*<sup>13</sup>. Através do advento da globalização, o património foi transformado num instrumento de atração social, conectando populações e lugares de cultura.

Só a partir do final da década de 60, em Portugal, é que começam a surgir as primeiras preocupações com a transmissão *do património urbano, através da operação que mais tarde viemos chamar «reabilitação»*<sup>14</sup>. Esta reabilitação visava a melhoria de espaços urbanos, potenciando, de certo modo, os valores patrimoniais. Mas tudo isto depende da atitude da sociedade perante a herança que foi transmitida.

Em 1992, surge o Instituto Português do Património Cultural em Portugal. A partir daqui o Património passou a ter uma maior relevância no que toca à intervenção por parte do Estado, sendo esta *marcada pelas palavras-chaves de “obra de arte”, “sítio” e “monumento”*<sup>15</sup>. Atualmente, as palavras-chaves já são outras: *“conjunto”, “paisagem” e “intangível”*<sup>16</sup>.

Em outubro de 2005, na cidade de Faro, foi assinada *uma nova Convenção-Quadro do Conselho da Europa sobre o Património Cultural*<sup>17</sup>. Os monumentos e as tradições contemporâneas passaram a estar integrados neste conceito. Tratou-se, principalmente, *de passar da perspetiva de «como preservar o Património, segundo que procedimento?»», à questão do «porquê e para quem lhe dar valor»*<sup>18</sup>. A população tinha e tem o direito de participar na vida cultural, refutando assim a ideia já referida acima. Nesta Convenção, o Património Cultural passou a ser visto como *um valor e um recurso, que tanto serve o desenvolvimento humano em geral, como concretiza um modelo de desenvolvimento económico e social assente no uso durável dos recursos*<sup>19</sup>.

---

<sup>13</sup> Custódio, 2010: 346

<sup>14</sup> Idem: 350

<sup>15</sup> Colecção Públicos, 2007: 28.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Martins, 2009: 8.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Idem: 9.

As heranças materiais e imateriais, que incluem tradições, monumentos, costumes e mentalidades, bem como a criação cultural contemporânea – inovação e modernidade – englobam o Património Cultural devido à evolução dinâmica, a qual se tem vindo a assistir com o passar dos tempos. *A História faz-se com os contemporâneos e com aqueles que tornaram possível a nossa existência e constituíram as gerações que nos antecederam.*<sup>20</sup>

*Portugal é um país riquíssimo em termos de património histórico e cultural, pelo que seria um desperdício completo não divulgar e utilizar esse legado para atrair*<sup>21</sup> não só os turistas, mas também os locais pois estes principalmente não têm muito conhecimento do património que pode estar mesmo ao seu lado. As pessoas precisam de compreender o que significa o legado que os rodeia. Se existe uma memória, tem que existir uma descodificação: porque é que um monumento foi feito e quando? O que significa? Quantas pessoas lutaram por aquilo? A população tem de ter conhecimento do que existe na sua terra, infelizmente uma situação que não acontece recorrentemente.

Sendo a cultura um fator de coesão, o património entra neste contexto devido ao contato direto com a população, envolvendo tradições, memórias e heranças, bem como por se aproximar da mesma, dialogando com ela. Há, também, que reconhecer o *Património como factor de inovação e criatividade*<sup>22</sup>, já que não é só compreender o que ali está, mas sim preservar-lo e salvaguardá-lo, pois não só acrescenta mais valor a uma herança que irá continuar, mas também porque representa *um sinal de presença e de vida de quem nos antecedeu*<sup>23</sup>. Entender o seu valor a nível histórico e a nível patrimonial e a relação da sociedade com esse mesmo património e como contribuiu para esta e para o nosso enriquecimento pessoal também são outras considerações a ter em conta, quer seja *Património material e imaterial, e o que criamos de novo*<sup>24</sup>. Não basta recuperá-lo, mesmo que seja para fins económicos. As pessoas têm de ter

---

<sup>20</sup> Martins, 2009: 19.

<sup>21</sup> Curvelo: 2009: 286.

<sup>22</sup> Martins, 2009: 15.

<sup>23</sup> Idem: 19.

<sup>24</sup> Idem: 49.

acesso a ele pois *ninguém pode ficar dono da memória que é de todos*<sup>25</sup> porque todos têm o direito de fazer parte da vida cultural e de participar nela. Falar de cultura impõe obrigatoriamente falarmos de memória.

*O presente das coisas passadas é a memória; o presente das coisas presentes é a vida; e o presente das coisas futuras é a espera*<sup>26</sup>. Estes três tipos de presentes surgem na correlação de património e de cultura fazendo assim com que exista um respeito pela memória e uma maior ligação *entre as pessoas, a sociedade e a herança que recebem e que projectam no futuro*<sup>27</sup>.

As toponímias das vilas e das cidades revelam um grande coletivo memorial, como por exemplo, os nomes de personalidades que ali nasceram, viveram ou que contribuíram para algo. Isto mostra como os espaços urbanísticos estão investidos de memória, mesmo enquanto a cidade continua a progredir. Os monumentos e os imóveis são das memórias que mais integram a malha urbana. Estes últimos, por vezes, são recuperados e continuam a ser utilizados para o fim a que foram inicialmente propostos, ou não. Outros, por razões logísticas, acabam por ser demolidos.

Mas é algo que deveria estar fora de questão pois de certo modo contam a história de uma cidade. *Tradição e modernidade são faces da mesma moeda, uma e a outra têm de se enriquecer mutuamente. E se a criação exige novidade e ruptura, a verdade é que a criação cultural e artística faz-se sempre em diálogo com a herança cultural e com o conhecimento do tempo que nos antecedeu.*<sup>28</sup> A destruição de património tem sido um dos maiores problemas que o Homem tem vindo a enfrentar. É necessário reconhecer as suas características e os valores que dali podem ser extraídos.

*El patrimonio constituye una seña de identidad y favorece la cohesión de las comunidades que no asimilan bien los cambios rápidos o que sufren el impacto*

---

<sup>25</sup> Jornal das 7, TVI, a 19/03/2017: "Políticas Municipais da Cultura" pela Coordenadora do Bloco de Esquerda, Catarina Martins, no Conservatório do Porto.

<sup>26</sup> Martins, 2009: 35.

<sup>27</sup> Idem: 30.

<sup>28</sup> Idem: 49.

*de la crisis económica. La creatividad contribuye a la edificación de sociedades abiertas, inclusivas y pluralistas. El patrimonio y la creatividad contribuyen a la construcción de sociedades del conocimiento dinámicas, innovadoras y prósperas.*<sup>29</sup>

O Património Cultural tornou-se um conjunto que alberga «*recursos heredados do passado*», *testemunha e expressão de valores, crenças, saberes e tradições*<sup>30</sup>. É considerado também como um fator de enriquecimento socioeconómico e um repositório de memória. *O passado e o futuro encontram-se naturalmente.*<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> <http://es.unesco.org/themes/protoger-patrimonio-y-fomentar-creatividad>

<sup>30</sup> Martins, 2009: 44.

<sup>31</sup> Idem: 45.

## 2. Cultura e Artes

A ligação existente entre cultura e artes é de uma relação de simbiose. Através da arte, diferenciamos culturas e a própria cultura enriquece a arte, seja de que maneira for. *Não há arte sem cultura, a arte é o auge da criatividade cultural e onde a cultura se pode reinventar.*<sup>32</sup> *Partindo deste princípio, o entretenimento é o instrumento fundamental para que a arte influencie a cultura. De um modo geral, as pessoas encaram a arte como um serviço público.*<sup>33</sup>

A arte é uma área muito específica, mas que abrange diversas vertentes. Já desde a Pré-História que o Homem se manifesta culturalmente. *A cultura, enquanto criação humana, exige a compreensão do tempo, da história e da sociedade. Assim, a obra de arte, a proposição filosófica, a norma jurídica, uma vez criadas ou formuladas, adquirem vida própria, tornam-se independentes do seu autor e do seu criador, tornam-se portadoras de uma plenitude de ser e de um sentido próprio aberto ao conhecimento e à interpretação.*<sup>34</sup> Expressar cultura faz com que haja transformação, aperfeiçoamento e emancipação. Para uma maior expressão artística, o indivíduo deverá ter o mínimo de conhecimento cultural.

Ao longo da História, através da propagação de doutrinas ou manifestando-se através de outros meios, as artes assumiram um papel importante, sempre com a influência da cultura da época. Atualmente, quando se fala em “arte”, deduz-se logo a ideia de museus, por exemplo, e é algo que está errado. As artes não são apenas as diversas obras artísticas e há que ter esse pensamento presente. São acontecimentos, factos, ideias, expressões, estando sempre em conexão com a cultura.

*As artes e a cultura têm um papel fundamental na construção da cidade e da cidadania, no reforço do sentimento de pertença às comunidades e na promoção*

---

<sup>32</sup> <http://www.muralsonoro.com/mural-sonoro-blog/2014/7/12/arte-cultura-e-entretenimento-brees-consideraes-por-susana-travassos>

<sup>33</sup> Curvelo, 2009: 50.

<sup>34</sup> Martins, 2009: 21.

*do bem-estar social.*<sup>35</sup> Devem ser criados projetos que estimulem a população, que a faça pensar, experienciar artisticamente, algo que tem acontecido recorrentemente através de festivais de artes urbanas, não só a nível nacional e internacional, mas também nos Açores como se tem assistido ultimamente.

Na ilha de São Miguel, mais precisamente, tem-se vindo a verificar um incremento na divulgação das artes nas suas mais variadas maneiras e formas, atraindo cada vez mais população a este tipo de eventos. O Festival de Artes dos Açores – Walk&Talk e o Festival Tremor são dois exemplos de como é possível implementar projetos inéditos numa ilha – e num arquipélago no meio do Atlântico – de modo a atrair público. Ambos surgiram na última década, ganhando uma enorme notoriedade não só em Portugal, mas também no estrangeiro.

Após o 25 de Abril, a arte e a cultura evoluíram devido às transformações ocorridas durante a Revolução e *posterior inscrição dos direitos culturais na Constituição de 1976*<sup>36</sup>, como o *direito à educação, à cultura e ao ensino superior, bem como à participação na vida cultural e à educação física e ao desporto*. Mas só com a criação do Ministério da Cultura em 1995, é que começaram a ser definidas políticas para o sector cultural. Para além dos inúmeros vestígios arquitetónicos que é possível observar no nosso país, o número de espaços culturais aumentou. É um sinal de que a cultura está a ser vista com outros olhos, mas é necessário continuar a trabalhar nesta área.

*A cultura constitui um dos vectores principais, se não o principal, para a afirmação de Portugal no mundo. Em vários círculos e de várias formas: no espaço europeu, no espaço lusófono, na comunidade de todos os povos e nações. A presença regular de criadores e obras nos circuitos internacionais (feiras do livro, mostras de arquitectura e artes plásticas, festivais de cinema e de artes performativas...), a edição dos autores portugueses nos países lusófonos e em línguas estrangeiras, a promoção de co-produções, designadamente no âmbito da CPLP, de obras cinematográficas e audiovisuais,*

---

<sup>35</sup> <https://www.artemrede.pt/v3/index.php/pt/o-que-fazemos/mediacao-cultural>

<sup>36</sup> <http://www.fcsh.unl.pt/media/eventos/40-anos-de-democracia/arte-e-cultura>

*todas constituem esferas de actuação dos respectivos institutos do Ministério da Cultura.*<sup>37</sup> .

A arte e a cultura podem, também, ser utilizadas como instrumentos na resolução de conflitos. Em 2016, em Malta, foi organizada a Cimeira das Artes e da Cultura – realizada pela primeira vez em 2001 na Austrália. Segundo Rana Yazaji, fundadora da associação “Culture Resource”, o papel desta associação *passa por criar narrativas paralelas para dizer que as artes e a cultura podem mudar as coisas (...)*<sup>38</sup>. Tem de existir uma maior envolvência entre músicos, artistas plásticos e atores no combate à violência, no combate à decadência cultural, e não só, que tem vindo a aumentar.

O vocalista da banda maltesa Kafena, que atuou na cimeira, afirmou o seguinte:

*“Olhando para a história do mundo vemos que em cada protesto há uma canção. Por isso, a arte é muito importante, inclusive para a identidade das pessoas. Quem somos? Somos malteses, temos estas melodias que fazem parte da nossa vida. Eu costumo dizer que tudo é político. Porque não a arte?”*<sup>39</sup>.

Contudo, como veremos no ponto seguinte, *hoy el universo del arte y de la cultura em general ha cessado de ser um antimundo, outro mundo. El mundo de la cultura ya participa en las leyes del sistema mediático y económico*<sup>40</sup>. Atualmente, numa sociedade caracterizada pelo consumismo, a arte assume um papel importante na reestruturação de ideias e projetos, semeando assim cultura.

A diversidade encontrada na própria arte possibilita uma maior dinamização na nossa sociedade, como é possível ver *[n]as artes figurativas, que se exprimem através de imagens, como a dança, a escultura, a pintura, a fotografia,*

---

<sup>37</sup> Programa do XVII Governo Institucional: 59.

<sup>38</sup> <http://pt.euronews.com/2016/10/26/a-arte-e-a-cultura-como-forma-de-resolver-conflitos>

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> Gobierno de Canarias, 2009: 57.

*o cinema, a arquitectura, e o videoclip; [n]a literatura, que se exprime através da palavra, falada e escrita, e que compreende as diferentes formas de poesia (lírica, épica, dramática), a narrativa (o romance, as autobiografias, etc.) [n]o teatro, onde também se encontram presentes os aspectos figurativos; e [n]a música, que encontra expressão através dos sons, nas suas diversas formas.<sup>41</sup>*

Toda esta multiplicidade que se encontra presente no nosso quotidiano faz com que as pessoas tenham uma maior consciencialização cultural e criem uma conexão com as artes.

Segundo Leonel Moura, *a cultura contemporânea é hoje um dos principais motores das sociedades desenvolvidas<sup>42</sup>. Mas qual é o lugar da arte no conjunto da vida social?<sup>43</sup> As cidades são, talvez desde sempre, o lugar privilegiado da arte e da cultura, sobretudo das suas expressões mais formalizadas.<sup>44</sup> São os sítios onde se têm maior impacto, sobretudo devido ao fenómeno da globalização.*

---

<sup>41</sup> Crespi, 1997.

<sup>42</sup> Moura, 2008.

<sup>43</sup> Melo, 1994: 7.

<sup>44</sup> Abreu, Ferreira, 2003.

### 3. Cultura e Economia

*Com o advento do século XXI, a Cultura ganhou outra dimensão e deixou de estar circunscrita aos domínios artísticos tradicionais, passando a ser referência na área económica.<sup>45</sup>*

Porém, existe uma falta de rigor conceptual que separa as dimensões da economia e a cultura. Luiz Oosterbeek entende a cultura como *o conjunto de morfologias comportamentais destinadas a identificar e regular as relações que os seres humanos estabelecem entre si, no quadro de adaptação de cada indivíduo, e de cada grupo, ao contexto em que se insere<sup>46</sup>*. Já economia refere-se a *mecanismos de identificação e regulação de produção, distribuição e troca de bens e serviços, que os seres humanos estabelecem entre si, no mesmo quadro<sup>47</sup>*. Mas, estes dois conceitos estão conectados, de certo modo, pois ambos abrangem o comportamento humano, mas sob diferentes perspetivas.

Como já foi referido, cultura tem imensas interpretações. Todavia, David Throsby ao referir-se à relação entre a economia e a cultura, diz que podemos olhar para a dimensão económica como uma base para a política cultural. Atribuiu, ainda, três características às atividades económicas para que possam ser categorizadas como culturais:

- 1. That the activities concerned involve some form of creativity in their production;*
- 2. That they are concerned with the generation and communication of symbolic meaning;*
- 3. And that their output embodies, at least potentially, some form of intellectual property.<sup>48</sup>*

Não há dúvida da importância da economia no que se refere à indústria cultural, visto que aumenta ainda mais o seu desenvolvimento. Os valores

---

<sup>45</sup> Jornal *Açoriano Oriental*, diário, 1 de junho de 2010.

<sup>46</sup> Coleção Públicos, 2007: 28.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Throsby, 2001: 4.

económicos e culturais estão “sempre presentes” quando falamos em ofertas culturais.

### 3.1. Indústria Cultural

A expressão foi utilizada pela primeira vez em 1947 no livro “Dialéctica do Iluminismo” escrito por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. Englobando a arte no capitalismo, mostram que o que importa é o interesse lucrativo por parte de instituições que trabalham no sector das artes. As artes tornaram-se banais, pois em vez de se serem apreciadas pelo seu valor artístico, empregaram um outro objetivo: serem consumidas.

Graças à industrialização, que fez surgir novas invenções, como a fotografia, o cinema e a rádio, *multiplicaram os públicos de produtos culturais*<sup>49</sup>. Com o aumento do nível de vida das famílias, houve um maior acesso ao entretenimento. Presente e influenciável na vida da população, a indústria cultural tornou a nossa sociedade numa sociedade de consumo. Dentro das nossas casas, temos um objeto que se tornou indispensável: a televisão. Transmitindo tudo e mais alguma coisa, pode, de certo modo, influenciar uma pessoa, tornando esta “o objeto” e não “a soberana”.

O entretenimento tornou-se uma das características da indústria cultural. Para Adorno, *os produtos culturais regulam-se pelo princípio do seu valor de troca e não pelo seu próprio conteúdo e de uma lógica formal intrínseca. A prática global da indústria da cultura transpõe o factor lucro, sem quaisquer reservas, para as formas culturais.*<sup>50</sup> Curvelo, por seu turno, pergunta:

*«Na multiplicidade de propostas de consumos e de fruições oferecidas através dos mais diversos suportes e, em não poucos casos, entregues ao domicílio, que lugar, que futuro, para a «oferta cultural», por maior latitude que queiramos emprestar a esta expressão?»*<sup>51</sup>

---

<sup>49</sup> GANEC, 2014: 52.

<sup>50</sup> Adorno, 2003: 98.

<sup>51</sup> Curvelo, 2009: 9.

Para o jornalista Jorge Wemans, Portugal mostra-se como um país cheio de contrastes pois apesar de haver muito analfabetismo e iliteracia, existem muitas ofertas culturais em Lisboa e no resto do país. Segundo o mesmo, *é uma realidade que contesta a imagem estereotipada de um país anódino, inerte, sufocado pelo ciclo trabalho-casa-trabalho*<sup>52</sup>.

Atualmente, *tudo se tornou mais rápido e efêmero*<sup>53</sup>. Existe mais informação, as pessoas tornaram-se exigentes e impacientes no que toca às suas expectativas relativamente à oferta cultural. Segundo Rita Curvelo, *o visitante ou o espectador passivos de ontem dão lugar a um consumidor cultural activo e passivo*<sup>54</sup>, verificando-se assim uma mudança no comportamento do público. Não basta uma instituição ter uma oferta cultural para o seu público. É preciso estudá-lo, saber e compreender melhor os seus gostos de modo a que estes possam ser “saciados”. Tudo isto, *rentabilizando actividades e obtendo lucros financeiros*<sup>55</sup> pois nos dias que correm, a cultura e a economia encontram-se “de mãos dadas”. Qualquer que seja o espaço de cultura, este deve *servir o consumidor da melhor forma possível*<sup>56</sup> e também *despertar-lhe constantemente a atenção*<sup>57</sup>, inovando a sua oferta.

As instituições devem orientar o público relativamente às decisões perante as ofertas culturais. Por mais que o artista seja conhecido pelo público, ou mesmo que não seja o caso, basta que a instituição seja de renome e tenha a confiança do público que a frequenta para que desperte a sua curiosidade. Espetáculos apelativos dependem da sua qualidade e daquilo que irão apresentar ao público. O tipo de espetáculo influencia a escolha do espectador pois cada indivíduo tem a sua própria “bagagem cultural”, os seus interesses e o seu estado de espírito. Se a oferta cultural for diversificada, aumenta o público e fideliza-se o mesmo.

---

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> Idem: 17.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Idem: 18.

<sup>57</sup> Idem.

Mas a globalização também introduziu *no património cultural o efeito da partilha e da convergência de interesse acerca dos bens culturais, inscrevendo-os numa «cultura-mundo» ou numa «indústria da cultura»*<sup>58</sup>. Tornou-se mais importante o valor de troca do produto cultural do que o seu conteúdo. Basicamente, *“quem quer cultura, paga-a”*<sup>59</sup>.

*A cultura redefine-se na sua capacidade de incluir tudo o que tenha a ver com o consumo da cidade: museus, comida, músicas, espectáculos, centros comerciais, a atmosfera nas ruas, tudo isso contribui para o negócio da cultura.*

### **3.2. Gestão Cultural**

William J. Byrnes define o conceito de gestão de arte, fazendo ao mesmo tempo um breve resumo da evolução do mesmo a partir da Antiguidade. Para o autor, *the artist-manager has been the person who created and arranged the meeting of artist and public*<sup>60</sup>, tendo como principais características: a liderança, o impulso criativo e a capacidade de organizar um grupo com objetivos comuns. Além disso, refere que depois da Segunda Guerra Mundial, principalmente, o número de instituições culturais aumentou, recebendo também apoio do estado, como se verificou na Europa e nos Estados Unidos da América.

*A gestão cultural, vista como um conjunto de instrumentos, deve incidir na gestão dos meios, dos recursos*<sup>61</sup>. Na cultura, os recursos são escassos, logo há que otimiza-los e chamar o público.

O principal problema das instituições culturais prende-se precisamente com a questão da sustentabilidade. Há que promover a *participação dos cidadãos na gestão e preservação do Património cultural*<sup>62</sup>, podendo assim destacar o seu valor enquanto recurso de desenvolvimento sustentável. O Estado deve cuidar

---

<sup>58</sup> Custódio, 2010: 348.

<sup>59</sup> SANTOS, Maria de Lourdes, Gomes, Rui Telmo, LIMA, Maria João, MARTINHO, Teresa Duarte, SANTOS, Jorge Alves dos. 2004: 92.

<sup>60</sup> Byrnes, 2003: 18.

<sup>61</sup> Curvelo, 2009: 62.

<sup>62</sup> Martins, 2009: 50.

e manter um bem que é de todos, podendo assim atrair um maior envolvimento da população.

Segundo Byrnes, a gestão cultural contém quatro funções:

1. Planear – é a função mais difícil, onde se determina os objetivos e se traça um plano para o futuro;
2. Organizar – função onde se decide como vai ser feito e por quem, criando um plano e um orçamento, bem como dividir tarefas pela equipa;
3. Liderar – observar o andamento do trabalho e “conduzi-lo” até atingir os objetivos
4. Controlar – monitorizar o trabalho e verificar o seu procedimento e resultado final.

Não faz sentido existir um administrador se não houver um coletivo. Uma organização, para Byrnes, é então definida como *um conjunto de pessoas que trabalham juntas, com divisão de tarefas, para atingir um objetivo comum*<sup>63</sup>. Hierarquias e divisão de trabalho existem na maioria das organizações. Através destes componentes, o trabalho na organização é assegurado pelos membros que o compõem. No que toca às organizações de arte, sendo estas geralmente pequenas e médias empresas, o nível de hierarquia é limitado.

Tida como a figura do topo do organismo, o gestor cultural, por vezes, torna-se o mecanismo de equilíbrio dos poderes do diretor artístico, ao serem atribuídas competências específicas. *An arts manager must plan, organize, implement, and evaluate various marketing and fundraising strategies in an effort to maximize revenue to meet the organization's established objectives.*<sup>64</sup>

Mas, *a falta de subsídios para a cultura é uma constante em todos os países industrializados. Todos eles sofrem do mesmo tipo de dificuldades, não só em termos de verbas que possam patrocinar os espetáculos, como em termos de*

---

<sup>63</sup> Byrnes, 2003: 6.

<sup>64</sup> Idem: 252.

*público, que, na maior parte, é manifestamente insuficiente.*<sup>65</sup> François Colbert refere que aquilo a que se assiste em Portugal não é diferente das situações precárias da cultura em França ou até mesmo nos Estados Unidos da América. Reforça ainda razões pelas quais o Estado deve apoiar a cultura: pela diversidade da oferta, pelos artistas – que são vistos como filósofos devido aos seus pensamentos e multiplicidade de opiniões que podem ser partilhadas na sociedade – e porque a cultura *deve ser encarada não como um custo, mas como um benefício para a sociedade*<sup>66</sup> visto ser algo que enriquece as pessoas.

Contudo, há quem defenda que as artes não devem ser subsidiadas pela população. Na Europa, durante séculos, a religião e a arte eram subsidiadas pelos estados, sendo tidos como os principais meios de ensino. Mesmo após a sua trivialização, os subsídios continuaram. Ernest van der Haag é um defensor nato desta ideia: não devíamos sustentar as artes se nem todos gostamos do mesmo. Tendo a ópera como exemplo, refere o seguinte: *only a small proportion of Americans enjoy it. I do. Yet all tax payers are forced to subsidize performances. I feel guilty every time I attend, thinking of the people whose taxes are used for my enjoyment, although they would rather use their Money for their own enjoyment – perhaps to attend a Madonna concert (unsubsidized)*<sup>67</sup>. Não deixa de ser um ciclo pois acabamos todos a pagar para os outros. Ao fim ao cabo, a população paga tudo sem nunca lá ter ido, desde estádios de futebol, estradas ou aeroportos. Ainda existe muito a ideia de que todos devem contribuir e, na realidade, é o que acontece pois todos pagamos por tudo o que é construído no nosso país, por exemplo.

Instituições culturais como museus e centros de artes performativas estão sob a tutela de municípios ou estados (no caso dos EUA, por exemplo), mas grande parte das organizações de arte, meios de comunicação social e até mesmo equipas desportivas são de empresas privadas, empresas públicas com acionistas ou de organizações sem fins lucrativos. *Há um maior interesse pela*

---

<sup>65</sup> Curvelo, 2009: 51.

<sup>66</sup> *Apud*, idem.

<sup>67</sup> Byrnes, 2003: 5.

*cultura, sobretudo pelo teatro e pela dança*<sup>68</sup> nos EUA, atualmente. Lá, os teatros não são financiados, tendo que viver sem apoios do Estado, mas através dos patrocínios, de apoios particulares e das receitas das bilheteiras. Contudo, nem todos os espaços culturais podem ou têm condições para apresentar o trabalho de um artista por motivos logísticos, de espaço ou pelo facto de selecionarem os artistas em detrimento do gosto do público. Há artistas que chamam mais público e que pisam um determinado palco inúmeras vezes.

*Os equipamentos devem assumir-se como plataformas de desempenho educativo, mais do que prestadores de serviços, ou seja, devem apostar na relação com criadores e estruturas de criação de produção.*<sup>69</sup>

Relativamente à divulgação da oferta cultural, existe nas sociedades atuais uma vasta dimensão no modo como o público é informado. Para além dos habituais meios de comunicação social como o jornal, a rádio e a televisão, a internet é, atualmente *uma das ferramentas mais rápidas e baratas para estabelecer relações fora de portas*<sup>70</sup>. O “website” de uma instituição cultural deve incluir várias informações, começando pela sua missão, pela sua história, a oferta – com os artistas em destaque – a equipa que lá trabalha. *Os horários, mapas, direcções e meios de transporte para chegar ao local*<sup>71</sup> são outras informações relevantes a ter em conta. Existindo pontos de referência, como lojas e restaurantes, também podem e devem estar incluídas no “website”.

No exterior, a colocação de “mupis” e “outdoors”, bem como a distribuição de “flyers” são uma boa promoção, sobretudo para quem não está tão conectado às redes sociais, por exemplo, e também para o denominado “turista cultural”. As SMS são outro recurso, mas logisticamente não são recomendáveis, apesar do telemóvel ser, hoje em dia, um dos objetos pessoais mais utilizados pela população.

---

<sup>68</sup> Curvelo, 2009: 233.

<sup>69</sup> Centeno, 2010: 164.

<sup>70</sup> Curvelo, 2009: 23.

<sup>71</sup> Idem.

Cabe também a quem ocupa o lugar da frente numa instituição, ter em conta o seu equipamento, tornando-o mais atrativo. Um edifício, em muitos casos, do ponto de vista arquitetónico, é *um embrulho tao cativante quanto o presente que está no seu interior*<sup>72</sup>. O interior do espaço deverá oferecer uma maior confortabilidade.

Não esquecendo estes parâmetros, há que estar em sintonia com o local onde se encontra, devendo meter este “no mapa” e acompanhar as mudanças que vão ocorrendo. Promover novos hábitos culturais e formar novos públicos constituem formas de rentabilizar os equipamentos culturais.

---

<sup>72</sup> Curvelo, 2009: 19-20.

## 4. Cultura como fator de desenvolvimento local

Gilberto Gil, ex-ministro da cultura no Brasil entre os anos 2003 e 2008 referiu que não era o Estado que deveria criar cultura. Cabia-lhe sim o papel de formular políticas públicas pois criando *estas para la cultura es, también, producir cultura. En el sentido de que toda política cultural forma parte de la cultura política de una ciudad y de un pueblo, en un determinado momento de su existencia. En el sentido de que toda política cultural no puede dejar nunca de expresar aspectos esenciales de la cultura de ese mismo pueblo. Pero, también, en el sentido de que es necesario intervenir*<sup>73</sup>.

Em 1995, no seu primeiro mandato como primeiro-ministro, António Guterres cria o Ministério da Cultura, dotando-o de meios nunca vistos ao perceber verdadeiramente o papel que a cultura tem no desenvolvimento de um país. *Desviou-se de uma tradicional concepção instrumental e decorativa da cultura, passando a encará-la como modo de afirmação de identidade nacional a partir do exercício do direito dos cidadãos à criação e à fruição culturais (...)*.<sup>74</sup>

Manuel Maria Carrilho, então Ministro da Cultura do Governo de Guterres, *iniciou uma política cultural de democratização cultural*<sup>75</sup>, algo que já não se verifica tanto na atualidade. Nesta época, a descentralização era uma preocupação, sobretudo em relação a equipamentos. Para Helena Neves, o que deveria ter sido feito *era uma descentralização em termos de espaços de produção (...) e de fruição culturais*<sup>76</sup>.

Para potenciar o domínio cultural, económico e local pode-se simplesmente efetuar criações, como bibliotecas com livros virtuais, restauro de cineteatros ou até mesmo de um arquivo municipal que possa estar bem localizado e instalado de modo a ser acessível para a população. Através das potencialidades e do valor de um bem, este torna-se *fonte de desenvolvimento sustentável e de*

---

<sup>73</sup> Gobierno de Canarias, 2009: 9.

<sup>74</sup> OAC, 2002: 108.

<sup>75</sup> Idem: 93.

<sup>76</sup> Idem: 95.

*qualidade de vida numa sociedade em constante evolução*<sup>77</sup>, levando assim a um maior aumento cultural num determinado espaço.

Se numa determinada localidade, a população não está habituada a um certo tipo de espetáculo, esse mesmo, pelas razões óbvias, deve ser representado de modo a que possa existir uma articulação entre a produção cultural e a população local. O espetador contempla-se na escolha de um espetáculo: por causa do artista em questão, da própria instituição ou até mesmo somente para ocupar o seu tempo livre, tendo assim uma oportunidade de convívio. Não esquecendo também razões de cariz intelectual. Os espaços culturais de uma cidade, por exemplo, fazem com que exista uma maior dinâmica noutros sectores, como a restauração e a animação noturna por exemplo.

*A cultura não só é uma ferramenta de desenvolvimento económico, mas também social. Assim, em sintonia com uma oferta cultural abundante, importa que as pessoas vivam em cidades e vilas dotadas de uma boa rede de transportes, beneficiem de horários de funcionamento de espaços públicos que tenham em conta a organização diária do ritmo de vida das pessoas. Por exemplo, de que serve ter uma boa exposição de artes visuais num museu ou galeria municipal que fecha às 5 da tarde e está fechado ao fim de semana?*<sup>78</sup>

Para Paulo Penisga, devem ser criadas parcerias entre escolas e museus e auditórios pois assim podem fazer usufruto a partir dos mesmos. De que vale ter um espaço cultural e não o explorar nas mais diversas vertentes? O professor de História refere ainda que os cidadãos devem ter iniciativa e intervir no desenvolvimento de uma região, sobretudo com o apoio das autarquias e do Governo.

Não existem dúvidas acerca do contributo das atividades culturais numa determinada localidade. A cultura cria postos de trabalho, mais precisamente profissões culturais e artísticas, bem como agentes culturais. Uma área que sempre foi vista como parente pobre pelas demais, como a economia, por

---

<sup>77</sup> Martins, 2009: 158.

<sup>78</sup> <http://barlavento.pt/opiniao/desenvolvimento-e-cultura>

exemplo, já referida acima, a sociologia, entre outras. Sendo um poço de diversidade, há que aproveitar a cultura para desenvolver freguesias, vilas e cidades pois em todas estas, existe, nem que seja um pouco, de memória. *A cultura redefine-se na sua capacidade de incluir tudo o que tenha a ver com o consumo da cidade: museus, comida, espectáculos, centros comerciais, a atmosfera nas ruas, tudo contribuí para o negócio da cultura.*<sup>79</sup>

A nível educativo, saliente-se a importância que a cultura tem pois através de serviços educativos ou de outros trabalhos com crianças e jovens, começa a ser fomentado um público de uma geração futura, junto dos quais começam a ser despertados novos hábitos e novas apetências.

*No entanto, dois fenómenos marcam a cultura em Portugal nos últimos anos: uma expansão do investimento autárquico (a partir dos anos 80) e um aumento da vitalidade no próprio terreno.*<sup>80</sup>

As autarquias têm tido um papel muito importante ao verificar que a cultura é uma ferramenta chave no desenvolvimento de uma localidade. *A política cultural de cada autarquia (instância de mediação) diferencia-se em função de um conjunto de factores: as linhas programáticas de investimento na cultura, a natureza das equipas de cultura camarárias, a programação cultural, a disponibilidade de equipamentos e a acção dos agentes locais.*<sup>81</sup> Ao tornarem-se proprietárias de espaços culturais, as autarquias tornam-se agentes de políticas culturais. Grande parte dos teatros nacionais encontra-se ao serviço dos municípios e é a partir destes espaços que se pode visualizar a dinâmica cultural do município em questão.

Na Região Autónoma dos Açores, verifique-se o papel de destaque que a cultura tem tido no seu desenvolvimento. Nas diversas ilhas, observamos a existência de inúmeros projetos *contidos no programa de defesa e valorização*

---

<sup>79</sup> Centeno, 2010:147.

<sup>80</sup> Idem: 135.

<sup>81</sup> Idem: 138.

do património arquitectónico e cultural<sup>82</sup> pois é através da sua identidade que o arquipélago poderá promover-se, atraindo investimentos. Ao envolver-se diretamente com a comunidade, através de escolas, associações, empresas, por exemplo, o equipamento cultural «não está apenas a potenciar a sua procura e a assegurar o seu futuro»<sup>83</sup>. Está também a criar um enraizamento pois o relacionamento entre equipamentos culturais e associações incentivam a uma maior dinamização local.

*Para um país com as características económicas e de produtividade que são hoje as de Portugal, que tem no turismo uma das suas principais fontes de riqueza<sup>84</sup>, a cultura tem de ser um fator de investimento. Devem ser criadas estratégias de comunicação – já referidas acima – criar uma ligação com o espaço onde está inserido, bem como aproveitar a área turística. O envolvimento das autarquias, da restauração e da hotelaria tornam um imóvel num instrumento de desenvolvimento local<sup>85</sup>. Segundo Filipe Serra, não há maior factor de progresso do que a cultura<sup>86</sup>.*

Relativamente ao turismo, um sector que tem vindo a crescer exponencialmente, há que tirar partido da sua ligação com a cultura. A procura de museus, monumentos e atividades ligadas às artes visuais e performativas edifica assim o conceito de turismo cultural. A preocupação em conservar a identidade cultural de uma comunidade aumentou, passando a valorizar-se certos aspetos. *O turismo sustentável, as indústrias culturais e criativas, bem como a revitalização urbana baseada em seu património são poderosos subsectores económicos que geram empregos verdes, estimulam o desenvolvimento local e incentivam a criatividade.*<sup>87</sup>

O turismo e a cultura têm estado de mãos dadas, sobretudo em destinos onde o mercado do turismo cultural tem vindo a crescer e a ganhar mais qualidade.

---

<sup>82</sup> Jornal Açoriano Oriental, 1 de junho de 2010.

<sup>83</sup> Centeno, 2010: 163.

<sup>84</sup> OAC, 2002: 108.

<sup>85</sup> Curvelo, 2009: 64.

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/cultura-and-development/culture-in-sustainable-development/>

Numa região periférica como o arquipélago dos Açores, o turismo de natureza é visto como a principal oferta. No entanto, devido aos recursos culturais, derivados do património cultural que existe nas nossas ilhas, é possível oferecer não só turismo de natureza, mas também turismo cultural.

Com o aumento da atividade turística<sup>88</sup>, os Açores devem e têm de tirar proveito daquilo que pode oferecer culturalmente. Estando a cultura “presente em cada canto”, deve ser oferecido ao turista cultural um melhor conhecimento, aproveitando assim os circuitos turísticos. Procura relacionar-se diretamente com as experiências e vivências de um modo de vida de um povo. Para muitos turistas, a cultura é um fator secundário nas suas viagens. Para outros, é o principal motivo a ter em conta na escolha do seu destino.

Numa ilha como São Miguel, com 137 699 habitantes<sup>89</sup>, há que fomentar a fruição cultural e turística sobretudo, tendo em conta o aumento da atividade deste último sector nos Açores. As pessoas devem ter mais acesso à cultura. Como promover a oferta cultural? Como atrair mais público?

O público deve ser estudado, mas sobretudo escutado. Questionar as pessoas, por exemplo: saber o que gostariam de ver na sua terra, em que projetos gostariam de fazer parte. Conhecer as suas rotinas. A divulgação da oferta cultural também é uma questão importante e que deve ser bastante trabalhada.

Mas para além da população local, *a oferta local deve ser adequada de forma a possibilitar experiências distintivas ao turista*<sup>90</sup>. É necessário investir mais ainda em projetos culturais, potenciando sobretudo a cultura açoriana. Esta deverá ser o ponto de partida para implementar *experiências distintivas ao*

---

<sup>88</sup> Em 2016, o crescimento turístico nos Açores evoluiu 21% e na ilha de São Miguel, principalmente, sentiu-se este crescimento a partir da liberalização do espaço aéreo do arquipélago. Além do mais, esta mesma ilha encontra-se na rota de cruzeiros entre o outono e a primavera.

<sup>89</sup> Censo de 2011. Segundo o mesmo censo, contabilizou-se 68 809 habitantes no concelho de Ponta Delgada, 32 112 habitantes no concelho da Ribeira Grande e 14 416 no concelho de Lagoa.

<sup>90</sup> Artigo 7, Diário da República, 1.ª série – N.º67 – 4 de Abril de 2007.

*turista*<sup>91</sup>. Além do mais, há que ter em conta a divulgação da oferta cultural existente para este tipo de público. Sendo os pontos turísticos, restaurantes e aeroportos, principalmente, os locais de passagem pelo turista, uma parceria entre estes equipamentos e pelo equipamento que se está a promover, só é uma mais valia, passando a ser parte integrante da própria oferta turística

*A cultura tem vindo a desenvolver-se como uma actividade económica e tem conseguido legitimar-se como motor de desenvolvimento, especialmente na sua relação com a educação, as comunicações, o turismo e o design.*<sup>92</sup> As cidades açorianas, principalmente, têm dotado cada vez mais a cultura como um dos principais motores de desenvolvimento económico, não só através dos espaços culturais, como os teatros, mas também de museus, bibliotecas e casas da cultura e, também, as festividades locais. A população tem ganho mais consciência e começa a ter noção daquilo que existe em seu redor, respeitando e conservando.

É um trabalho que, nos últimos anos, tem vindo a desenvolver-se, mas que nunca deve ser posto de parte. Assumindo-se como uma forma de lazer, a cultura encontra-se à disposição de todos, acentuando-se como um fator de desenvolvimento local.

---

<sup>91</sup> Idem.

<sup>92</sup> Centeno, 2010: 145.

# Capítulo II: Três espaços culturais sob observação

## 1. Teatro Micaelense

### 1.1. Biografia de uma sala de espetáculos

Em 1631, foi efetuada a primeira manifestação de teatro em Ponta Delgada. *Promoveram-na os jesuítas que, em jeito de elogiosa celebração, fizeram representar no seu colégio, em 15 de Junho.*<sup>93</sup> Existem registos de *arremedilhos, entremezes e pantominas que no século XVIII teriam sido realizados em espaços ao ar livre*<sup>94</sup> pela ilha de São Miguel.

*Datam do início do século XVIII, as primeiras notícias sobre a existência de um teatro em Ponta Delgada, no Paço do Conde da Ribeira Grande. Era uma sala de pequeníssimas dimensões, onde os curiosos representavam peças simples com o único propósito de entreter as suas famílias. Mais tarde seria demolido pelo 1.º Barão da Fonte Bela, para dar lugar à construção do seu palacete.*<sup>95</sup> Finda a construção em 1833, o Palácio Fonte Bela<sup>96</sup> veio substituir um dos granéis existentes na cidade, fazendo com que deixasse de existir aquele que era o *mais antigo espaço de empírica organização teatral que Ponta Delgada conheceu*<sup>97</sup>.

Devido a esta situação e pela falta de um equipamento que servisse os interesses culturais, José do Canto<sup>98</sup> ordenou a construção do Teatro de São

---

<sup>93</sup> Sousa, 1995: 11.

<sup>94</sup> Idem.

<sup>95</sup> Sousa, 2006: 4.

<sup>96</sup> Atual Escola Secundária Antero de Quental.

<sup>97</sup> Sousa, 1995: 11.

<sup>98</sup> “Nascido em São Miguel, Açores, no dia 20 de Dezembro de 1820, era filho do morgado José Caetano Dias do Canto Medeiros e de D. Margarida Isabel Botelho e irmão de Ernesto do Canto (...) foi presidente da Junta Geral do Distrito, fundador da Sociedade Promotora de Agricultura Micaelense e criador de dois jardins modelos (dos mais belos e notáveis do país), um em Ponta Delgada e outro nas Furnas (...) foi também ao seu árduo empenho que se deveu a construção da doca do porto de Ponta Delgada. Ficou conhecido pela sua paixão pela obra camoniana, a

Sebastião na Rua da Fonte Velha<sup>99</sup>. Era um edifício mais espaçoso e que apresentava melhores condições do que o que havia sido demolido. Serviu Ponta Delgada durante cerca de quarenta anos, tendo passado pelo seu pequeno palco *grupos de amadores e companhias profissionais que, em temporadas regulares, serviram o gosto das famílias micalenses de mais alto estatuto social, nos géneros dramáticos e outros divertimentos lúdicos que Lisboa conhecia*<sup>100</sup>. Encerrou definitivamente no início da década de 60. Ponta Delgada carecia de um local maior e que respondesse às exigências e necessidades.

Mas no século XIX, os Açores ainda viviam relativamente atrasados em relação a Portugal Continental e ao resto do mundo. Na segunda metade do século, após a guerra civil portuguesa, havia *a intenção de civilizar a vida das ilhas, nomeadamente, em São Miguel*<sup>101</sup>. Almeida Garrett, António Feliciano de Castilho<sup>102</sup> e Ernesto do Canto<sup>103</sup> foram algumas das personalidades que influenciaram a vida cultural da população micalense.

---

qual estudou e colecionou as mais variadas edições. Também dedicou parte do seu tempo ao estudo e investigação de outros poetas do século XVI. Além de pequenos opúsculos de interesse local, escreveu: *Calendário Rústico*, 1851; *Centenário de Camões. Catálogo da colecção camoniana exposta na Biblioteca de Ponta Delgada*, 1880; *Colecção Camoniana*, 1895; *Tarde e noite de Maio* (novela inédita) e muitos artigos de valor no *Agricultor Micalense*, que fundou. Em 1874 ofereceu à Biblioteca Pública de Ponta Delgada nada menos do que 1.275 espécies de avultado valor. Este homem que se dedicou à agricultura e que foi bibliófilo açoreano viria a morrer a 10 de Julho de 1898, sendo sepultado na igreja de Nossa Senhora da Vitória, que fez edificar no meio da Lagoa das Furnas.” in [http://www.bparpd.azores.gov.pt/documents/jose9\\_do\\_canto.html](http://www.bparpd.azores.gov.pt/documents/jose9_do_canto.html)

<sup>99</sup> Atual Rua Manuel da Ponte.

<sup>100</sup> Sousa, 1995: 12.

<sup>101</sup> Dias, 2004: 31.

<sup>102</sup> Nascido a 28 de janeiro de 1800 e falecido a 18 de junho de 1875 em Lisboa. Com apenas 6 anos, ficou cego devido ao sarampo, mas já sabia ler e escrever. Com a ajuda do irmão Augusto Frederico prosseguiu estudos na Universidade de Coimbra. Tendo a literatura como área de eleição, aprofundou e escreveu várias obras. Durante a sua passagem pelos Açores, mais precisamente Ponta Delgada, fundou o jornal “Agricultor Michaelense” e a Sociedade dos Amigos das Letras e Artes. Contribuiu para a criação de escolas de cariz gratuito nas ilhas. A leitura e a instrução foram algo sempre tidas na doutrina de Castilho. Viria a ser nomeado Comissário Geral de Instrução Primária em 1853.

<sup>103</sup> Irmão de José do Canto, nascido a 12 de dezembro de 1831 em Ponta Delgada. Estudou Filosofia na Universidade de Coimbra. Historiador e bibliófilo, deve-se a Ernesto do Canto a publicação do “Arquivo dos Açores”, um conjunto de obras relativas à história do arquipélago açoriano. Foi presidente da primeira Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada. Faleceu a 21 de agosto de 1900 em São Roque, na mesma freguesia que o vira nascer.

### 1.1.1. O Primeiro Teatro Micaelense (1864-1930)

Em 1848, foi fundada a Sociedade dos Amigos das Artes e Letras (SAAL)<sup>104</sup> com o objetivo de dotar a cidade de Ponta Delgada de um espaço que acomodasse uma escola, secretaria, teatro, filarmónica, museus e outras atividades culturais<sup>105</sup>. Esta intenção não se cingia só a Ponta Delgada, mas sim ao resto da ilha de São Miguel, promovendo assim a educação e, por conseguinte, a cultura da população.

Para a construção de um edifício deste porte, o grande entrave eram os meios para que a mesma avançasse. A 28 de abril de 1852, viriam a ser feitos peditórios por São Miguel para a obra, mas dez dias antes de tal acontecer, a ilha sofreu um violento terramoto<sup>106</sup>, obrigando a que as prioridades fossem alteradas devido aos prejuízos causados. Suspende-se o peditório e a SAAL empenha-se na construção de escolas e toma posição sobre o destino a dar às ruínas da igreja de São José, em Dezembro de 1856<sup>107</sup>.

No ano seguinte, é constituída a primeira direção da Sociedade Theatral Michaelense, formada por João José Silva Loureiro, Ernesto do Canto, Jacinto Soares de Albergaria, Jacinto de Teles Adam e Capitão Luís de Bettencourt Corte Real. A STM viu-lhe ser concedido o espaço para a sua atividade pela SAAL.

Entre 1859 e 1862, arranjar fundos para construção do teatro constituiu-se uma tarefa que parecia não ter fim. Para o arranque da construção, seriam necessários 12 contos reais. *O plano do que se chamou Teatro Micaelense, elaborado por B. Augusto Serra, teve desenhos de pormenor de Herculano*

---

<sup>104</sup> Instituição formada a 9 de setembro de 1848 pelo poeta Castilho.

<sup>105</sup> Dias, 2004: 31.

<sup>106</sup> "A 16 de Abril de 1852, cerca das 22:05 horas um forte sismo foi sentido em toda a ilha de S. Miguel. Afectou de modo particular a costa NW, desde os Mosteiros até Santo António, e a Lomba de Santa Bárbara (Ribeira Grande) onde atingiu uma intensidade máxima de VIII (EMS-98), provocando também prejuízos em toda a costa N e zona central da ilha incluindo a cidade de Ponta Delgada e as vilas da Ribeira Grande e Lagoa. Contabilizaram-se 9 mortos e vários feridos graves. O evento desencadeou diversos movimentos de massa nas zonas onde atingiu maior intensidade. Sabe-se que este sismo foi ainda sentido em todas as ilhas do Grupo Central bem como na ilha de Santa Maria." in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 16: 86.

<sup>107</sup> Dias, 2004: 32.

*Gomes Machado, irmão de Carlos Machado.*<sup>108</sup> No jornal “Açor”, foi publicado que o desenho do teatro custaria cerca de 8.550 reais fortes. Com esta projetura, um novo orçamento é feito: 17 contos reais.

*Em 1862, uma nova Comissão providencia a angariação de mais acionistas e consegue novas participações financeiras, das quais as mais vultuosas foram as do Visconde da Praia, com um conto, José Jácome Correia e José do Canto, com 500 mil reis cada, seguindo-se-lhes o Barão das Laranjeiras, com 240 mil reis e o Barão da Fonte Bela com 120 mil reis.*<sup>109</sup> No mês de dezembro desse mesmo ano, já durante a construção do Teatro, foi contraído um empréstimo de 6 contos de reis e os acionistas concluíram que o mesmo custaria cerca de 21 contos.

*Esta comissão era simpatizante da política liberal e, alguns deles, como Nicolau Bettencourt, Filipe d’Andrade e José Pereira Botelho, tinham ligação à maçonaria micalense*<sup>110</sup>. Durante as décadas de trinta e quarenta do mesmo século, a maçonaria micalense apresentava-se *sob a forma de duas lojas maçónicas*<sup>111</sup>, tendo, entretanto, encerrado, transformando-se em *sociedades recreativas que continuaram a ser centros políticos*<sup>112</sup>. Pode-se deduzir, então, que a ideia da construção do TM tenha sido originada por indivíduos que pertenciam à maçonaria.

O local escolhido<sup>113</sup> para a projeção do TM foi onde se encontrava a Igreja de São José em ruínas – já referido acima - devido à profanação aquando da abolição das ordens religiosas, tendo estas passado a estar sob o domínio da SAAL. Ao contrário da Horta e de Angra do Heroísmo que já tinham construído os seus próprios teatros em 1856 e 1860 respetivamente, Ponta Delgada não tinha ainda o seu construído de raiz.

---

<sup>108</sup> Sousa, 1995: 13.

<sup>109</sup> Dias, 2004: 32-33.

<sup>110</sup> Sousa, 2006: 5.

<sup>111</sup> Idem. Estas duas lojas designavam-se por União Açoriana e Loja 11 de Agosto de 1829 que, posteriormente, originaram o Clube Micalense.

<sup>112</sup> Idem.

<sup>113</sup> Ver Figura 36.

Em 1861, dá-se início à construção do teatro, começando com a demolição da antiga igreja, tendo esta fase durado cerca de seis meses. *O termo da obra terá sido provavelmente em Outubro de 1864.*<sup>114</sup> O engenheiro Ricardo Júlio Ferraz, antigo Diretor de Obras Públicas do Distrito, supervisionou as obras, tendo sido os arquitetos Augusto Serra e Herculano Gomes Machado, os responsáveis pelo projeto. No que se refere à arte cénica, o italiano Hércules Lambertini encarregou-se do palco, juntamente com Cândido Xavier. *Outro artista que colaborou na execução cenográfica foi Guilherme Lima.*<sup>115</sup>

A 25 de março de 1865, dá-se a inauguração oficial do Teatro Micaelense, embora o espaço tenha sido *anteriormente aberto ao público, fazendo uso das áreas concluídas*<sup>116</sup>. Inicialmente, o edifício não se limitaria apenas ao teatro, tendo sido designado por Solar. Aliás, *a designação de Micaelense para o teatro não constava em documento algum, sugerindo que tenha sido adotada com a formação da Sociedade com o mesmo nome*<sup>117</sup>. Conforme Francisco Maria Supico<sup>118</sup> relatou, *a casa estava resplandecente de flores e luzes e todos os lugares ocupados pela mais selecta sociedade micaelense. O palco mostrava uma deslumbrante vista de salão régio*<sup>119</sup>. *A festa inaugural anunciada às 8 e meia da noite por girândola de foguetes, iniciou-se com o hino do teatro*<sup>120</sup>, da autoria de José Maria do Couto e música de Guilherme Pereira Rangel. Neste evento, veio uma companhia de atores do Teatro da Trindade tendo os mesmos representado algumas peças.

*Arquitetonicamente, o TM foi construído às semelhanças dos teatros Apolo (Figura 1 e Figura 2) e Trindade de Lisboa*<sup>121</sup>. Segundo Nestor de Sousa, era *um projeto de matriz neoclássica, com simplificação dos elementos*

---

<sup>114</sup> Sousa, 2006: 10.

<sup>115</sup> Sousa, 1995: 14.

<sup>116</sup> Idem.

<sup>117</sup> Sousa, 2006: 7.

<sup>118</sup> Natural da Lousã, nasceu a 1 de novembro de 1830. Jornalista e investigador, mudou-se para São Miguel no ano de 1852. Foi redator e colaborador em vários jornais locais micaelenses. Teve uma grande participação na vida social, tendo sido fundador e diretor de várias instituições de caridade e de recreio. Na área política, foi o Presidente da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada. Viria a falecer a 20 de agosto de 1911.

<sup>119</sup> Dias, 2004: 34.

<sup>120</sup> Sousa, 1995: 13.

<sup>121</sup> Dias, 2004: 34.

definidores [...] na justaposição de esquemas que o oitocentismo português revela<sup>122</sup>. Possuía um amplo e enorme átrio de entrada, com acesso por cinco portas de arco redondo (Figura 3 e Figura 4), tendo, de cada lado, bilheteira e bengaleiro. Ao nível do 1.º andar, situavam-se o salão, a secretaria e as toillettes para senhoras. No 2.º andar, de frontão triangular, ficava a sala de pintura. A sala de espectáculos, de forma circular, media 18,40 metros de comprimento por 22,40 de largura e era envolvida por corredores de 3,5 metros de largura. Nela se dispunham 16 frisas, 38 camarotes, 12 torrinhas, 42 lugares de superior, 216 de geral e 102 de galeria. O palco, com a boca de cena de 7,5 metros de largura, separava-se da plateia pelo fosso de orquestra, com capacidade para 30 músicos. Dispunha ainda de 19 camarins, mais um camarim colectivo, salas para ensaios de coros, guarda-roupa, oficinas técnicas e de arrecadação, e um café, independente, com entrada pelos corredores e pelo exterior.<sup>123</sup>



Figura 1 – Fachada do Teatro Apólo, s/d  
Fonte: “Base Icónica do Teatro em Portugal” in <http://opsis.fl.ul.pt>

<sup>122</sup> Sousa, 1995: 13.

<sup>123</sup> Dias, 2004: 34/35.



Figura 2 – Interior do Teatro Apólo, s/d

Fonte: Blog “Restos de Coleção” in <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2015/04/teatro-apollo.html>



Figura 3 – Teatro Micaelense na Antiga Rua Direita, s/d

Fonte: Blog “Restos de Coleção” in <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/12/teatro-micaelense.html>



Figura 4 – Fachada principal e lateral do Teatro Micaelense, s/d  
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/filipefranco/6976074465/in/photostream/>

Devido à diversidade de espetáculos que apresentava<sup>124</sup>, o TM era tido como *uma casa de espetáculos músico-teatrais*<sup>125</sup>, enquadrando-se no estilo de teatros italianos construídos a partir do século XIX. Segundo Rosselli, *este tipo de teatro era geralmente construído em cidades pequenas e distantes*<sup>126</sup>, como era o caso de Ponta Delgada.

Mesmo após a sua construção, o TM foi sofrendo remodelações continuamente, *adaptando[-se] às exigências de gosto da aristocracia que o frequentava e à demanda do progresso. A colocação de um candeeiro a petróleo no tecto, as ornamentações de madeira entalhada e gesso dourado, o alargamento do proscénio e as adaptações técnicas para a visualização de filmes*<sup>127</sup> foram algumas das transformações efetuadas no Teatro, que só veria as obras serem concluídas em pleno dali a alguns anos. Contudo, sofreu ainda obras de ampliação e melhoramento entre 1898 e 1905, *para a instalação do primeiro cinematógrafo açoriano*<sup>128</sup>.

---

<sup>124</sup> A ser explorado no ponto 1.3.1.

<sup>125</sup> Sousa, 2006: 119.

<sup>126</sup> Idem.

<sup>127</sup> Dias, 2004: 35.

<sup>128</sup> Sousa, 2006: 15

Sessenta e cinco anos após a sua abertura oficial, um incêndio assolou o TM por completo. A 9 de fevereiro de 1930, no final da noite, cerca das 10 horas, o operador cinematográfico e um ajudante estavam a enrolar os filmes que haviam sido exibidos naquele dia, *num compartimento anexo à cabine, faíscas lançadas pelo motor eléctrico em ação alcançaram o filme*<sup>129</sup>. O incêndio alcançou as madeiras do compartimento e por conseguinte o resto do edifício.

*Em pouco mais de uma hora, o Micaelense estava invadido pelas chamas quedando sepultado nos seus escombros.*<sup>130</sup> Para além da destruição do TM, o incêndio ainda ameaçou edifícios circundantes. Os periódicos de então relataram o acontecimento pormenorizado do que havia ocorrido. *Muito do interior do edifício foi reduzido a cinzas, escapando apenas os camarins, o foyer e o café anexo. O mobiliário foi grandemente danificado, resultando em prejuízos avultados, visto que o Teatro estava seguro por uma quantia muito inferior àquilo que realmente valia.*<sup>131</sup> (Figura 5)

---

<sup>129</sup> Situação corrente, pois, as películas dos filmes até à década de 50 eram inflamáveis devido ao nitrato de celulose.

<sup>130</sup> Dias, 2004: 36.

<sup>131</sup> <http://historiadosacores.tumblr.com/post/71026862743/o-teatro-micaelense>

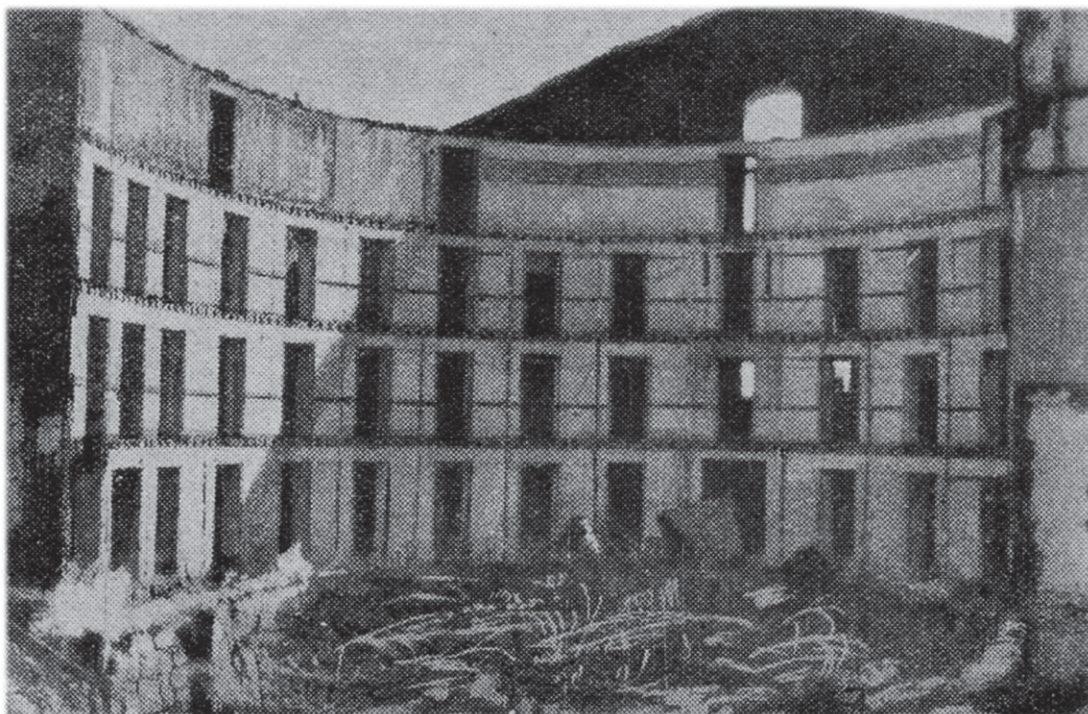


Figura 5 – Ruínas do Teatro Micaelense após o incêndio, 1930  
Fonte: “Base Icónica do Teatro em Portugal” in <http://opsis.fl.ul.pt>

Depois do sucedido, *procuram-se as culpas e sobram as críticas*<sup>132</sup>. A imprensa lançou várias explicações para a ocorrência fatídica: falta de fiscalização e de água, deficiências do material e défice de formação dos operacionais.

Como consequência do incêndio ocorrido no TM, o Coliseu Avenida<sup>133</sup> é encerrado temporariamente para se verificar as suas condições de segurança. Surge então novamente um propósito para STM: arranjar fundos para a reconstrução do Teatro. Luís de Bettencourt, diretor da STM, *resolveu que a construção devia, essencialmente, ser da responsabilidade dos sócios e de todos os micaelenses que quisessem juntar-se a eles*<sup>134</sup>. Seriam necessários *vinte e quatro mil acções ao preço de 50\$00*<sup>135</sup> por unidade. Tarefa que não foi bem-sucedida, pois ao fim de seis meses após o incêndio, haviam apenas 1947 subscrições de acções. *De Lisboa, chegara exemplo de solidariedade e afectuosa*

---

<sup>132</sup> Dias, 2004: 36.

<sup>133</sup> Atual Coliseu Micaelense.

<sup>134</sup> Aguiar, 2008: 11.

<sup>135</sup> Sousa, 1995: 15.

*lembrança de tempo ainda recente. O casal Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro<sup>136</sup> contribuíra com 10.000 escudos, quantia avultadamente superior à de muita gente rica micaelense.<sup>137</sup>*

Para José Bruno Tavares Carreiro, fundador e diretor do jornal “Correio dos Açores” na altura, era necessário que o TM ressurgisse das cinzas *para na Cidade voltar a desempenhar a função a que o consagraram<sup>138</sup>*. Na sua opinião, o teatro não seria *apenas um local de prazer e de diversões<sup>139</sup> (...) mas um instrumento, uma escola de cultura e de educação<sup>140</sup>*.

Além do mais, segundo José Bruno Tavares Carreiro, o teatro não deveria ser visto como um interesse privado e de quem o explorava, mas sim de interesse público, em prol de toda a população, para que esta tivesse o direito de frequentar um espaço que havia sempre sido considerado elitista. Como local de desenvolvimento cultural e social, o TM deveria ter as portas abertas para toda a população e não unicamente para uma parcela da mesma. Assumindo-se, também, como ferramenta de educação, e relembrando novamente o sonho de Castilho, o TM promovia somente diversão, deixando a instrução de parte, situação que iria sofrer um revés dali a muitos anos.

Devido à dificuldade em reunir verbas necessárias, em novembro de 1931, dá-se início à demolição dos escombros do TM, dando lugar ao atual Jardim de Sena Freitas<sup>141</sup> na década de 40 (Figura 6 e 7), encerrando-se assim *a intenção de reabilitação do malogrado<sup>142</sup> Teatro*.

---

<sup>136</sup> Companhia de teatro português criada pelo casal Amélia Rey Colaço (1898-1990) e Manuel Robles Monteiro (1888-1958). Foi uma das companhias mais importantes da história do teatro em Portugal. Data de 1921 a sua primeira apresentação no Teatro São Carlos. Até esta data, foram realizando tournées pelo país, bem como Açores, Madeira e Brasil. A partir de 1929, a gestão do Teatro Nacional passa a ser feita pelo casal durante mais de 30 anos, mais precisamente até 1964, aquando do incêndio que destruiu aquele teatro. Palmira Bastos, Raul de Carvalho, João Perry e Eunice Muñoz são alguns dos nomes que passaram por esta companhia, tendo alguns, inclusive, iniciado aí a sua carreira. Apresentaram inúmeras peças, não só como encenadores, mas também como atores. Em 1974, a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro é extinta após um grande percurso e contributo para o teatro português.

<sup>137</sup> Sousa, 1995: 15.

<sup>138</sup> Aguiar, 2008: 11.

<sup>139</sup> Idem.

<sup>140</sup> Idem.

<sup>141</sup> Atualmente, este jardim é conhecido pela população como “Jardim da Zenite”.

<sup>142</sup> Dias, 2004: 38.



Figura 6 – Teatro Micaelense, 1897  
Fonte: Facebook “História dos Açores”



Figura 7 – Jardim Sena Freitas, 2017  
Fonte: Própria

### 1.1.2. O “novo” Teatro Micaelense (1951 - Finais século XX)

Dezasseis anos após o incêndio, o Conselho de Administração da Companhia de Navegação Carregadores Açorianos *decide erguer um teatro – uma decisão ovacionada na sessão camarária do dia 11 de fevereiro, em que o anúncio foi feito por Francisco Luís Tavares, e logo apoiada por toda a população*<sup>143</sup>.

A construção de um novo TM enquadra-se numa altura em que a cidade de Ponta Delgada era alvo de uma campanha de várias construções: Campo de Jogos Marques de Jácome Correia, primeiro edifício do Plano de Centenários e a Avenida Marginal. *A cidade arranja-se para que lhe seja devolvido o seu Teatro.*<sup>144</sup> *O rasgamento da Av.Marginal e a reconstrução de toda a frente edificada transformaram profundamente a cidade, substituindo o tecido urbano estruturado em ruas estreitas, que se aproximavam do mar e que se tinham consolidado ao longo dos séculos, por uma frente construída, monumental e de traçado moderno.*<sup>145</sup>

O espaço escolhido para a construção do novo TM localizava-se na Rua de São João, onde desde 1866 um antigo convento de freiras<sup>146</sup> (Figura 8) estava abandonado, tendo servido de quartel (Figura 9) do Regimento de Infantaria nº 26 até à década de 40.

---

<sup>143</sup> Idem.

<sup>144</sup> Idem.

<sup>145</sup> Vasconcelos, 1980: 19.

<sup>146</sup> “Entre o Convento de Santo André e o dos frades gracianos, acima e um pouco para leste deste, com a portaria voltada para norte, para a rua a que deu o nome, e igreja com frontispício para nascente, situava-se o convento de S.João Ante Portam Latinam. Foi fundado pelo mercador e tabelião Manuel Martins Soares e sua mulher Maria Jácome Raposo (...) a conclusão do mosteiro é posterior à da igreja, tendo sido realizada pela viúva já no século XVII. A morte surpreendeu o mercador antes que a edificação estivesse completa, como o confirma a viúva na escritura de dote datada de 10-8-1602 (...) em 1847, a igreja já estava profanada. Serviu de cavaliçã ao batalhão aquartelado no convento e de oficina do mesmo (...) No decurso do século passado foi-se consumando o negro fadário da igreja do convento de S.João Evangelista Ante portam Latinam. A abóboda abateu e ruiu completamente em 1895. E assim ficou esventrada por longos anos, até que o seu frontispício e arruinados alçados foram demolidos, juntamente com o restante edifício conventual, na segunda metade da década de 1940” in *A Arquitectura Religiosa de Ponta Delgada nos séculos XVI a XVIII*, 1986: 213-215. Na procissão de domingo em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres, o trajeto da mesma percorre as principais artérias da cidade de Ponta Delgada, passando pelas igrejas e pelos conventos. O Convento de São João, neste caso, o Teatro Micaelense, é um ponto de referência, pois apesar de há mais de 150 anos ter deixado de exercer a sua principal função, o local onde esteve situado ainda se perpetua relembrando uma memória do que já ali foi erguido.



**Figura 8 – Convento de São João, 1869**  
**Fonte: Facebook “História dos Açores”**



**Figura 9 – Antigo Quartel de São João, Década de 40**  
**Fonte: Facebook “História dos Açores”**

O arquiteto escolhido para o projeto foi Raul Rodrigues Lima, tendo sido também o autor do Cineteatro Monumental (Figura 10) em Lisboa. O novo edifício ficaria marcado por umas linhas severas e volumes racionais, com pitada de elementos seiscentistas que caracterizavam a estética arquitetural dos anos 40.<sup>147</sup>



Figura 10 – Cineteatro Monumental, s/d  
Fonte: “Base Icónica do Teatro em Portugal” in <http://opsis.fl.ul.pt>

O projeto é datado de 1947, sendo que quatro anos depois, a 31 de março de 1951, o TM foi oficialmente inaugurado. A festa de inauguração teve início às 20h. Os funcionários começariam a receber aqueles que iam chegando a um evento em que o *glamour* dominava. Este evento foi registado em filme, com o objetivo de o incluir num documentário que estaria a ser feito sobre a ilha de São Miguel pelo operador cinematográfico Juan Manuel Pallin de La Chica.

<sup>147</sup> <http://historiadosacores.tumblr.com/post/71026862743/o-teatro-micaelense>

*Uma casa cheia assistia, deslumbrada, ao extenso programa. Seguiu-se um Baile, que durou até às 6 horas da manhã, e foi servida uma ceia magnífica, onde compareceram, com os seus fatos domingueiros, os principais operários.<sup>148</sup> Seis anos depois do início das obras, num local diferente e rodeado de ruas e construções novas, o TM volta a viver, imponente.<sup>149</sup> (Figura 11)*



Figura 11 – Teatro Micaelense, Década de 50  
Fonte: Facebook “História dos Açores”

A sala principal dispunha de cerca de 1200 lugares (Figura 12) sendo constituída por uma plateia, 1.º balcão *precedido de camarotes abertos, avançando sobre a plateia, e um segundo, elevando-se separadamente atrás daquele*. Os espetadores, para acederem ao 2.º balcão, tinham de o fazer através da torre de sinalização. Neste novo edifício, já foi construído o Salão Nobre (Figura 13) que ainda existe atualmente.

---

<sup>148</sup> Dias, 2004: 44.

<sup>149</sup> Idem: 43.

Os espaços mais “nobres” foram revestidos com materiais de primeira qualidade, mármore, azulejos decorativos e pintura decorativo, enriquecidos por elementos decorativos naturalistas das guardas, balaustradas e grades, e por grandes lustres e tectos trabalhados. No interior da sala, a decoração foi mais contida. Por razões acústicas, as paredes laterais eram lisas e revestidas por lambris de cortiça comprimida, existindo apenas alguma decoração no desenho dos camarotes e configuração do tecto, composto por caixotões que integravam o sistema de iluminação indirecta.<sup>150</sup>



Figura 12 – Auditório do Teatro Micaelense, s/d  
Fonte: Facebook “História dos Açores”

---

<sup>150</sup> <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/>



Figura 13 – Salão Nobre do Teatro Micaelense, Década de 50  
Fonte: Facebook “História dos Açores”

Durante as duas décadas seguintes, o encanto do TM propagar-se-ia por Ponta Delgada, pois conseguiu ganhar o carinho da população. Contudo, foi-se mantendo aberto com muitas dificuldades económicas. Uma das soluções foi a venda de ações, *tornando assim alguns micaelenses proprietários de parcelas da casa*<sup>151</sup>.

A Cinaçor – Sociedade de Teatro e Cinema Açores, S.A.R.L., da Fundação dos Botelhos de Nossa Senhora da Vida<sup>152</sup>, torna-se sociedade gestora do TM, tendo sido criada com esse mesmo intuito em 1964. Os fundadores do Teatro integram o Conselho de Administração. Até ao final do

---

<sup>151</sup> Dias, 2004: 45.

<sup>152</sup> “A Fundação dos Botelhos da Nossa Senhora da Vida foi criada em 01-08-1952 por iniciativa do Sr. Eng.º José Honorato Gago da Câmara de Medeiros e sua mulher Senhora Dona Maria de Piedade Castelo Branco Botelho Gago de Medeiros, Visconde e Viscondessa do Botelho, com predominante escopo de solidariedade social, constituída com a finalidade de tornar acessível a educação e o ensino dos mais carenciados; promover por si ou em parceria criação de equipamentos sociais destinados, preferencialmente à protecção social das crianças e jovens mais desfavorecidos e incentivar o desenvolvimento cultural e das artes em geral, na ilha de S. Miguel” in [http://www.scmvfc.pt/docs/2007\\_protocolo\\_st\\_andre.pdf](http://www.scmvfc.pt/docs/2007_protocolo_st_andre.pdf)

século XX – praticamente durante quatro décadas -, o TM foi gerido por António dos Santos Figueira<sup>153</sup>, que também detinha a gerência do Coliseu Micaelense.

Em 1967, já sob a direção da Cinaçor, foram feitas algumas obras de recuperação e modernização: pintura da sala de espetáculos, camarins e corredores de acesso, arranjo dos pisos, aquisição de projetores, comando de resistências elétricas e aparelhagem de amplificação e instalação de um novo ecrã e equipamento de projeção. Segundo os acionistas, as máquinas que estavam a funcionar desde a abertura do Teatro não estavam a *proporcionar espectáculos seguros, eficientes e de rendimento, como é de exigir numa casa de espectáculos de categoria*<sup>154</sup>.

O cinema mantinha o TM aberto diariamente. Mas, após o 25 de Abril, o público diminuiu substancialmente, fazendo reduzir as receitas do TM e de outras casas de espetáculo, criando assim uma grande crise no cinema. *Como forma de colmatar as dificuldades que sempre sentiu, o Teatro abre-se, sucessivamente, à população, não só pelo lançamento da venda de ações para aumento de capital, mas também permitindo a exploração comercial. Em 1977, arrenda-se o espaço que se instalava em todo o rés-do-chão e galeria do TM, servindo-se pela porta do lado sul, para que, primeiro, ali existisse um restaurante e, mais tarde, para a discoteca «Ópera», que esteve em funcionamento até finais de 2003.*<sup>155</sup>

A partir dos anos 80, regista-se novamente uma quebra de receitas, situação que piorou ainda mais na década seguinte, levando à degradação do edifício. Ao longo de 40 anos, o TM constituíra-se como uma das estruturas de enorme significância para a vida social e cultura de São Miguel. Situação que mudou completamente. *O desinteresse do público, a acelerada degradação das*

---

<sup>153</sup> “António dos Santos Figueira foi um dos nomes mais emblemáticos da História da Coliseu Micaelense, pela sua energia, pelo seu empenho e envolvimento na dinamização cultural açoriana. O empresário artístico António dos Santos Figueira dedicou cerca de 50 anos da sua vida profissional à programação das duas mais importantes casas de espetáculos de Ponta Delgada, o Coliseu Micaelense e o Teatro Micaelense.” in [http://www.cm-pontadelgada.pt/frontoffice/pages/541?news\\_id=422](http://www.cm-pontadelgada.pt/frontoffice/pages/541?news_id=422)

<sup>154</sup> Dias, 2004: 45.

<sup>155</sup> Idem: 46.

*instalações e a sua inadequação a novas exigências técnicas*<sup>156</sup> faziam temer o pior para TM: a inevitável demolição – tal como havia acontecido ao Cineteatro Monumental<sup>157</sup>, seu congénere, em 1983.

No entanto, o TM nunca esteve completamente encerrado até às grandes obras de remodelação, funcionando como sala de cinema, apesar do seu estado de degradação.

### **1.1.3. Teatro Micaelense: um novo Centro Cultural e de Congressos (2004 – Atualidade)**

Face à situação a que se ia assistindo, procurava-se uma solução. *Cindida e dissolvida em 2001, a Cinaçor dá origem a duas novas empresas: a CM – Sociedade de Investimento Imobiliário, SA (que passa a gerir o Coliseu Micaelense) e a TM, SA, cujo Conselho de Administração é composto por Mário Mota Correia, Carlos Santos e Rui Nina Silva Lopes.*<sup>158</sup>

Para o projeto de recuperação, é nomeado o arquiteto Manuel Salgado<sup>159</sup>. Apesar de algumas alterações, manteve-se *o mais possível os modelos estéticos do cinquentenário edifício*<sup>160</sup>. *No que respeita ao exterior, para além de apresentar cara lavada, o edifício não*<sup>161</sup> sofreu muitas alterações, mantendo assim o traço arquitetónico original (Figura 14).

Em dez meses, o TM foi reabilitado pelas empresas Ediçor – Grupo Somague, Engil, S.A. e Marques S.A., tendo sido fiscalizado por Eng.Tavares Vieira Lda. As obras foram avaliadas em cerca de 7 milhões de euros.

---

<sup>156</sup> Idem.

<sup>157</sup> Foi demolido, dando lugar a um centro comercial.

<sup>158</sup> Dias, 2004: 46.

<sup>159</sup> Arquiteto responsável pelo projeto do Centro Cultural de Belém.

<sup>160</sup> Idem: 47

<sup>161</sup> Pastor, 2003: 6.



Figura 14 – Teatro Micaelense, 2017  
Fonte: Própria

As maiores transformações foram efetuadas no interior *sobretudo no que respeita ao apetrecho das novas tecnologias*<sup>162</sup>. Dentro destas, insere-se a “concha acústica” dentro do palco de modo a que no grande auditório (Figura 15) seja possível obter um melhor som audível. *O redesenho da boca de cena, a ampliação do fosso de orquestra, a modernização da teia de palco*<sup>163</sup> e a plataforma elevatória – que permite *umentar a lotação da sala quando o fosso de orquestra não estiver a ser utilizado*<sup>164</sup> - foram intervenções que alargaram o intuito das representações a serem feitas.

O auditório, com cerca de 1200 lugares, passou a ter cerca de 800<sup>165</sup>, otimizando assim mais o espaço. Recuperaram-se todas as cadeiras da sala de espetáculo, pela mão dos funcionários do TM. Foram também *contemplados*

---

<sup>162</sup> Idem.

<sup>163</sup> Dias, 2004: 47.

<sup>164</sup> Pastor, 2003: 6.

<sup>165</sup> Plateia: 478 lugares, inclusive lugares para deficientes motores; balcão: 241 lugares.

vários espaços<sup>166</sup> destinados a exposições temporárias, com capacidade de serem transformadas em zonas polivalentes<sup>167</sup>, tal como o Salão Nobre (Figura 16), onde os espetáculos podem ser feitos para um máximo de 200 pessoas. Para além destes espaços, o TM foi equipado com elevadores, permitindo assim um melhor acesso às diversas áreas públicas. O novo TM viria então a ser composto pelo auditório, Salão Nobre, Foyer (Figura 17), bilheteira, salas polivalentes (Figura 18) e salas de apoio, contendo equipamentos audiovisuais modernos.

A 5 de setembro de 2004, o TM é reinaugurado, *pronto a avançar pelo século XXI*<sup>168</sup> e a cidade de Ponta Delgada recebe assim o seu primeiro centro cultural e de congressos. O Governo Regional dos Açores *em sintonia com a Fundação dos Botelhos de Nossa Senhora da Vida (proprietária do imóvel)*<sup>169</sup> salvaram da ruína um património arquitectónico, artístico e cultural<sup>170</sup>.



Figura 15 – Auditório do Teatro Micaelense, 2017

Fonte: Própria

---

<sup>166</sup> Espaços com o nome de lagoas micaelense: Sala Lagoa do Fogo, Sala Lago do Congro, Sala Lagoa dos Nenúfares e Sala Lagoa das Sete Cidades.

<sup>167</sup> Pastor, 2003: 6.

<sup>168</sup> Dias, 2004: 47.

<sup>169</sup> Silva, 2004: 213.

<sup>170</sup> Idem.



**Figura 16 – Palco do Teatro Micaelense, 2017**  
Fonte: Própria



**Figura 17 – Salão Nobre do Teatro Micaelense, 2017**  
Fonte: Própria



Figura 18 – Foyer do Teatro Micaelense, 2017  
Fonte: Própria



Figura 19 – Sala Polivalente do Teatro Micaelense, 2017  
Fonte: Própria

Para além de Teatro Micaelense, o espaço passou a designar-se também por Centro Cultural e de Congressos, retomando-se, de certo modo, a ideia inicial que Castilho tinha em mente. Na atualidade, o TM vem cumprir o objetivo que não foi possível idealizar e menos ainda concretizar no século XIX, ou seja, a *criação de um espaço multimodal, gerador de actividades diversificadas, que incluísse as vertentes da formação e da fruição*<sup>171</sup>.

Modernizar e potenciar o espaço constituíam-se como as principais premissas, *assegurando qualidade na oferta, adequando-o às novas exigências e permitindo uma maior capacidade de resposta de toda a estrutura*<sup>172</sup>. Se no século XIX, havia o desejo de tornar o TM um local onde várias atividades pudessem ser praticadas, este mesmo só foi conseguido no século XXI com a modernização do espaço e criação de novas divisões.

Em 140 anos, o tão desejado TM foi sofrendo profundas mudanças, a começar pelas vertentes arquitetónica e geográfica. Para lá de “ser um teatro à italiana” durante 65 anos, com o qual a população esteve tão familiarizada e que só a classe mais alta frequentava, eis que surge um TM mais moderno, arquitetonicamente, tendo sido aceite de bom agrado pela sociedade, adaptando-se a uma cidade em crescimento e expansão e mantendo o aspeto exterior até aos dias de hoje.

Mesmo com a remodelação interior efetuada no início deste século, o TM continua a ser acarinhado pela população micaelense, constituindo-se e reafirmando-se parte do património local.

---

<sup>171</sup> Dias, 2004: 46.

<sup>172</sup> Idem.

## 1.2. A dimensão institucional

Alexandre Pascoal, Presidente do Conselho de Administração do TM, refere que o mesmo, a nível institucional, é uma empresa pública. Existe uma participação privada, no entanto mais reduzida.

Relativamente ao financiamento da atividade, este é da responsabilidade do Governo Regional dos Açores *mais precisamente da Secretaria Regional da Cultura*<sup>173</sup>. O programa de financiamento inclui também as receitas do TM, sendo obtidas através de patrocínios, das receitas de bilheteira, bem como *dos serviços que presta*<sup>174</sup>.

O TM conta com um vasto leque de parceiros e patrocinadores, bem como apoios assegurados por empresas e instituições. Como não poderia deixar de ser, o GRA assume-se como um dos parceiros institucionais, juntamente com a Marca Açores. A nível de patrocínios, encontramos o nome de grandes empresas do arquipélago açoriano, como o Grupo Bensaúde, Azores Airlines, EDA – Electricidade dos Açores, Açoreana Seguros e Finançor. Incluem-se, também, várias instituições bancárias: Caixa Geral de Depósitos, Banco Português de Investimento, Santander Totta e a Caixa Económica da Misericórdia. Relativamente aos apoios, Montepio, NOS Açores e a Tecnovia constituem-se como principais, existindo também outros tipos de apoios a nível de produção, como as empresas Nova Gráfica e Accional, e a nível de divulgação, como os jornais “Açoriano Oriental”, “Correio dos Açores”, “Expresso das 9”, canal televisivo RTP-Açores e a Rádio Atlântida. A zona geográfica, neste caso regional, revela-se como fator principal na escolha das parcerias.

Segundo Alexandre Pascoal, *o TM existe para trabalhar com outros agentes*<sup>175</sup>, como o Instituto Açoriano da Cultura, o Conservatório Regional de Ponta Delgada e o 9500 Cineclube, ao oferecer o espaço para que possam realizar os seus próprios eventos.

---

<sup>173</sup> T.O., Silva, Dr. Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque.

<sup>174</sup> Idem.

<sup>175</sup> Idem.

Em 2002, o TM foi classificado como imóvel de Interesse Público, devido ao seu valor histórico e arquitetónico, pelo GRA, fazendo com que houvesse um perímetro de salvaguarda em tudo o que era obra em seu redor. Contudo, tal situação não se verificou pois em janeiro de 2006, a Câmara Municipal de Ponta Delgada deu início à construção *do parque de estacionamento subterrâneo junto ao TM*<sup>176</sup>, conhecido atualmente por Parque do Largo de São João.

O caso esteve envolto em polémica. Segundo o GRA, o município de Ponta Delgada não *entreg[ou] o respetivo projeto para apreciação*<sup>177</sup>. As obras do parque de estacionamento foram suspensas quase dois meses após o seu início. No entanto, Berta Cabral, presidente da CMPD na altura, referiu que o TM seria *um dos próprios beneficiários*<sup>178</sup> devido à realização dos eventos ali realizados.

Como refere Alexandre Pascoal, *o Teatro Micaelense teve uma relação difícil com a anterior gestão camarária*<sup>179</sup> - situação que não se verifica com a atual - *sendo prova disso o parque de estacionamento que podia ter sido feito em simultâneo aquando da reconstrução do edifício*<sup>180</sup>.

### **1.2.1. Missão e objetivos de um teatro municipal**

A principal missão do TM consiste em assegurar e promover a cultura nas mais variadas vertentes, desde música, teatro, dança, artes plásticas e cinema. Assume-se como *um palco aberto à comunidade*<sup>181</sup> e, em simultâneo, como um polo cultural, pretendendo dinamizar e apelar à criação artística local de modo a que os seus trabalhos possam ser representados no TM.

É a cultura que leva o TM a ser reconhecido, mas Alexandre Pascoal refere que é muito mais que isso. O contato com a comunidade resume-se

---

<sup>176</sup> [http://www.rtp.pt/noticias/cultura/governo-acoriano-ordena-suspensao-das-obras-de-parque-de-estacionamento\\_n156445](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/governo-acoriano-ordena-suspensao-das-obras-de-parque-de-estacionamento_n156445)

<sup>177</sup> T.O., Silva, Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque.

<sup>178</sup> Idem.

<sup>179</sup> Idem: referindo-se ao executivo camarário de Berta Cabral, ao qual presidiu nos mandatos de 2001, 2005 e 2009, tendo renunciado ao cargo em 2012.

<sup>180</sup> T.O., Silva, Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque.

<sup>181</sup> <http://www.teatromicaelense.pt>

atualmente a visitas de estudos para as escolas. Contudo, existe o objetivo de “abrir as portas” não só para os locais, mas também para os turistas pois muitas vezes param à porta do edifício, como afirma Alexandre Pascoal. É nestes dois públicos-alvo que o TM está focado, neste momento, e pretende atrair para o espaço, através de visitas guiadas.

A ser preparado, está um centro de documentação, com o objetivo de recolher informação, sistematiza-la e digitaliza-la, para que a mesma possa ser distribuída a estudantes e a companhias, por exemplo, que pisam o palco do TM e que *pedem exemplares de cartazes*<sup>182</sup>. É uma tarefa que levará algum tempo a ser executada pois *parte do espólio perdeu-se*<sup>183</sup> e a documentação que ainda existe é muita vasta, encontrando-se parte da mesma na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada e na imprensa da altura.

### **1.2.2. Recursos humanos**

O TM apresenta um conjunto de órgãos sociais. Aqui, estão incluídos o Conselho de Administração, a Assembleia Geral e o Conselho Fiscal. O Conselho de Administração é composto por Alexandre Pascoal, no cargo de presidente, por Raquel Forjaz de Sampaio Sousa Lima Velho Cabral, como vogal, e por Gonçalo Vaz da Câmara de Medeiros Botelho, como vogal não executivo.

Relativamente à Assembleia Geral, nomeada pelo GRA, esta também é constituída por três elementos, tendo como presidente António Bensaúde de Castro Freire, vice-presidente Frederico José Moniz Almeida Páscoa e a ocupar o cargo de secretária, Maria Isabel Whitton da Terra Soares Albergaria.

Por fim, no Conselho Fiscal, Duarte Giesta, SROC, Unipessoal LDA, como Revisor Oficial de Contas efetivo, tendo também como ROC<sup>184</sup> suplente Leopoldo Alves & Associado, SROC.

---

<sup>182</sup> T.O., Silva, Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque.

<sup>183</sup> Idem.

<sup>184</sup> Revisor Oficial de Contas.

O TM encontra-se organizado numa estrutura horizontal<sup>185</sup> tendo no topo da sua hierarquia o Conselho de Administração. O Conselho de Administração é composto por cinco sectores: Direção Técnica, Direção de Produção, Departamento de Comunicação, Imagem e Relações Públicas, Departamento Administrativo e Financeiro e Cineteatro Miramar. É uma estrutura hierárquica onde todos os sectores têm a sua importância e peso, não existindo um mais relevante do que outro. Existe uma distribuição de tarefas pelos departamentos existentes, onde estes se complementam e fomentam uma descentralização de poder.

A equipa do TM é constituída por 23 elementos – incluindo o Conselho de Administração. Alexandre Pascoal e Raquel Sousa Lima ocupam o cargo a tempo inteiro, ao contrário de Gonçalo Botelho que não se encontra em permanência no TM.

O Diretor Técnico é Alfredo Tavares. Nesta área, a gestão, a manutenção e limpeza do edifício, bem como a parte técnica dos eventos e espetáculos são as principais funções. Carla Isidoro é a Encarregada-geral do edifício do TM. A manutenção e a limpeza estão a cargo de Marco Costa, Maria Sousa e Sandra Matias. Relativamente à execução, montagem e exibição no TM, Rui Viveiros e Gabriel Borzasi asseguram a iluminação e André Conceição e Luiz Furtado o som.

Pedro Medeiros e Filipe Branco estão a cargo da Produção do TM. Fazem a gestão dos eventos e espetáculos organizados no Centro de Congressos e no Centro Cultural. Neste último, encontra-se o Serviço Educativo que está sob a responsabilidade de Ana Almeida.

No Departamento de Comunicação, Imagem e Relações Públicas encontram-se Catarina Medeiros, na área da Comunicação e Imagem, e Helena do Carmo na área de Relações Públicas.

---

<sup>185</sup> Ver Anexo 2.

No Departamento Administrativo e Financeiro, *que vai desde a gestão até à função da bilheteira*<sup>186</sup>, trabalham quatro pessoas: Conceição Jesus, nos Serviços Administrativos; Elisabete Chaves e Cecília Sousa, nos Serviços Financeiros; e Tânia Andrade na bilheteira.

Fernando Resendes é o fotógrafo residente do TM, havendo também um designer gráfico, Rui Lopes. Durante a realização de eventos, o TM conta com a presença de assistentes de sala que possuem várias funções, direta e indiretamente ligadas ao público, desde a preparação do evento, verificar o auditório antes da chegada do público, ligar as luzes dos locais abertos a este. Além do mesmo, devem estar atentas ao que se passa na sala, realizando o controlo entre a sala de espetadores e o palco, verificando a existência de “flash”, portas e o bem-estar do público.

Segundo Alexandre Pascoal, desde a reabertura do TM, e com o passar dos anos, passaram a existir novas profissões e pessoal com formação superior. Funcionário da casa desde 2002 e a ocupar o cargo de Presidente do Conselho de Administração desde 2011, Alexandre Pascoal admite que *é um grande desafio*<sup>187</sup>. Continua a exercer as mesmas funções que exercia anteriormente, ou seja, na área da Produção e Programação. Contudo, alia a estas, a gestão financeira do TM, e refere existirem algumas dificuldades a este nível.

### **1.2.3. Cineteatro Miramar**

O TM tem a seu cargo a gestão o Cineteatro Miramar em Rabo de Peixe, algo desconhecido por grande parte da população, como afirma Alexandre Pascoal. Foi inaugurado a 25 de abril de 2005, *precisamente um ano após a elevação de Rabo de Peixe a vila*<sup>188</sup>.

Na altura da sua abertura, devido a questões logísticas, mais propriamente os recursos que o TM possuía, foi possível passar a gestão deste

---

<sup>186</sup> T.O., Silva, Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque.

<sup>187</sup> Idem.

<sup>188</sup> Idem.

pequeno equipamento cultural com cerca de 120 lugares, sito na costa norte da ilha de São Miguel, para o TM. Esta decisão foi tomada pela Direção Regional da Cultura por se acreditar ser uma mais-valia na oferta à população local de Rabo de Peixe, principalmente, reforçando a sua importância como espaço de intervenção nesta vila piscatória, colocando-a assim numa rota cultural.

Apesar de já ter tido cinema, atualmente não existe uma programação própria devido às contingências financeiras, pois a utilização do espaço é gratuita, ao contrário do TM. Esta extensão do TM *é a sede da Escola de Música de Rabo de Peixe e tem também uma ludoteca da Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande, que são no fundo o coração do Cineteatro Miramar*<sup>189</sup>.

Já foi utilizado como estúdio de televisão, sendo atualmente mais utilizado como sala de ensaios. Pontualmente, o Cineteatro Miramar é palco de diversas atividades locais como espetáculos de filarmónicas e exibição de filmes para escolas.

Segundo Alexandre Pascoal, *é um espaço em que se trabalha muito com a comunidade*<sup>190</sup>, onde as crianças e os jovens, sobretudo, *podem usufruir da biblioteca, da ludoteca e do quiosque multimédia, praticar música, assistir à projecção de filmes, fazer teatro ou receber formação variada*<sup>191</sup>. Deste modo, o Cineteatro Miramar tornou-se uma ferramenta no que toca à inserção social e no desenvolvimento da comunidade. São feitas extensões de eventos do TM para Rabo de Peixe, desde filmes, atividades educativas e espetáculos de música promovidos pela Direção Regional da Cultura. Esta valência do TM é assegurada pelo Coordenador Carlos Ferreira e por Paulo Marcelino no Serviço Técnico e Administrativo.

---

<sup>189</sup> Idem.

<sup>190</sup> Idem.

<sup>191</sup> <http://www.teatromicaelense.pt>

## 1.3. Que nos dizem os documentos?

### 1.3.1. Várias artes no palco do Teatro Micaelense

A 2 junho de 1864, o TM apresentou um espetáculo pela primeira vez. *Interpretaram-se excertos das óperas Lucrezia Borgia, Marin Faliero, Semiramidade, Il trovatore e Attila*<sup>192</sup>. Supõe-se que tenha sido um concerto privado para um grupo restrito de pessoas, mais precisamente para o grupo de acionistas. Ao longo desse ano, foram realizados outros espetáculos. Tal como Maria Sousa cita, foi o *espectáculo de 5 de Novembro de 1864 que marc[ou] a abertura oficial do teatro à sociedade micaelense, embora a imprensa considere a estreia somente em Março de 1865*<sup>193</sup>.

Durante as três décadas seguintes, por lá passaram várias companhias de canto, entre elas de zarzuela espanhola<sup>194</sup>, ópera italiana e ópera portuguesa. Os espetáculos encontravam-se integrados num género de digressão, mais precisamente *num circuito insular, que o obrigava a depender de outros teatros, mais especificamente de importação de companhias, que se organizavam de acordo com as temporadas dos teatros italianos, espanhóis e nacionais, incluindo os madeirenses*<sup>195</sup>, ou seja, o TM não era tido como destino único naquela época. Muitas das digressões tinham origem na Madeira e em Lisboa principalmente, passando depois pelas ilhas de São Miguel, Terceira, Faial, Canárias, bem como o Brasil.

A presença do rei era um hábito nos teatros. *Tal como era habitual no teatro de S.João no Porto, o TM simulou por uma única vez, pelo menos do nosso conhecimento, a presença do monarca através da exposição do seu*

---

<sup>192</sup> Sousa, 2006: 19.

<sup>193</sup> Idem: 19.

<sup>194</sup> “Representação teatral onde se alternam vários estilos: a declamação, o canto, a música, o diálogo; e cujas origens remontam à sociedade espanhola do século XVII. A denominação zarzuela procede do nome de um pequeno palácio mandado erigir pelo cardeal Infante D.Fernando, irmão de Filipe IV, no Monte do Prado, nos arredores de Madrid. O dito palacete de La Zarzuela, local de residência temporária do Rei e da corte espanhola, era palco para a celebração de representações de diversos tipos (...) cuja característica comum era a alternância entre o canto e a declamação, baseadas em histórias de lendas e heróis da mitologia, em cenas épicas e de aventuras.” in <http://www.edtl.fcsb.unl.pt/business-directory/6300/zarzuela/>

<sup>195</sup> Sousa, 2006: 19.

*retrato*<sup>196</sup>, com a intenção de criar o mesmo tipo de ambiente que se fazia sentir nos teatros nacionais. A celebração de datas importantes, como o aniversário dos reis e o aniversário do falecimento de Marquês de Pombal, bem como o 1.º de Dezembro, era frequente.

O Carnaval era uma das festividades da época, tendo os bailes iniciado, ainda no século XIX, *uma tradição que ainda hoje se mantém*<sup>197</sup>. Estes bailes realizavam-se entre a época do Carnaval e da Páscoa, com maior adesão no fim-de-semana que antecedia o Carnaval e o próprio dia, bem como o sábado de Aleluia. Não eram sempre organizados pelo TM, cabendo por vezes, às companhias que atuavam, a preparação dos mesmos. Acontecia, também, serem privados a pagar os bailes todos de um só ano. Esta situação só ocorria quando o *teatro não estava alugado a companhias*<sup>198</sup>. Caso o público não tivesse traje para os bailes, os mesmos eram facultados pelo TM através de *arrendamento de fatos carnavalescos*<sup>199</sup>.

Também eram apresentados espetáculos de ginástica e de circo, bem como representações de canto e declamação de teatro. Funcionava o ano todo visto ser o único teatro que existia em São Miguel na altura. Récitas de beneficência, saraus com a Tuna Michaelense, festas escolares realizavam-se no palco do TM, com maior incidência na transição dos séculos XIX para XX.

Dominando a programação do Micaelense desde o seu início, a música apresentava uma variedade, mas seguindo as tendências de fora. *O que se passava no S.Carlos, em Lisboa, era aqui apreciado com frequência e o público estava bem informado em matéria musical.*<sup>200</sup> Em 1903, o TM recebeu Moyses Bensaúde, barítono do Teatro de São Carlos.

*Durante 65 anos foi palco de uma programação constante, em que o teatro e as récitas dramáticas foram preponderantes e a que a elite da sociedade*

---

<sup>196</sup> Idem: 124.

<sup>197</sup> Idem: 125.

<sup>198</sup> Idem.

<sup>199</sup> Idem.

<sup>200</sup> Dias, 2004: 58-59.

*da altura correspondia com entusiasmo, enchendo as salas. A música ocupou desde logo um importante lugar nas actividades do Teatro, desde os Natais e concertos por músicos amadores até à vinda de músicos líricos e a temporadas de ópera e zarzuela.*<sup>201</sup>

Após o TM ter sido erguido no século XX, o cinema passou para primeiro plano, não deixando de parte o teatro. Diversas companhias de teatro portuguesas e grandes nomes do teatro nacional pisaram o palco do TM. A Companhia de Vasco Santana e a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro foram grandes sucessos na década de 50. Ambas estiveram por São Miguel diversas vezes, tendo a Companhia de Vasco Santana feito uma digressão pela ilha *para que muitos pudessem assistir às peças e aos nomes do teatro nacional*<sup>202</sup>. Irene Cruz, Eunice Muñoz, Lia Gama, Armando Cortez e companhias teatrais nacionais como a Companhia Teatro d'Arte de Lisboa e a Companhia Teatro do Campo Alegre também foram outros nomes que passaram pelo palco do TM. Um momento que marcou o TM foi aquando da representação da peça “Encoberto”, da autoria da escritora natural dos Açores, Natália Correia, em 1977, que afirmou o seguinte: *«Não tenho palavras, mas só sentir, para vos dizer a emoção com que vi despontar em palco micaelense este Encoberto, modelado pelas brumas da minha ilha»*.<sup>203</sup>

O teatro amador teve o seu papel de destaque no TM. A Academia Musical de Ponta Delgada e o Liceu Antero de Quental deram as primeiras representações com artistas amadores nos anos 1951 e 1952 respetivamente. As décadas de 50, 60 e 70 foram o ponto alto do teatro amador. Em 1995, praticamente 40 anos depois, subiu ao palco a última peça representada por amadores, neste caso, pela TRUNAC – Trupe da Universidade dos Açores, intitulada “O Avarento”, de Molière.

---

<sup>201</sup> Silva, 2004: 213.

<sup>202</sup> Dias, 2004: 53.

<sup>203</sup> Idem.

Voltando à sétima arte, desde cedo se tornou uma das maiores formas de expressão mais encantatórias para o público do TM<sup>204</sup>. Datam de 1897 as primeiras projeções de cinema no TM e de 1902, a estreia do primeiro cinematógrafo. No novo TM, o cinema passou a fazer parte do quotidiano da população. Nas décadas de 50 e 60, o público enchia a sala do TM para assistir ao cinema americano e nacional. Para além do *encanto da sala escura e do brilho todo concentrado no grande ecrã, com os grandes artistas e histórias empolgantes*<sup>205</sup>, o TM transformava-se num espaço de convívio social. Grandes nomes do cinema internacional chegavam a São Miguel, como Henry Fonda, Brigitte Bardot, Fred Astaire, Grace Kelly e Marilyn Monroe. Mas houve um nome que saltou dos ecrãs e veio à ilha de São Miguel. Em 1963, o ator John Wayne não chegava no cavalo a que habituara o público, mas de barco, como convém numa ilha<sup>206</sup>. John Wayne esteve com António Santos Figueira, tendo visitado o TM. *Confessou-se espantado por haver um teatro tão bonito numa ilha tão remota.*<sup>207</sup>

Apesar da novidade, nem tudo poderia ser exibido. Durante a ditadura portuguesa, muitos filmes receberam o carimbo *visado pela Comissão de Censura*<sup>208</sup>. Após o 25 de Abril, a situação alterou-se. Contudo, as televisões começam a surgir nas casas, fazendo diminuir o público. A partir da década de 80, assiste-se novamente a um interesse pelo cinema, tendo o TM exibido filmes até ao final dos anos 90, praticamente antes das grandes obras de remodelação.

Pela análise documental realizada, a dança parece ser a arte que menos se apresentou no TM. Apesar disso, para além do Conservatório de Dança de Ponta Delgada que se exibiu nos anos 80 e 90, algumas outras companhias passaram pelo TM: Companhia de Dança de Milagres Paz, Companhia de Dança de Lisboa, Companhia de Dança “Ciudad de Sevilla”, Ballet do Exército Russo e Companhia de Dança de Olga Roriz.

---

<sup>204</sup> Idem: 55.

<sup>205</sup> Idem: 56.

<sup>206</sup> Idem: 57.

<sup>207</sup> Idem.

<sup>208</sup> Idem.

Como foi referido anteriormente, a música dominava a programação do TM. Com a sua reabertura na década de 50, a Academia Musical de Ponta Delgada reforça ainda mais a presença desta arte no palco do TM ao produzir espetáculos, trazendo para um deles a Banda das Forças Aéreas dos Estados Unidos. Foram produzidos vários festivais como o Festival de Música pelo Conjunto de Câmara de Nova Iorque, o Festival Gulbenkian de Música, não esquecendo vários concertos de música clássica. Mais para a década de 90, festas de homenagem de emigrantes e eventos universitários também passaram a ser realizados no TM.

*Grandes nomes da rádio e da música portuguesa estiveram também presentes no Micaelense (...) entre os muitos artistas que aqui mostraram o seu talento contam-se Waldemar Bastos, José Medeiros, Júlio Pereira, o Duo Ouro Negro, Paulo de Carvalho, Carlos Alberto Moniz.<sup>209</sup>*

Devido à recente crise financeira, a oferta do TM diminui, apresentando na sua agenda a exibição de filmes, maioritariamente, e espetáculos de variedades e de música. O último espetáculo no TM antes das obras de remodelação foi dado por Cesária Évora no ano 2003. No ano seguinte, José Carreras “inaugura” o TM.

### **1.3.2. Um recomeço ou uma continuidade?**

Após a sua reabertura em 2004, o TM, para além dos objetivos já referidos anteriormente, tinha a grande preocupação de se manter aberto e com uma agenda diversificada de modo a atrair mais público. Só nos primeiros cinco anos, foram realizados cerca de 550 eventos no TM, contribuindo assim para o aumento da oferta cultural micaelense.

Não existindo um Diretor Artístico, cabe ao Conselho de Administração a organização da programação. No que toca a esta, existe a preocupação de apropriar os espetáculos à sala. A programação, segundo Alexandre Pascoal, é

---

<sup>209</sup> Idem: 61.

*sempre muito diversificada*<sup>210</sup>. O cinema, a dança e a música são as artes mais apresentadas no TM, cabendo à música cerca de 50% da programação. Esta situação deve-se sobretudo ao facto de a programação ser *construída com base no orçamento dos parceiros*<sup>211</sup>.

Relativamente à programação, observa-se uma grande variedade de espetáculos regionais, nacionais e internacionais. Devido à diversidade existente, os eventos no TM, como afirma Alexandre Pascoal, são programados de modo a *que se adaptem às características da sala*<sup>212</sup>. Apesar do TM apresentar boas condições logísticas, nem sempre realiza eventos para os quais não está vocacionado, visto que existem *outros lugares na cidade*<sup>213</sup>, como o teatro de revista, exemplo.

É a música que, sem dúvida, chama mais público ao TM. *Existem eventos que, por vezes, os bilhetes esgotam-se rapidamente, não sendo necessário divulgar o espetáculo exteriormente, como foi o caso do António Zambujo*.<sup>214</sup> O espetáculo de música popular é o tipo de evento mais frequente no TM.

Carlos do Carmo, Paulo Gonzo, Amor Electro, David Fonseca, Pedro Abrunhosa, Mafalda Veiga, Mariza, Ney Matogrosso, Nouvelle Vague e Seu Jorge são alguns dos nomes que já passaram recentemente pelo TM, tendo alguns inclusivamente voltado algum tempo depois, como foi o caso de António Zambujo que atuou no TM em 2011, 2013 e 2017.

Para além de artistas nacionais e internacionais, a “prata da casa” também pisa o palco deste teatro. O Coral de São José, Zeca Medeiros, Conservatório Regional de Ponta Delgada, Luís Alberto Bettencourt, bandas filarmónicas locais, por exemplo, são presença assídua no TM. Em 2015, veio diretamente da ilha Terceira, um projeto intitulado “Tributo aos Beatles” pela Filarmónica União Praisense. Luís Gil Bettencourt e Antero Ávila dirigiram este concerto, onde

---

<sup>210</sup> T.O., Silva, Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque.

<sup>211</sup> Idem.

<sup>212</sup> Idem.

<sup>213</sup> Idem.

<sup>214</sup> Idem: concerto realizado dia 01/04/2017.

foram interpretados temas notáveis da banda britânica juntamente com alguns convidados em palco. Todos os outonos, é realizado o Festival de Música dos Açores – Jazzores. Organizado pela Associação Cultural Jazzores e em coprodução com o TM, este festival que foi criado em 1999 em Ponta Delgada, abrange, também, as ilhas Terceira, Faial e Pico. Tendo iniciado unicamente com concertos de jazz, atualmente, é possível encontrar no seu repertório música de câmara, popular e música clássica, juntando assim várias alternativas.

Devido à proximidade física, o Conservatório Regional de Ponta Delgada utiliza o TM como espaço para audições, festas de natal e até mesmo para a realização de workshops. Em 2014, no âmbito do seu 50.º aniversário, o Conservatório Regional escolheu o TM para a realização de diversos eventos ao longo desse ano, iniciando o acontecimento com dois concertos, um com os coros no Salão Nobre e o outro com a orquestra de sopros, no auditório principal, no culminar de um estágio realizado na primeira semana de janeiro. No mês de outubro, a instituição encerrou a comemoração dos seus 50 anos de existência novamente com um concerto promovido pelos alunos da instituição.

A música clássica é uma expressão constante no TM, sobretudo graças à parceria feita com o Conservatório Regional. A partir de 2007, verificou-se um aumento de concertos deste tipo de música. Neste mesmo ano, surge o projeto “Concertos no Salão Nobre”, cujo objetivo é recuperar os antigos serões musicais do TM, sobretudo com artistas regionais e internacionais. Antigos alunos do Conservatório surgem, também, como protagonistas desta iniciativa. Inclusive são feitos recitais pelos mesmos com alguma frequência, como foi o caso de Ana Paula Andrade, diretora do Conservatório Regional de Ponta Delgada, que subiu ao palco do TM em fevereiro deste ano, para dar um concerto de piano, bem como João Bernardo Trio, presença recorrente neste espaço.

Para a realização de peças de teatro, a sala do TM não apresenta as melhores condições, daí o teatro ser considerado o “parente pobre” da programação. As peças representadas são *peças pequenas e a sala do TM é*

*muito grande para teatro*<sup>215</sup>. Além disso, a utilização do microfone não é do agrado dos atores. Apesar de não existirem muitos eventos, o teatro chama muito público, principalmente se for uma comédia ou se a peça tiver atores conhecidos, como foi o caso de Diogo Infante, Miguel Damião e Gonçalo Waddington. Relativamente à “stand-up comedy”, vários nomes conhecidos já pisaram o palco do TM - Eduardo Madeira, Nilton e António Raminhos -, não esquecendo também dois nomes da região: Luís Filipe Borges e Hélder Medeiros, mais conhecido como Helfimed pelo seu canal de vídeos no Youtube.

Devido à grande dimensão que a sala do TM apresenta, existem peças em que o próprio público assiste às mesmas no palco, quando a lotação não ultrapassa 150 a 170 pessoas aproximadamente, sendo adaptado para tal ocorrência, como foi o caso da peça “Sala de Embarque” da autoria de Fernando Nunes. Representada por somente 4 pessoas, esta peça criou uma maior envolvência com o público, permitindo assim que este se “questione” sobre o que está a ver. Maioritariamente, as peças de teatro que são apresentadas no TM são criações regionais, com maior incidência da ilha de São Miguel. Destaque-se a Associação Artepalco com o Grupo de Teatro Amphitheatrum e o Grupo Teatrolândia, A Pontilha – Associação Cultural e Desportiva e a Associação de Juventude de Candelária com a realização anual do festival de teatro “Juvearte”.

Entre fevereiro de 2016 e outubro do corrente ano, de dois em dois meses, o TM, a Morada da Escrita - Casa Armando Côrtes-Rodrigues<sup>216</sup> e o Instituto Cultural de Ponta Delgada promovem dez leituras dramatizadas de peças de teatro de autores portugueses do século XX. É um evento gratuito, sendo necessária a inscrição via correio eletrónico. A pessoa inscrita recebe o texto da obra para se poder familiarizar e levar no dia da leitura. Quem assiste pode, ou não, participar, e escolher fazê-lo na hora, caso ainda haja papéis. Estas sessões são realizadas num ambiente mais descontraído e sem qualquer pressão. A

---

<sup>215</sup> Idem.

<sup>216</sup> Casa do escritor Armando Côrtes-Rodrigues situada em Ponta Delgada. Adquirida pelo GRA, foi inaugurada em 2007 como um espaço cultural cujo objetivo é divulgar e discutir a literatura açoriana, sobretudo junto do público mais jovem. Exposições, ateliês, conferências e exibição de filmes são outras das atividades desenvolvidas neste centro.

primeira leitura dramatizada foi o “Encoberto” da autoria de Natália Correia, peça esta que havia subido ao palco do TM em 1977, seguindo-se “Um Homem Dividido” de Jaime Salazar Sampaio, “António Marinheiro – o Édipo de Alfama” de Bernardo Santareno, “Os chapéus-de-chuva” de Fiama Hasse Pais Brandão, “Felizmente Há Luar” de Luís de Sttau Monteiro, “Al Pantalone” de Mário Botequilha e “Peça Romântica para um teatro fechado” de Tiago Rodrigues.<sup>217</sup>

Quanto ao cinema, antes das obras do TM, existia com alguma frequência. Para Alexandre Pascoal, apesar de o cinema ser um investimento grande, existe público. Têm, aliás, sido criadas diversas atividades de modo a impulsionar ainda mais o cinema no TM. No último trimestre de 2014, surge a primeira edição “O Filme da Minha Vida”, em que o objetivo é convidar personalidades a partilharem com o público um filme que as tenha marcado. Ana Teixeira da Silva, antiga presidente do TM, foi das primeiras convidadas para esta iniciativa, tendo sido exibido um filme, à sua escolha, bastante conhecido pela população: “A Vida é Bela”.

No início do corrente ano, realizou-se uma Mostra de Cinema Sueco, promovido pelo Consulado Honorário da Suécia em São Miguel, levando cerca de 600 pessoas ao TM. O Festival Fantasporto já passou pelo Micaelense, bem como o Mostra – Festival de Animação de Lisboa, mas para reforçar ainda mais a presença do público no cinema, *trazer novamente um festival*<sup>218</sup> faz parte de ideias para o futuro. Pontualmente são exibidos alguns filmes e documentários.

Ao contrário do que havia sucedido no anterior Teatro, neste, a dança é recorrente devido à existência de escolas de dança na cidade de Ponta Delgada. Mas também são apresentadas companhias nacionais e internacionais. O Grupo de Ballet Teatro Paz – Companhia de Dança Contemporânea, o Estúdio de Dança Ana Cymbron, a Escola de Dança Rosa Macedo e o Move – Estúdio de Dança são as escolas de dança locais que, assiduamente, se apresentam no TM, para espetáculos de final de ano letivo ou noutras épocas. A Companhia de

---

<sup>217</sup> Só foram referenciadas as leituras até março de 2017, tendo em conta que o espaço temporal da oferta em estudo foi limitado até ao primeiro quadrimestre do corrente ano.

<sup>218</sup> Idem.

Dança de Olga Roriz tem sido uma presença constante no TM, tendo atuado no anterior teatro e regressado em 2009 e no corrente ano.

No primeiro Teatro, era o evento do ano. Perdeu a sua expressão, depois, devido à existência de outros espaços culturais em Ponta Delgada que o celebram, mas retornou ao TM em 2012. Os bailes de carnaval que outrora eram de gala, voltaram ao TM, mas neste caso, com a temática das máscaras. Esta situação aconteceu devido ao facto de o Coliseu Micaelense ter passado a realizar somente bailes de gala durante o fim-de-semana de Carnaval. É umas das festas com maior adesão na ilha de São Miguel nesta época.

Mas importa notar o que trouxe de novo esta nova vida do Teatro Micaelense. A partir de 2004, pela mão da antiga presidente do TM, é criado o Serviço Educativo, onde estão incluídas as visitas guiadas e os ateliês. Nas visitas, com duração aproximada de 60 minutos, é possível descobrir mais sobre a história do imóvel, bem como as suas características. Atualmente, as visitas cingem-se apenas às escolas. No entanto, pretende-se que sejam alargadas a mais público, nomeadamente a locais e a turistas, como já foi referido anteriormente.

Os ateliês são atividades recorrentes e um serviço que se tem desenvolvido cada vez mais. As crianças e os jovens são o público-alvo, mas existem ateliês direcionados também para adultos. Por vezes, no âmbito dos ateliês, são feitas visitas ao TM e parcerias com artistas que tenham agenda programada para o TM.

No mês de agosto, o TM encontra-se encerrado a nível administrativo e também no que toca a realização de eventos. Ocasionalmente, poderá ter as portas abertas em virtude de exposições – que têm vindo a ganhar mais impacto. Apresentações de livros e de álbuns realizam-se no TM, embora em número muito reduzido.

Outra novidade que surgiu recentemente no TM foi a “Conversa Informal”. Aqui, personalidades de diversas áreas profissionais são convidadas a debater

assuntos de cariz cultural, patrimonial e artístico, bem como a importância e presença de uma infraestrutura como o TM no centro histórico de Ponta Delgada e restante arquipélago.

A reabertura do TM em 2004 foi um acontecimento marcante para a população micaelense, sobretudo. O edifício foi devolvido à cidade de Ponta Delgada, demarcando-se com enorme relevância na região autónoma. A transbordar de memória e tendo, também, construído memórias para quem por ali passou, o TM assume-se como um espaço patrimonial, fazendo parte da coletividade.

Para além da sua vertente cultural, o TM transformou-se num ponto de encontro para eventos de cariz económico e profissional, com a realização de conferências, palestras, congressos, seminários, colóquios e reuniões.

Em 2004, tendo reaberto como Centro Cultural e como Centro de Congressos, em que *o primeiro representa 70% de atividade e o segundo 30%*<sup>219</sup>, há que referir que a recuperação do TM teve por base fundos associados à ideia de turismo de congresso. O centro de congressos é, também, um centro de permutas culturais, dinamizando e estimulando as vertentes económica e social. É uma sala procurada, no entanto, a insularidade faz com que a organização de grandes eventos nos Açores se torne algo de complexo, principalmente devido a questões económicas. Contudo, *a centralidade do TM junto a hotéis é uma mais-valia para quem organiza eventos*<sup>220</sup>. A localização do TM, a nível logístico, tornou-se importante, apesar da existência de outros locais. Como refere Alexandre Pascoal, *o TM recebe congressos a partir de uma certa dimensão ou por factor de diferenciação*<sup>221</sup>, visto ser um espaço singular.

A realização de comícios políticos e de galas – quer sejam de beneficência, entrega de prémios, entre outros – também fazem parte da agenda do TM com alguma frequência. A título de curiosidade, é possível a realização

---

<sup>219</sup> T.O., Silva, Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque.

<sup>220</sup> Idem.

<sup>221</sup> Idem.

de eventos privados no Salão Nobre do TM, tendo já ocorrido, por exemplo, festas de casamento. A multiplicidade de espaços faz com o TM possa abrir as suas portas para os mais variados eventos que possam ser feitos lá. A inovação e a diversificação, características importantes da programação do TM, estão patentes na sua agenda cultural.

Pertencendo a uma rede nacional, o TM coloca Ponta Delgada na rota de algumas digressões nacionais, ao dota-la de uma infraestrutura que tem conseguido acompanhar a sociedade contemporânea. As atividades do TM contribuem, de certo modo, para um desenvolvimento da coletividade onde se encontra.

A programação desta casa de espetáculos aposta nas produções locais, bem como artistas nacionais e internacionais, um padrão que se tem vindo a notar e a crescer cada vez mais. Direcionada para públicos diferentes - e nunca esquecendo o serviço educativo – a programação só é possível através da colaboração e parceria com agentes e instituições.

Pode-se afirmar que o cartaz que o TM tem apresentado desde a sua reabertura é de qualidade e com enorme variedade e notoriedade. Com uma atividade circunscrita a São Miguel, promove e rentabiliza não só a cidade de Ponta Delgada, mas os restantes concelhos da ilha. Além do mais, não se pode esquecer o facto de que a cultura açoriana é imensamente promovida.

Acolhendo o melhor da cultura que passa pelo arquipélago, o TM demarca-se pela sua singularidade.

### **1.3.3. Divulgação e relação com os públicos**

A divulgação da agenda do TM é um fator importante, existindo uma diversidade nos mecanismos utilizados pelo mesmo.

Conforme o nível de grandeza do evento, assim são decididos os meios de promoção, bem como o tempo de antecedência no que toca à sua divulgação.

No TM, a divulgação *é um trabalho que é sempre feito com grande antecipação*<sup>222</sup> e muito extenso. Segundo Alexandre Pascoal, os meios de divulgação utilizados são: “newsletters” mensais, serviço de sms – um serviço mais dispendioso, mas ao mesmo tempo útil para o público -, folhas de sala, agendas quadrimestrais, “outdoors”, “mupis”, entrevistas com os artistas, notas de imprensa, site do TM e não esquecendo a rede social Facebook, uma ferramenta muito utilizada pela população. Ou seja, *tudo aquilo que tenha a ver com a comunicação*<sup>223</sup>. Na entrada do TM, é possível recolher o programa, neste caso dividido em quadrimestral. Desde 2012 que o programa do TM é impresso em brochuras, contendo os eventos, suas descrições, fotografias de eventos, informação dos “workshops”, bem como os preços relativos a cada espetáculo. Entre os anos 2009 e 2011, eram utilizados desdobráveis com o programa trimestral.

Sendo o Facebook um dos maiores meios de propaganda, visto ter um enorme impacto ao informar “no momento”, por vezes, não chega a ser necessário fazer propaganda exterior de um espetáculo pois caso o anúncio de um evento circule pelo máximo de utilizadores, a possibilidade dos bilhetes ficarem esgotados para um espetáculo é maior, caso que já aconteceu, como foi o caso do António Zambujo O edifício do TM é também um recurso utilizado, com a colocação de faixas na fachada frontal e na fachada posterior

A referência aos eventos não se restringe apenas ao momento antes da realização dos mesmos. A imprensa tem um papel de destaque, bem como a rede social, novamente, através da divulgação de registo fotográfico de eventos realizados, como por exemplo na revista semanal “Açores Magazine”, bem como notícias e reportagens que surgem no jornal “Açoriano Oriental” e também no canal televisivo regional RTP-Açores.

Como já foi referido acima, a adesão aos diversos eventos realizados no TM, depende do tipo de evento que é realizado, de quem se vai apresentar em palco, tudo dentro destas normativas. Apesar do orçamento reduzido, *existe*

---

<sup>222</sup> Idem.

<sup>223</sup> Idem.

*muito mais público do que nos últimos anos, isto também derivado da programação*<sup>224</sup>.

Alexandre Pascoal refere a importância de atrair um público diversificado para que possam ir ao TM todas as semanas, algo que *é difícil de fazer com que isso aconteça*<sup>225</sup>, mas existe um indivíduo já reformado, portador do cartão espetador frequente n.º 1, que vai praticamente a todos os eventos no TM sempre que pode pois para o mesmo, como relatou Alexandre Pascoal, é uma maneira de passar o seu tempo e de conhecer coisas novas.

Dada a variedade de eventos realizados no TM, podemos afirmar que o público que o frequenta é diversificado, não existindo somente público jovem, *mas também público mais velho*<sup>226</sup>. É um público maioritariamente composto por classe média e alta.

Relativamente à ocupação, não é efetuada uma contagem da mesma pelo facto de existirem outros espaços no TM, para além do auditório principal, onde também são realizados eventos, como o Salão Nobre – palco de muitos concertos, por exemplo – e as salas polivalentes. Dando o exemplo de 2016, Alexandre Pascoal refere que o TM teve cerca de trinta mil espetadores *para uma população de aproximadamente 120 mil pessoas*<sup>227</sup>, que na sua opinião é um dado muito importante pois significa que *cerca de 25% da população de São Miguel*<sup>228</sup> foi ao TM. A formação de público é uma preocupação do TM.

Estando, desde o início da sua história, localizado no centro histórico da maior cidade açoriana, o TM assume-se como “pertença” da mesma e da população, procurando sempre responder ao que o público mais gosta e melhorar também a sua oferta.

---

<sup>224</sup> Idem.

<sup>225</sup> Idem.

<sup>226</sup> Idem.

<sup>227</sup> Idem.

<sup>228</sup> Idem.

Se no primeiro TM, a música e o teatro eram as artes com maior relevo, a partir da década de 50, o cinema impõe-se. Algo que se inverteu com a reabertura do TM em 2004. A música tem um grande destaque, com enorme variedade, atraindo assim um público mais diversificado. Assistiu-se, e assiste-se, à implementação de novas atividades num espaço que sempre foi tido como elitista, mas que pretende atrair todos os públicos ao Teatro, independentemente das suas possibilidades, apresentação física e escolaridade.

## 2. Teatro Ribeiragrandense

### 2.1. Construir um Teatro em tempos difíceis

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, surge a ideia de criar um teatro na vila da Ribeira Grande, numa época em que o mundo estava enlutado e Portugal também tentava recuperar, visto que se encontrava à beira da falência moral e material.

Em Portugal Continental, os ânimos não eram os melhores, e nas ilhas muito menos. Por mais que o país recuperasse, as ilhas o fariam mais tarde e num processo vagaroso. Durante a Primeira Guerra, a pobreza na ilha de São Miguel aumentou. Não havia iluminação à noite devido à ausência de eletricidade e petróleo e a escassez de alimentos contribuiu ainda mais para o agravamento da fome e de epidemias.

Até surgir o TRG, a vila da Ribeira Grande *usufruíra de espaços, os quais, apesar de não vocacionados para implementarem um alargado nível de vida cultural, bem substituíam, diga-se que na sua intenção, uma verdadeira casa teatral e até cinematográfica. O Recreatório, o Largo Gaspar Frutuoso e o Salão dos Bombeiros, transformados, adaptados ou até mesmo preparados regularmente para locais de exibição de récitas, de concertos musicais e de filmes, iam dando conta da pouca, ou até da muita, realidade cultural que pela vila do norte da ilha de São Miguel florescia.*<sup>229</sup> Segundo imprensa da época, em 1916 já existia uma empresa cinematográfica na Ribeira Grande. Mas o concelho carecia de um espaço que acolhesse os mais variados eventos.

A construção de um teatro na Ribeira Grande foi como “uma luz ao fundo do túnel”, trazendo, de certo modo, um ânimo para a população local. *Não veio dar início a algo que faltasse então à Vila da Ribeira Grande. Veio, isso sim,*

---

<sup>229</sup> [http://www.cm-ribeiragrande.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=67](http://www.cm-ribeiragrande.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=67)

*começar a concentrar e até intensificar o que até ali se encontrava disperso e restrito.*<sup>230</sup>

Ezequiel Moreira da Silva<sup>231</sup> foi o impulsionador desta ideia. Em 1919, juntamente com um grupo de idealistas e com o seu próprio dinheiro, fundou a Empresa do Teatro Ribeira-Grandense<sup>232</sup>. *Através dos seus estatutos, foram nomeados para o biénio de 1919 e 1920, os seguintes diretores: efectivos, Doutor Manuel Teles Pinto de Leão, Aristides Soares Gamboa e Ezequiel Moreira da Silva; substitutos, Manuel Inácio Lopes, Faustino Teixeira de Lima e Calisto de Oliveira Rocha.*<sup>233</sup>

O projeto para a construção do teatro não foi realizado por nenhum arquiteto da região, mas sim *extraído de um álbum trazido da Alemanha pelo engenheiro da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Manuel Pereira do Rego Lima. O seu irmão José Pereira do Rego Lima, condutor de Obras Públicas, adaptou o projeto para o local que foi escolhido, estando depois à frente da sua execução técnica.*<sup>234</sup>

A escolha para o local do teatro não foi, no entanto, fácil. Inicialmente, a Praça do Município<sup>235</sup> seria o local mais apreciado, mas já estava cheio de edifícios de várias épocas. Para uma melhor localização, neste caso, próxima da Praça, *a Fonte Velha e a antiga casa do João do Outeiro, verdadeiras relíquias manuelinas do séc. XVI*<sup>236</sup>, tiveram que ser demolidas para dar lugar à construção do tão ambicionado Teatro.

*Parte da pedra nele utilizado proveio da Torre das Freiras*<sup>237</sup>, *que começara a ser demolida a 1 de março de 1920, três meses antes de se iniciarem*

---

<sup>230</sup> Idem.

<sup>231</sup> Nascido a 1893 e falecido em 1974 na Ribeira Grande. Teve um papel fundamental nas mais variadas áreas nesta cidade, sendo a produção de licores um dos seus legados mais conhecidos nos dias de hoje.

<sup>232</sup> Data de 6 de abril a realização da Assembleia Geral para a fundação da empresa e de 19 de setembro do mesmo ano a constituição da ETRG.

<sup>233</sup> [http://www.cm-ribeiragrande.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=67](http://www.cm-ribeiragrande.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=67)

<sup>234</sup> Resendes, 1989.

<sup>235</sup> Atual Largo Conselheiro Artur Hintze Ribeiro.

<sup>236</sup> Almeida, 2001: 36.

<sup>237</sup> Parte do antigo Convento de Jesus. Pedra comprada por 500 mil reis.

as fundações.<sup>238</sup> Em outubro do mesmo ano, *são vendidas acções a particulares de forma a aumentar o capital da empresa, bem como a emigrantes da terra, na América*<sup>239</sup>. Devido à falta de fundos, o terreno e as obras foram hipotecados pela casa Bancária de Raposo d’Amaral Severim, levando à suspensão das obras. O edifício já tinha as paredes erguidas, o teto com telha e as janelas e portas postas, dando azo à realização de alguns espetáculos<sup>240</sup> de cinema, teatro, música e circo, embora não regularmente, devido às condições do interior do teatro.

A 14 de fevereiro de 1931, trinta e dois filhos da terra formaram uma nova empresa, a Sociedade Teatral Ribeiragrandense, em que o objetivo consistia na *exploração de quaisquer espectáculos públicos, por conta própria, ou por adjudicação ou delegação, quer pelo cinematografo, quer pelo teatro de declamação, revistas de costumes exibições coreográficas, quer ainda por concertos*<sup>241</sup>. Os sócios escolhidos para a gerência durante o primeiro biénio seriam: Virgínio Cabral de Lima, Doutor Agostinho de Sá Vieira e Manuel Inácio Lopes, como efetivos, e Alberto Ferreira Moniz, Amadeu Frias Coutinho e Luiz da Mota Faria, nomeados para seus substitutos.

As obras recomeçaram, então, naquele mesmo ano, devido ao dinheiro dos novos sócios e também pela dedicação dos administradores e dos operadores, entre eles o tesoureiro Manuel Inácio Lopes, o caiador António Pacheco Alfinete, o marceneiro José Moniz Vigário – que estavam encarregues das guarnições e carpintaria – e o artista amador Guilherme Porfírio Cabral, que teve a seu cargo a pintura do teto, a frontaria e o pano de boca do palco. Sobre as suas características arquitetónicas escreveu-se:

*O Ribeiragrandense, sendo apelo de cultura na então mais populosa vila da ilha e dos Açores, ao nível arquitectónico ficou-se pela menoridade de um formulário banalmente ecléctico nas suas fachadas, que envolvem sala em*

---

<sup>238</sup> <http://www.ribeiragrande.pt/geo/teatro-ribeiragrandense/>

<sup>239</sup> Almeida, 2001: 36.

<sup>240</sup> Entre os anos 1922-1933.

<sup>241</sup> Idem.

*ferradura, vagamente neoclassizante, pela adopção de elementos decorativos secundários.*<sup>242</sup>

Finalmente, após doze anos desde o início da sua construção, o Salão-Teatro<sup>243</sup> (Figura 21) é inaugurado oficialmente a 8 de janeiro de 1933 pelo Marquês Jácome Correia. O jornalista Rebelo de Bettencourt foi o orador da cerimónia. No seu discurso, realçou o trabalho, a determinação e a dedicação dos ribeiragrandenses para a execução do Teatro Ribeiragrandense, referindo ainda que a Ribeira Grande podia certamente reclamar o título de cidade.



Figura 20 – Teatro Ribeiragrandense, s/d  
Arquivo do Teatro Ribeiragrandense

Ezequiel Moreira da Silva atribuiu a designação de Vila-Cidade à Ribeira Grande, tendo posteriormente ganho o nome de “senhor Vila-Cidade” por esse mesmo facto. A sua vila só viria ser elevada a cidade sete anos após o seu falecimento, a 29 de junho de 1981. No entanto, no início da segunda metade do século XX, já se tinha tentado elevar a vila da Ribeira Grande a cidade, mas sem

---

<sup>242</sup> Sousa, 1995: 20.

<sup>243</sup> Não se conseguiu saber o porquê desta designação.

sucesso. Apesar desta mesma vila ter tido um enorme desenvolvimento urbanístico e populacional a partir do século XIX, com maior incidência na viragem dos séculos, o título de cidade tardou em vir.

Entre os anos 1928 e 1954, a STRG arrenda o TRG às empresas Tomaz & Peixoto, Faria & Companhia e Peixoto de José Peixoto de Oliveira, explorando o cinema numa altura em que a indústria cinematográfica já exibia filmes a cores e com som. No tempo em que lá esteve, José Peixoto manteve o edifício sempre bem conservado.

A partir dos anos 60, mais precisamente em 1963, a empresa Manuel A. Mendonça Lda – oriunda de Ponta Delgada – torna-se a nova rendeira do TRG até 1986. Como proprietária do imóvel, a STRG pedia uma renda simbólica para a manutenção e conservação do edifício. Mas a cláusula não foi totalmente cumprida pelo novo rendeiro. E apesar de ter realizado algumas beneficiações no exterior, por conta própria, o edifício foi-se degradando pela falta de conservação e pelos sismos.

Álvaro dos Santos Moura foi gerente do TRG a partir de 1973 até ao encerramento de atividades e venda do edifício à Câmara Municipal da Ribeira Grande. *Era responsável por tirar as licenças para os espetáculos junto da autarquia, pelo pagamento do pessoal após cada espetáculo e do depósito bancário do pecúlio dos espetáculos e publicidade dos mesmos.*<sup>244</sup> O seu filho, Mário Moura, relata ainda que também desempenhava as funções do seu pai quando este se ausentava da ilha.

Em 1983, a STRG ordenou uma ação de despejo, algo que durou cerca de dois anos. Devido a uma vistoria feita pelos Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande, o TRG teve que ser encerrado por causa da sua instabilidade.

Três anos após a ordem de despejo, em junho de 1986, foi feito um acordo na Secretaria Judicial da Ribeira Grande em que o arrendatário não só teria que

---

<sup>244</sup> T.O., Moura, Mário Fernando Oliveira.

abandonar o TRG até ao final do ano voluntariamente, como ainda teria que pagar uma indemnização de 150 contos<sup>245</sup> devido aos *prejuízos causados pelo seu desleixo e pela falta de cumprimento das suas obrigações clausulares*<sup>246</sup>. A STRG aceitou a quantia. Contudo, era insuficiente para poder restaurar e conservar o edifício.

Para garantir a continuidade do TRG, os proprietários “entregaram” o TRG à Câmara Municipal da Ribeira Grande. Tendo esta uma preocupação com a vida social da localidade podia, para além disso, salvar o imóvel das ruínas. A transação do imóvel teve uns contratempos na medida em que alguns proprietários exigiam mais dinheiro, pois consideravam que a CMRG recebia o teatro quase de graça. Além do mais, alguns dos acionistas entendiam que aquele espaço que outrora havia sido uma grande sala de espetáculos, deveria transformar-se num centro comercial ou numa infraestrutura económica. Mas em novembro de 1988, descendentes dos idealizadores da edificação do teatro em 1919 e 1931 não quiseram debater-se mais com as dificuldades, entregando o edifício à autarquia.

Após 70 anos de existência (1919-1988), a CMRG torna-se proprietária do TRG, por ser não somente um teatro, mas *um alto padrão que atesta a grandeza da alma e do coração dos ribeiragrandenses*<sup>247</sup>. Um ano após o TRG ter sido adquirido pela autarquia ribeiragrandense, é classificado como Imóvel de Interesse Público<sup>248</sup>. Segundo Mário Moura, *foi um estímulo e um prémio. Estímulo para o preservar, prémio para os seus fundadores e para a terra como reconhecimento do seu papel social.*<sup>249</sup>

Nos finais do século XX, mais precisamente entre os anos de 1997 e 2000, o primitivo edifício do TRG sofre obras de remodelação. O edifício foi praticamente todo demolido, com exceção das fachadas. Luís Almeida foi o arquiteto responsável pela renovação e remodelação do edifício. Nestas obras,

---

<sup>245</sup> 750 €.

<sup>246</sup> Resendes, 1989.

<sup>247</sup> Idem.

<sup>248</sup> Segundo a resolução N°152/89, de 5 de Dezembro.

<sup>249</sup> T.O., Moura, Mário Fernando Oliveira.

é edificado o Centro de Conferências da Ribeira Grande, tendo sido reinaugurado juntamente com o Teatro a 5 de maio de 2000 (Figura 22).



Figura 21 – Teatro Ribeiragrândense, 2000  
Fonte: Arquivo do Teatro Ribeiragrândense

*O sonho daquele grupo de rapazes, dos inícios do século XX, reactivou-se. A cidade de Ribeira Grande passou a integrar os roteiros das cidades ditas capitais de cultura. O Presidente da Autarquia<sup>250</sup> ribeiragrândense assim o revelou na Sessão de reabertura do Salão-Teatro.<sup>251</sup>*

*Até àquela data, o edifício do Teatro albergou unicamente o auditório principal. Neste momento, conta com dois auditórios: o principal, conhecido por sala vermelha e com 274 lugares; e um auditório mais pequeno, conhecido por sala azul, com 90 lugares. Foram construídos três pisos: o piso -2 contém cinco salas e um gabinete (...) o piso -1 tem somente duas salas (...) e por fim, o piso 1, que tem o mesmo número de salas que o piso -1, mas onde se encontram*

<sup>250</sup> Na altura, António Pedro Costa.

<sup>251</sup> [http://www.cm-ribeiragrande.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=67](http://www.cm-ribeiragrande.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=67)

*dois gabinetes.*<sup>252</sup> Os dezassete camarotes permaneceram demonstrando um certo requinte, distribuídos em três ordens. O TRG *tem elementos decorativos, neoclássicos, mantendo a forma de ferradura*<sup>253</sup>.

Nos anos 2008 e 2009, o TRG apresentar-se-ia à população de cara lavada, com uma nova cor, destacando-se ainda mais no centro histórico ribeirão-grandense (Figura 23).



Figura 22 – Teatro Ribeirão-Grandense, 2017  
Fonte: Própria

---

<sup>252</sup> T.O., Raposo, André Faria.

<sup>253</sup> Almeida, 2001: 37.



Figura 23 – Auditório do Teatro Ribeirão Grandense, 2017  
Fonte: Própria



Figura 24 – Palco do Teatro Ribeirão Grandense, 2017  
Fonte: Própria

## 2.2. Aspetos institucionais de mais um teatro municipal

O TRG apresenta-se como um teatro municipal, estando sob uma gestão camarária, neste caso da autarquia da Ribeira Grande. *Faz parte da Divisão da Cultura da CMRG<sup>254</sup>*, sendo considerado um polo cultural do município, tal como outros existentes no concelho, *como as bibliotecas e os museus. Contudo, o Teatro é o mais importante<sup>255</sup>*.

Não tendo o seu próprio orçamento, este é atribuído pela CMRG *para licenças, espetáculos e programação<sup>256</sup>* no valor total anual de 15.000€. Relativamente aos salários dos funcionários, estes estando ao serviço do município, recebem, então, através da Gestão de Recursos Humanos da autarquia, e não do Teatro.

O TRG não possui patrocínios e parcerias. Neste caso, a CMRG é que tem, servindo não só o TRG, mas outras valências culturais do concelho.

Para além de sala de espetáculos, o TRG é local de algumas atividades extra. Desde 2008 que se tornou a sede da Universidade Aberta na ilha de São Miguel. *No seguimento do ensino, a Escola Profissional da Ribeira Grande leciona cursos pós-laborais<sup>257</sup>* no TRG. As instalações do TRG também são utilizadas pela Academia de Música da Ribeira Grande, bem como para aulas de yoga e hip-hop. Dois grupos de teatro locais, “A Pontilha” e “bitTeatro” *fazem os seus ensaios sempre no Teatro, tal como o Ateliê de Folclore da Casa de Povo da Ribeira Grande<sup>258</sup>*. Existe, também, o Clube de Cinema da Ribeira Grande que promove sessões de cinema e festivais também.

---

<sup>254</sup> T.O. Raposo, André Faria.

<sup>255</sup> Idem.

<sup>256</sup> Idem.

<sup>257</sup> Idem.

<sup>258</sup> Idem.

### **2.2.1. Missão e Objetivos: Servir a população é uma prioridade**

Estando sob a gestão da autarquia ribeiragrandense, o principal objetivo do TRG é *oferecer cultura e apoio a todos os eventos culturais*<sup>259</sup> realizados no concelho e aqueles que são agendados pela CMRG.

Apesar da existência diversificada de polos culturais na cidade da Ribeira Grande, o TRG dá apoio a outros locais de relevo cultural, nomeadamente a Biblioteca Municipal Daniel de Sá e o Museu Vivo do Franciscanismo, por exemplo, oferecendo o seu espaço para eventos ou então através de fornecimento de equipamentos.

Como polo de dinamização cultural concelhio, o TRG abre as suas portas a criações locais e, também, faz as suas próprias produções através da CMRG. As instituições de solidariedade social e as escolas procuram o Teatro para a realização de eventos, sobretudo devido ao facto do seu usufruto ser gratuito e, de certo modo, através deste espaço, a CMRG confere o seu apoio a estas mesmas instituições.

Através do TRG, a cidade da Ribeira Grande tem crescido cada vez mais a nível cultural, estando a trabalhar não só nessa vertente, mas também a nível social sobretudo. Dada a existência de estruturas culturais no concelho, a principal casa de espetáculos do município deve continuar a projetar novos desafios, juntamente com a sua tutora, a CMRG.

Nestes tempos em que as pessoas têm vindo a adquirir novos hábitos culturais, há que ter esse objetivo em conta para um melhor trabalho e serviço, não só para a população local, mas também para toda a ilha. Ao dispor de melhores acessibilidades, a ilha de São Miguel pode servir outros públicos.

---

<sup>259</sup> Idem.

## 2.2.2. Recursos Humanos

Os seis funcionários que trabalham no TRG estão integrados na Divisão de Promoção Cultural e da Juventude da CMRG. André Raposo trabalha no TRG desde a sua reabertura. Desde 2011 que ocupa o cargo de coordenador e garante que *a transição de cargo não foi difícil*<sup>260</sup> tendo em conta que ao longo destes anos todos, trabalhou sempre com as mesmas pessoas. Emanuel Cordeiro é técnico de som e assistente administrativo, António Ponte e Manuel Ponte são assistentes operacionais e os responsáveis pela manutenção do edifício, Tiago Correia é técnico de luz e de som e Graça Sousa é rececionista do TRG. No entanto, *existe uma polivalência, ou seja, qualquer um destes funcionários pode fazer a função de bilheteira*<sup>261</sup>.

Apesar da função que exerce, André Raposo refere que não passa o dia na secretária pois tem *em mãos a gestão de pessoal e por em prática e em linha as ideias diretivas do executivo camarário*<sup>262</sup>.

A relação existente entre o TRG e a CMRG é de proximidade devido ao trabalho conjunto que a equipa do Teatro tem com o Vereador da Cultura e com o Presidente da Câmara, visto que são eles os responsáveis e que informam sobre o que irá acontecer naquele espaço cultural.

A ser gerido pela CMRG, o TRG não apresenta uma identidade própria, sendo visto, portanto, como um componente do município ribeiragrandense. Mas é tido como parte integrante da cidade, do concelho e da população local. Facilitar o acesso à cultura a comunidades desfavorecidas é um dos objetivos do Teatro para continuar a ser trabalhado.

---

<sup>260</sup> Idem.

<sup>261</sup> Idem.

<sup>262</sup> Idem.

## **2.3. A atividade do Teatro Ribeiragrandense**

### **2.3.1. O que nos diz o espólio**

Entre os anos 1922 e 1933, as obras do TRG “arrastaram-se”, não estando o edifício completamente edificado. No entanto, já era palco de alguns espetáculos.

A 24 de agosto de 1924, foi realizada uma cerimónia comemorativa do IV Centenário do nascimento de Gaspar Frutuoso, filho da terra, cronista e historiador insular. Data de 26 de fevereiro de 1928, o início do funcionamento da primeira “máquina projetora” do cinema mudo, tendo estreado com o filme “O Az do Pedal”. Em 1930, estreou a grande Companhia Internacional de Circo Equestre Americano.

Após a sua inauguração, a exibição de filmes era constante. Em 1935, já existia cinema sonoro. Contudo, não se sabe ao certo a data da sua introdução. As sessões de cinema realizavam-se sobretudo aos fins-de-semana, com filmes de comédia, ação e aventura. Com o decorrer da Segunda Guerra Mundial, surgem também filmes relacionados com esta. O cinema americano era o que estava em voga. Nomes como Carmen Miranda, Fred Astaire, Charlie Chaplin e Shirley Temple foram algumas das caras a passar pelo ecrã do TRG. Em 1937, estreia o célebre filme “King Kong”.

Nos anos 40, começam a ser exibidas curtas-metragens, desde desenhos animados a documentários e filmes mudos antes do cartaz principal. Notícias da atualidade também passariam a ser exibidas, como consequência da II Guerra Mundial.

A realização de espetáculos de beneficência foi, também, frequente no TRG, sobretudo para bandas filarmónicas locais – Banda S.S. Salvador do Mundo da Ribeirinha e Banda Filarmónica Voz do Progresso -, grupos desportivos, para famílias carenciadas da Ribeira Grande e até mesmo para

obras de melhoramento, como foi o caso da Igreja da Nossa Senhora da Conceição em 1937.

Na década de 60, começam a ser feitos os tradicionais bailes de carnaval, tal como acontecia no Coliseu Micaelense. Antes do 25 de Abril, o TRG foi palco de eventos políticos, tendo sido realizadas sessões de propaganda e esclarecimento cívicos. Durante o período eleitoral, eram alvo de boicote, neste caso, os da oposição, chegando depois a ser proibidos. A PIDE tinha sempre um agente presente para controlar a situação. Mesmo após a Revolução, comícios políticos continuaram a ser feitos no TRG, algo que ainda acontece atualmente.

O TRG foi palco de representações de inúmeras companhias nacionais. Comédias de Alberto Ferreira Moniz, dramas de Tavares Barbosa e de outros escritores regionais e nacionais também foram aplaudidos. As revistas enchiam naturalmente a sala de espetáculos.

Segundo Mário Moura, no TRG, eram feitos espetáculos de todo o género, recordando-se por exemplo *dos dez espetáculos lotados da Açorianíssima*<sup>263</sup>, com estreia a 2 de julho de 1978. Havia muitas sessões de teatro, não só profissional, mas também amador, com representações do Liceu Nacional de Ponta Delgada, do Colégio da Ribeira Grande e do grupo “A Pontilha”.

Mesmo após a Ribeira Grande ter o seu contemplado TRG, foram surgindo, pelas freguesias, pequenos núcleos onde era também possível desfrutar de um bom serão com a visualização de filmes. Rabo de Peixe, Calhetas e Ribeirinha, por exemplo, são exemplos de onde assomaram “sociedades”, como eram chamadas, que tinham como objetivo o lazer da população. No entanto, não foi por isso que o TRG passou a ter menos afluência. A imponência da sua arquitetura e a sua oferta cultural fizeram com que se tornasse o principal foco de entretenimento daquela Vila.

---

<sup>263</sup> T.O., Moura, Mário Fernando Oliveira. A revista “Açorianíssima” foi um show de variedades criada e encenada pelo micaelense Victor do Carmo Cruz (1929-2016), tendo sido um grande sucesso durante a década de 80 não só nos Açores, mas também nas comunidades de emigrantes dos Estados Unidos e do Canadá.

### 2.3.2. A Programação, hoje

Como detentora do espaço, é a CMRG que determina a programação, mais concretamente a vereação da cultura. O TRG também recebe propostas de realização de eventos, no entanto, têm sempre que passar pelo município para aprovação do Vereador da Cultura e em outros casos, do próprio Presidente da Câmara.

O objetivo da programação é *criar plateias para diferentes tipos de arte*<sup>264</sup>, atraindo um público mais diversificado.

O tipo de espetáculo mais procurado é o teatro. A sala do TRG oferece excelentes condições para a realização de peças de teatro. *É pequena e tem boa acústica.*<sup>265</sup> A realização de peças de teatro no TRG corresponde a cerca de 75% da sua ocupação, seguindo-se depois a música e a dança. Maioritariamente, são grupos locais que sobem hoje ao palco do TRG como A Pontilha – Associação Cultural e Desportiva, o Grupo de Teatro Amphitheatrum e Ajurpe – Associação Juvenil de Rabo de Peixe com atuações frequentes, ao longo do ano. A nível nacional, a Companhia de Teatro do Chiado, que também esteve no TM, passou pelo TRG em 2006. Ruy de Carvalho e seu filho, João de Carvalho, e Miguel Damião são algumas das caras conhecidas do teatro e da televisão portuguesa que passaram pelo Teatro, tendo atuado no TRG praticamente no início da sua atividade.

A música popular e a música clássica são os dois tipos de música que mais preenchem a programação do TRG. Logo na Sessão Comemorativa da Inauguração, marcou presença a Orquestra do Conservatório Regional de Ponta Delgada, juntamente com o orfeão Edmundo Machado de Oliveira – que viria a regressar ao TRG em 2016. Professores e antigos alunos do Conservatório é que detêm a iniciativa de grande parte dos concertos de música clássica. Apesar de estar localizado em Ponta Delgada, recorre ao palco do TRG com muita frequência, tendo muita adesão por parte do público. Além do mais, a Direção

---

<sup>264</sup> T.O., Raposo, André Faria.

<sup>265</sup> Idem.

Regional da Cultura promove a Temporada Artística, integrando estes concertos. A Banda da Zona Militar dos Açores, o Coro de São José e as filarmónicas, sobretudo do concelho da Ribeira Grande, sobem anualmente ao palco do TRG em espetáculos de início de ano, de Natal ou em festivais, como o caso das filarmónicas. Aníbal Raposo, Luís Gil Bettencourt e Myrica Faya são nomes bem conhecidos da música açoriana, tendo este último atuado no TRG muito recentemente, chamando muito público ao seu concerto. No entanto, relativamente a nomes nacionais, a lista é muito escassa.

Como foi referido, o TRG é a sede da Academia Musical da Ribeira Grande, que foi reaberta em 2015. Tal como seria de esperar, aquando da realização de espetáculos pelos seus alunos e professor, o TRG é o palco escolhido para os mesmos. Esta parceria é frutuosa para ambas as partes, já que a presença frequente da Academia através do ensino da música nas instalações do TRG e dos espetáculos que aí apresenta permite aproximar a população deste Teatro, ao mesmo tempo que TRG e Academia contribuem para uma atividade musical regular do agrado de todos os públicos.

Em relação à dança, existe um grupo que aí atua anualmente, o 37.25 – Núcleo de Artes Performativas. A Companhia Ballet Teatro Paz e o Estúdio de Dança Ana Cymbron atuaram no TRG desde 2000. Mas com a reabertura do TM, estes grupos de dança passaram a integrar a programação deste por se encontrarem localizados em Ponta Delgada.

Desde a sua reabertura que o cinema consta da agenda do TRG. Foram exibidos vários sucessos, sendo que atualmente o Clube de Cinema do TRG promove sessões quase todas as semanas. Para o público infantil, a Biblioteca Daniel de Sá começou a promover sessões mensalmente.

A realização de palestras, formações e colóquios tem grande impacto no TRG *pelo facto de a usufruição do espaço ser gratuita e também devido às dimensões das suas divisões*<sup>266</sup>. Este facto fez também com que escolas e

---

<sup>266</sup> Idem.

instituições locais passassem a realizar festas de final de ano e festas de Natal no TRG, como a EJI/1 da Matriz, a Escola Básica e Integrada da Ribeira Grande, o Centro Infantil e Juvenil Jacinto Ferreira e o Centro de Apoio Social e Acolhimento Bernardo Manuel Silveira Estrela.

De vez em quando, o TRG é local de exposições - de artesanato e fotografias, sendo estas exposições também por vezes alusivas a efemérides – e de lançamento de livros de locais.

Entre o final de 2005 e 2010, a atividade no TRG era relativamente pouca. Nos anos 2008 e 2009, não se verificaram eventos neste espaço cultural, coincidindo com a altura da crise. A programação estagnou e a manutenção dos equipamentos tornou-se mais dispendiosa, incluindo a realização de produções. A adesão de locais, incluindo escolas, grupos de música e teatro e instituições diminuiu levando então a um decréscimo na realização de eventos.

No entanto, a partir de 2013, denotou-se um aumento da sua atividade e com novidades na agenda. Uma destas mesmas intitula-se “Tomar café com...” que consiste numa conversa informal no foyer do bar do TRG com convidados conhecidos da sociedade micaelense. Além do mais, os tradicionais bailes de carnaval voltariam a ser realizados em 2010. Contudo, a partir de 2015, deram lugar ao baile de máscaras, um evento que apesar de contar com apenas três edições, tem tido cada vez mais sucesso.

Funcionando com base no acolhimento, o TRG, contudo, apresenta uma agenda preenchida nos últimos anos. Em média, passam cerca de 25 mil pessoas por ano pelo TRG. A produção própria passa por um dos objetivos deste espaço, ao mesmo tempo que formar plateias consiste numa prioridade para que assim o Teatro possa contribuir para um efetivo crescimento a nível cultural.

Com o aumento de atividades nos últimos 5 anos, o TRG deverá continuar a trabalhar na sua programação, redefinindo estratégias. Como é possível observar, a oferta cultural cinge-se nos artistas locais, reconhecendo o seu valor e, em simultâneo, mostrar o que existe a nível cultural no concelho

principalmente. Tendo em conta que o concelho da Ribeira Grande tem apostado na sua dinamização cultural, o TRG deve reforçar ainda mais a sua agenda para poder afirmar-se ainda mais como um dos principais palcos de eventos nesta mesma cidade.

### **2.3.3. Divulgação e criação de públicos**

Segundo o Coordenador do TRG, o público é diversificado, estando, entretanto, a acontecer a criação de plateias específicas. *Quando há teatro, é o mesmo público.*<sup>267</sup> Quando é outro tipo de evento, vem outro. *Para cada evento diferente, existem públicos diferentes.*<sup>268</sup> Refere ainda que *a população local ia mais ao Teatro. Antes da crise, na altura das “vacas gordas”, a agenda do TRG era mais preenchida. Contudo, veio a crise e isto esteve parado uns anos, perdendo essas plateias*<sup>269</sup>. A população perdeu interesse devido à conjuntura económica da altura.

Para além da realização da agenda do TRG, cabe também à CMRG a tarefa de divulgar a mesma. O site do município ribeiragrandense e a sua rede social Facebook são os instrumentos mais utilizados. *Para além da divulgação online, são utilizados outdoors e mupis*<sup>270</sup>.

Tal como se verifica no TM, a imprensa também tem um papel de destaque na promoção dos eventos, divulgando-os e realizando reportagens acerca dos mesmos. Novamente, o jornal “Açoriano Oriental” e o seu suplemento semanal “Açores Magazine” constituem instrumentos fundamentais na divulgação do que é feito na cidade do Norte, não esquecendo do canal televisivo regional que através das notícias, publicidades e programa diário “Açores Hoje”, promovem e apresentam a agenda cultural.

Não há dúvida de que nos últimos anos, o TRG tem ganho cada vez mais um papel de destaque na oferta cultural micaelense. Valorizou ainda mais a

---

<sup>267</sup> Idem.

<sup>268</sup> Idem.

<sup>269</sup> Idem.

<sup>270</sup> Idem.

cidade da Ribeira Grande, após a sua reabertura em 2000. Deve continuar a trabalhar na promoção cultural, chamando não só a população local, mas também da restante ilha de São Miguel.

O desenvolvimento cultural e social no município ribeiragrandense deve-se, em grande parte, ao trabalho realizado pelo TRG e a população orgulha-se por aquela infraestrutura que ali se faz apresentar na Ribeira Grande.

## 3. Cineteatro Lagoense Francisco D’Amaral Almeida

### 3.1. Francisco D’Amaral Almeida: História de um fundador

Francisco d’Almeida Amaral nasceu a 25 de dezembro de 1873, na freguesia do Rosário, na vila da Lagoa, fazendo parte do seio de uma família de sete irmãos. José Amaral e Quitéria Almeida, seus pais, decidiram mudar-se do concelho de Nordeste para a Lagoa com o objetivo de proporcionar estudos aos seus filhos.

Como é possível verificar, o nome do fundador do Cineteatro Lagoense não corresponde àquele pelo qual é conhecido: Francisco d’Amaral Almeida. Como tinha um familiar com o nome Francisco Amaral, alterou a ordem dos sobrenomes para não ser confundido - e porque não o queria ser mesmo. Esta situação não foi do agrado do seu pai pois para este significava um afastamento de Francisco da família. *Apesar da mudança de nome, foi sempre tratado por Francisco Amaral.*<sup>271</sup>

Estudou na escola primária da Lagoa e no Liceu de Ponta Delgada<sup>272</sup>, não tendo prosseguido mais do que isso, ao contrário do seu irmão José d’Amaral, que *foi estudar Engenharia Eletrotécnica*<sup>273</sup> e que trabalhou posteriormente *na questão da implantação da eletricidade*<sup>274</sup> na ilha de São Miguel. Apesar disso, a falta de estudos não fez com que Francisco Amaral não fosse *o representante da empresa de eletricidade e gás*<sup>275</sup> no concelho da Lagoa.

Foi colaborador no jornal “O Lagoense”, solicitador e presidente da Câmara Municipal da Lagoa. Segundo o seu neto, Francisco Amaral *era um idealista, um*

---

<sup>271</sup> T.O., Borges, Paulo Jorge Soares de Amaral.

<sup>272</sup> Atual Auditório Municipal de Ponta Delgada.

<sup>273</sup> T.O., Borges, Paulo Jorge Soares de Amaral.

<sup>274</sup> Idem.

<sup>275</sup> Idem.

*artista extraordinário*<sup>276</sup>. O Centro Social de Nossa Senhora do Rosário que existe atualmente deve-se a Francisco d'Amaral Almeida. Foi o *fundador e presidente do Asilo da Infância Desvalida que recebia meninas abandonadas*<sup>277</sup>. Nos dias de hoje, para além de função de asilo, o Centro Social contém uma creche e um jardim-de-infância.

Para além do Cine Teatro, que será tratado mais à frente, o Eden Park foi outra obra sua de enorme relevância. Construído em 1917, *com cerca de 30 hectares de mata*<sup>278</sup>, numa das suas propriedades, foi uma obra bem conseguida e aceite de bom agrado pela população. Localizado no portinho de São Pedro, o parque abarcava zonas de merendas, áreas desportivas *onde se praticava vários desportos, entre eles o croquet*<sup>279</sup>, baloiços em forma de barcos, palheiros e *nichos em homenagem a Nossa Senhora*<sup>280</sup>. Podemos afirmar que era um parque de lazer onde a população local ia conviver e socializar.

Francisco d'Amaral Almeida *foi um homem muito culto, interessado no desenvolvimento e progresso da sua terra tendo realizado várias ações de cariz cultural em prol da Lagoa e dos Lagoenses. O principal legado que chegou até hoje foi o Cine Teatro*<sup>281</sup>. (Figura 26)

Em meados da década de 90, o seu nome viria a ser atribuído a uma das ruas da freguesia do Rosário<sup>282</sup>.

---

<sup>276</sup> T.O., Borges, Jorge Manuel Mota Amaral.

<sup>277</sup> Idem.

<sup>278</sup> Idem.

<sup>279</sup> Idem.

<sup>280</sup> Idem.

<sup>281</sup> Monteiro, 2015.

<sup>282</sup> Ver Figura 38, página 115.



Figura 25 – Francisco d’Amaral Almeida, s/d  
Fonte: Arquivo Particular da Família Amaral

## 3.2. O sonho de um Teatro na Lagoa

### 3.2.1. Família Amaral: 1913 – década de 90

Como referiu Jorge Borges, o seu avô tinha o teatro como vocação. *Escrevia, começava a fazer peças, chegando inclusive a interpretá-las também*<sup>283</sup>. Era uma pessoa multifacetada, estando sempre a investir nas artes, como por exemplo na cerâmica, olaria, pintura e fotografia também. *Foi o primeiro fotógrafo na Lagoa.*<sup>284</sup> Todas estas qualidades foram relevantes aquando do surgimento do Cine Teatro.

Segundo o seu neto, Francisco d'Amaral tinha o sonho de construir uma sala de espetáculos na Lagoa, tendo escolhido o centro do concelho para a execução da mesma, mais precisamente na freguesia do Rosário. Pelo facto de um parente seu não ter querido vender-lhe uma parcela de terreno, teve que adaptar o Teatro às limitações do mesmo pois *foi ele próprio quem desenhou o edifício, sendo composto por rés-do-chão e 1.º andar.*<sup>285</sup> Não só desenhou a planta do edifício como também foi o responsável pela realização do mesmo. A 1 de fevereiro de 1913, o Teatro Amaral, como viria a ser designado, foi inaugurado.

*A sala era composta por palco, com boca de cena, e lugar para o ponto, plateia com bancos corridos de madeira, sem costas, que saíam quando havia bailes ou outras atividades, e três séries de camarotes, sendo um deles reservado para a família. Por baixo do palco, ficavam os camarins e o chão da sala era cimentado. Existia ainda um pequeno quarto que servia para deitar a dormir as crianças da família, enquanto assistiam aos espetáculos e aos filmes ou colaboravam nas tarefas necessárias para pôr o espetáculo a funcionar, desde dar à manivela a máquina de projeção, pôr a funcionar o gramofone, fazer subir e descer o pano, e até mesmo, cobrar os bilhetes ou limpar e organizar o espaço.*<sup>286</sup> Francisco d'Amaral fez a boca de cena, tendo também pintado o pano. O busto da República que se encontrava no interior, mais precisamente

---

<sup>283</sup> T.O., Borges, Jorge Manuel Mota Amaral.

<sup>284</sup> Idem.

<sup>285</sup> Idem.

<sup>286</sup> Monteiro, 2015.

em frente ao palco, bem como as estátuas que se encontravam na fachada e *que simbolizavam as Quatro Estações do Ano*<sup>287</sup>, também foram da sua autoria.

No exterior, devido à existência da parte do terreno que não foi vendida, havia um pequeno jardim. Na parte da frente do edifício, havia *uma espécie de botequim onde se vendiam bebidas e petiscos*<sup>288</sup>, servindo o público no Teatro na hora dos espetáculos.

Na década de 40, Francisco d'Amaral ficou cego. O seu filho Francisco passou, então, a gerir o espaço. A 24 de julho de 1948, Francisco d'Amaral viria a falecer deixando um enorme legado à sua família. Quando foram feitas as partilhas, a mãe do entrevistado Jorge Borges, Maria Eduarda Mota Amaral Borges, filha de Francisco d'Amaral, quis ficar com o Teatro, ao contrário dos seus irmãos. O desejo de ficar à frente deste espaço deveu-se às recordações que dele tinha. Ela e o *seu marido João Pedro Borges, tornaram-se então, os novos proprietários*<sup>289</sup>.

Nos anos 50, foram efetuadas as primeiras remodelações no Teatro Amaral (Figura 27). *O jardim pequeno que existia ao lado desapareceu, tendo sido transformado numa entrada para o balcão.*<sup>290</sup> Construiu-se *uma bilheteira à entrada no lado esquerdo do edifício*<sup>291</sup>.

---

<sup>287</sup> Idem.

<sup>288</sup> T.O., Borges, Jorge Manuel Mota Amaral.

<sup>289</sup> Monteiro, 2015.

<sup>290</sup> T.O., Borges, Jorge Manuel Mota Amaral.

<sup>291</sup> Idem.



Figura 26 – Teatro Amaral, Década de 50  
Fonte: Arquivo Particular da Família Amaral

Durante o tempo de exploração pela filha de Francisco d’Amaral, foi criada uma esplanada na Rua do Vigário onde os filmes eram projetados ao ar livre durante os meses de verão, enquanto que a sala de cinema apenas funcionava aos domingos<sup>292</sup>.

Durante as duas décadas seguintes, nos anos 60 e 70, a gestão do teatro foi feita por Jorge Borges e pelos seus irmãos. O espaço volta, novamente, a sofrer obras de remodelação, mais precisamente em 1972. *Por exigências legais e por motivos de segurança, o teatro teve que ser modernizado.*<sup>293</sup> A designação daquele espaço altera-se, por motivos publicitários, passando de Teatro Amaral para Cine Lagoense. Com esta mudança de nome, aproveitou-se para colocar um anúncio luminoso com a nova designação. *Os bancos passaram a ser estofados*<sup>294</sup> tendo sido deslocados do balcão para a plateia. *A uns 5 metros desta, os bancos eram corridos e removíveis dependendo da lotação da casa e também era sobretudo para as matinés infantis. A cabine de projeção que estava*

---

<sup>292</sup> T.O., Borges, Paulo Jorge Soares de Amaral.

<sup>293</sup> Idem.

<sup>294</sup> Idem.

*situada no primeiro piso veio para o rés do chão*<sup>295</sup>, situação que se mantém atualmente. O quarto que servia para as crianças da família dormirem, tornou-se num vestiário. O piano que se encontrava em frente ao palco, desde a abertura do Teatro, foi retirado e levado para a casa dos entrevistados. Foi *a grande e a última remodelação feita pela família*<sup>296</sup>.

No ano seguinte, em 1973, tomou-se a decisão de alugar *o teatro a uma empresa por um intervalo de 10 anos, algo que não foi avante devido ao 25 de Abril*<sup>297</sup>. No final da década de 70, após um novo contrato de arrendamento à empresa Intercinea, esta entrou em falência, fazendo com que a exploração do Cineteatro voltasse para a família. Jorge Borges, juntamente com o seu irmão mais novo, João Maria, e com um sobrinho seu, João António, formaram uma sociedade *com o objetivo de explorar o cinema novamente*<sup>298</sup>. Pouco tempo depois, a sociedade ficou composta apenas pelos dois irmãos, numa altura em que o cinema voltava a estar em alta.

O Cine Lagoense acaba por encerrar nos anos 90, antevendo-se o final de uma fase da sua existência (Figura 28).

### **3.2.2. Década de 90: o fim do sonho**

Ao fim de mais de 80 anos, o Cine Lagoense deixaria de estar na família Amaral. A 9 de maio de 1996, foi enviado, pelos herdeiros, um ofício ao município da Lagoa, através do qual *o imóvel seria adquirido pela Câmara Municipal pela importância de 32.000.000\$00 (trinta e dois milhões de escudos)*<sup>299</sup>, estipulando o pagamento em dois momentos: o primeiro em junho do mesmo ano, no valor de 17.000.000\$, *no ato do segundo contrato*<sup>300</sup> e o restante montante numa segunda fase, um ano após a data do contrato.

---

<sup>295</sup> Idem.

<sup>296</sup> Idem.

<sup>297</sup> T.O., Borges, Jorge Manuel Mota Amaral.

<sup>298</sup> T.O., Borges, Paulo Jorge Soares de Amaral.

<sup>299</sup> CML, Vereações, Livro n.º 2 de 1996, "Acta da Reunião Ordinária de 1996, Maio, 15, fls.11, 12, 13".

<sup>300</sup> Idem.

Para além dos valores, a família Amaral incluiu várias cláusulas: manter a designação do edifício com o nome do fundador; manter a fotografia do fundador *num lugar apropriado e em destaque*<sup>301</sup>; e manter a placa do Círculo de Amigos<sup>302</sup> no edifício, assinalando assim *um dos mais importantes acontecimentos*<sup>303</sup> na Lagoa antes da Revolução de Abril. A permanência das estátuas (Figura 29) e do escudo da República feitas por Francisco d'Amaral também foi outro desejo imposto pela família. Contudo, estes desapareceram durante a remodelação do Cine Lagoense.

Para o pagamento da primeira fase, foi decidido contrair um empréstimo de 17 milhões de escudos, *cuja amortização*<sup>304</sup> seria pelo *período de 5 anos, para a aquisição do imóvel*<sup>305</sup>. A Câmara Municipal solicitou a várias instituições bancárias que estas apresentassem propostas. Foram depois analisadas por uma comissão *composta pelos membros seguintes: senhores vereadores Roberto Medeiros, na qualidade de presidente; Doutor Gustavo Frazão e José Manuel Sousa*<sup>306</sup>.

---

<sup>301</sup> Idem.

<sup>302</sup> Associação criada no final da década de 60, cujos seus principais objetivos consistiam na difusão cultural, valorização do património artístico e desenvolvimento do concelho da Lagoa. Organizavam palestras, conferências e colóquios entre 1970 e 1975. Promoveram outras atividades, desde exposições, cinema, jogos de futebol. O Círculo de Amigos da Lagoa teve um contributo fundamental na introdução da autonomia nos Açores.

<sup>303</sup> CML, Vereações, Livro n.º 2 de 1996, "Acta da Reunião Ordinária de 1996, Maio, 15, fls.11, 12, 13".

<sup>304</sup> Idem.

<sup>305</sup> Idem.

<sup>306</sup> CML, Vereações, Livro n.º 2 de 1996, "Acta da Reunião Ordinária de 1996, junho, 5, fls.4,5,6".



**Figura 27 – Cine Lagoense, 1997**  
**Fonte: Arquivo Particular da Família Amaral**



**Figura 28 – Estátua da fachada principal do Cine Lagoense, s/d**  
**Fonte: Arquivo Particular da Família Amaral**

Em julho de 2000, o projeto de recuperação do Cine Lagoense foi lançado a público. O projeto elaborado pela firma Consulmar – Açores, *referente à recuperação e adaptação ao cinema do palco do Cine Teatro Lagoense*<sup>307</sup>, foi o projeto escolhido. As obras de remodelação do edifício apresentavam um grande empreendimento a nível logístico para a autarquia lagoense, tendo sido necessário contrair outro empréstimo, *no valor de 20.000.000\$00*<sup>308</sup>. Várias instituições bancárias elaboraram propostas para a contração do mesmo. A proposta efetuada pelo Banco Comercial dos Açores foi a escolhida para o propósito e aprovada pela Assembleia Municipal em abril de 2000.

A recuperação do Cine Lagoense teve logo início no ano de 2000. *Para a reconstrução, o edifício foi todo abaixo para reforçar as paredes em betão*<sup>309</sup>, mantendo-se a arquitetura original do mesmo, aquela que havia sido projetada por Francisco d’Amaral (Figura 30). As três janelas existentes no 1.º andar são, atualmente, decorativas com cantaria vulcânica (Figura 31).



Figura 29 – Cine Teatro Francisco d’Amaral Almeida, 2017

Fonte: Própria

<sup>307</sup> CML, Vereações, Livro n.º 2 de 1998, “Acta da Reunião Ordinária de 1998, junho, 16, fl.39”.

<sup>308</sup> CML, Vereações, Livro n.º 1 de 2000, “Acta da Reunião Ordinária de 2000, janeiro, 13, fls.16,17”.

<sup>309</sup> T.O., BORGES, Rui Norberto Costa.



Figura 30 – Fachada do Cine Teatro Lagoense Francisco d’Amaral Almeida, 2017  
Fonte: Própria

A 28 de abril de 2001, o Cine Lagoense reabre ao público com uma nova designação, Cine Teatro Lagoense Francisco d’Amaral Almeida, uma das cláusulas que não foram devidamente respeitadas visto que os proprietários tinham pedido que se mantivesse o nome de Teatro Amaral.

Com 176 lugares (Figura 32 e Figura 33), 110 no auditório e 66 no balcão, o projeto apresenta diversas lacunas. A ausência da boca de cena e da caixa do ponto, bem como as condições acústicas da sala, não foram tidas em conta para a realização de peças de teatro. Os camarins não se encontram num bom lugar, bem como o acesso aos mesmos.



**Figura 31 – Plateia do Cine Teatro Lagoense Francisco d’Amaral Almeida, 2017**  
Fonte: Própria



**Figura 32 – Palco e 1.º balcão do Cine Teatro Lagoense Francisco d’Amaral Almeida, 2017**  
Fonte: Própria



Figura 33 – Fotografia do fundador no hall de entrada, 2017  
Fonte: Própria



Figura 34 – Placa Alusiva ao Círculo de Amigos da Lagoa, 2017  
Fonte: Própria

### 3.3. De um Teatro de família a uma instituição camarária

#### 3.3.1. Recursos Humanos

Ao contrário do TM e do TRG, o CTL não se encontra aberto diariamente ao público. Somente aquando da realização de eventos. Este polo cultural lagoense conta, por isso, apenas com um funcionário, ao serviço da Câmara Municipal da Lagoa. Não trabalhando a tempo inteiro no CTL, Rui Borges refere que vai para aquele espaço *para abrir portas [e] trabalhar na sala das máquinas*<sup>310</sup>. Dependendo do evento a ser realizado, o trabalho é, por vezes, *reforçado com mais um funcionário*<sup>311</sup>, cabendo também a este mesmo substituir Rui Borges na sua ausência. Longe vão os tempos de uma família dedicada a abrir as portas do seu Teatro à comunidade.

---

<sup>310</sup> T.O., Borges, Rui Norberto Costa.

<sup>311</sup> Idem.

## 3.4. Memórias de família e alguns documentos

### 3.4.1. Dos inícios com teatro e filmes

O *Teatro Amaral* começou com representações de peças de teatro escritas e ensaiadas<sup>312</sup> por Francisco d’Amaral. Com a vinda do cinema, inicialmente mudo, e posteriormente com filmes transmitidos a cores e com som já na década de 40, a afluência era muito grande.

No seu início, a projeção dos filmes era feita *primitivamente, movida à manivela. Esta função era feita por uma das filhas*<sup>313</sup> de Francisco d’Amaral, como relata o seu neto. Além disso, numa época em que o nível de analfabetismo era elevadíssimo, Francisco d’Amaral explicava os filmes ao público, na plateia, *porque naquela altura, as pessoas não sabiam ler*<sup>314</sup>.

Eventos de solidariedade, como espetáculos para a Cruz Vermelha, bailes de Carnaval e festas de Natal destacam-se na programação dos eventos realizados nos primeiros tempos do Teatro. Segundo Jorge Borges, o Teatro Amaral *tinha uma finalidade social enorme*<sup>315</sup>.

Relativamente à propaganda dos eventos, a mesma *era feita através de um grande cartaz puxado numa carroça*. Cartazes de grande relevo eram carregados por rapazes que andavam pelas ruas da Lagoa. A distribuição de panfletos e a colocação dos mesmos nas vitrinas das lojas estavam, também, incluídos nos meios de divulgação.

Da década de 30, surgem anúncios publicitários, na imprensa, de eventos ocorridos no Teatro Amaral, com destaque para o semanário lagoense “A Semana” e para o jornal regional “Açoriano Oriental”. Ambos não só anunciavam os eventos, como relatavam o que tinha acontecido, à semelhança do TM e do TRG. O ator e ilusionista Octávio de Matos, pai do conceituado ator Octávio de

---

<sup>312</sup> T.O., Borges, Jorge Manuel Mota Amaral.

<sup>313</sup> Idem.

<sup>314</sup> Idem.

<sup>315</sup> Idem.

Matos, conhecido da televisão portuguesa, foi um dos artistas a passar pelo palco do Teatro Amaral, tendo passado também pelos palcos do TM e do TRG.

No decorrer da Segunda Guerra Mundial, aproveitou-se a estadia dos destacamentos na ilha. *Os militares tinham dias próprios para ir ao cinema, neste caso, aos sábados, e esgotavam o espaço.*<sup>316</sup> Devido à grande afluência, alargou-se os dias dos eventos para as terças e quintas-feiras visto que as distrações naquela altura eram muito poucas.

*Já depois da grande remodelação, na década de 70, começaram a ser realizados espetáculos musicais e culturais, de onde se destaca o Círculo de Amigos da Lagoa com palestras realizadas com muita frequência durante cerca de 6 anos.*<sup>317</sup>

Na década de 80, os filmes de ação e os filmes indianos chamavam muito público, mas o cinema entrou em declínio, devido à evolução tecnológica a que se vinha assistindo. Como já foi referido, as televisões começaram a surgir nas casas e o aparecimento das videocassetes contribuiu, de certo modo, para o declínio das salas de cinema em geral, naquela altura.

### **3.4.2. (Não) Programar para o Teatro Lagoense: uma sala para acolhimentos**

O CTL não tem uma programação ativa, abrindo apenas quando existe algum evento, como referido anteriormente. Não é, por isso, abundante, a informação acerca da sua escassa e irregular atividade.

Após a sua reabertura, o cinema *era o que atraía mais população, havendo sessões praticamente todas as semanas*<sup>318</sup>, algo que já não se verifica atualmente. Apesar de as condições não serem as melhores para a realização de espetáculos de teatro, costumam ser produzidas muitas peças por grupos locais da Lagoa e de outros concelhos de São Miguel. É também utilizado como

---

<sup>316</sup> Idem.

<sup>317</sup> T.O., Borges, Jorge Manuel Mota Amaral.

<sup>318</sup> T.O., Borges, Rui Norberto Costa.

sala de ensaios por dois grupos locais, a Associação Musical Nova Geração<sup>319</sup> e o Grupo Musical Novos Criativos<sup>320</sup>. De todo o modo, o tipo de evento realizado com maior frequência naquele espaço é, sem dúvida, o espetáculo de teatro.

Relativamente a eventos de música, são maioritariamente locais. Sendo um espaço de menor dimensão, comparativamente ao TM e ao TRG, neste local é possível a realização de concertos mais intimistas, e de solidariedade principalmente, mas também de orquestras, bandas filarmónicas da Lagoa – anualmente, é realizado o Festival de Bandas Filarmónicas António Moniz Barreto<sup>321</sup> - havendo referência também à realização de festivais de outros géneros musicais.

Este pequeno teatro já teve o prazer de ter em palco o grande historiador José Hermano Saraiva, proferindo uma palestra sobre o concelho da Lagoa. Sessões solenes no âmbito da comemoração da elevação da Lagoa a vila, entrega de medalhas, são também outro tipo de eventos feitos no CTL. Na verdade, a CML é a grande promotora dos eventos realizados no CTL. Costumam ser realizados “workshops”, formações, colóquios, palestras e entregas de prémios.

Aquando da elevação da vila da Lagoa a cidade, em 2012, o CTL foi o local escolhido para a Sessão Solene. Demonstra-se, assim, a importância que

---

<sup>319</sup> Banda de música fundada em 2004.

<sup>320</sup> Associação criada em 2011, por iniciativa de um grupo de pais e amigos, cujo objetivo consistiu em apoiar jovens com gosto pela música. Com atuações a nível local e regional, tem vindo a desenvolver desde 2015 um projeto virado para a vertente rock para atrair mais público.

<sup>321</sup> “A 27 de julho de 1907 nascia, na freguesia de Nossa Senhora do Rosário, António Moniz Barreto, mais um dos ilustres seres humanos que a Lagoa, enquanto terra, procriou. Filho de António Moniz Barreto e de Maria da Glória Fragoso, este dotado ilustre da nossa terra deixou legado no campo da música como compositor e como um próximo apaixonado pelas lides das bandas filarmónicas, considerando a música em si uma “tão nobre arte”, como tão acostumadamente dizia (...) Maestro também da Banda Lira do Espírito Santo da Maia, da Lira do Norte de Rabo de Peixe, da União dos Amigos das Capelas, da Fraternidade Rural de Água de Pau e da Filarmónica Estrela d’Alva de Santa Cruz, Lagoa, é de sublinhar que quase todas as filarmónicas dos Açores possuem músicas suas, assim como algumas no Canadá e Estados Unidos da América, tendo levado, assim, indubitavelmente, a Lagoa mais longe (...) O distinto compositor e maestro popular lagoense – porque pertence, e sempre pertenceu ao povo – faleceu a 14 de outubro de 1978.” in <http://diariodalagoa.com/arquivo/45150>

aquele espaço assume para o concelho pois não podemos esquecer que o seu fundador tinha entre os seus principais interesses o desenvolvimento e o progresso da sua terra natal.

No ano seguinte, o Cine Teatro Lagoense comemorou o seu primeiro centenário. O evento foi assinalado a 1 de fevereiro, data que segundo João Ponte, presidente da CML na altura, não poderia passar despercebida, dada a importância que o espaço cultural teve e tem para o concelho, transportando ainda a memória do seu fundador, da pessoa que idealizou esta obra, Francisco d’Amaral Almeida. Na comemoração do seu centenário, foi proferida uma palestra por Sandra Monteiro cujo objetivo foi dar a conhecer melhor Francisco d’Amaral Almeida, bem como o desenvolvimento e as características deste equipamento cultural.

### **3.4.3. Uma divulgação à medida da atividade**

Como teatro municipal, é a CML, sua proprietária, que trata da divulgação dos eventos que ocorrem no CTL. O site e a rede social do município, bem como jornal mensal local “Diário da Lagoa” são os principais meios de divulgação de eventos do CTL. Visto a sua agenda não ser preenchida e o CTL abrir pontualmente, não se justifica o uso de outros elementos de difusão.

Relativamente ao público, não foi possível apurar informações significativas. Contudo, não é incorreto afirmar que o CTL passa despercebido à maior parte da população da ilha de São Miguel, não sendo praticamente conhecido pela mesma. A irregularidade da sua atividade, a ausência de programação e a sua utilização como local de acolhimento e não de produção ou coprodução artística explicam, talvez, este facto. É, todavia, surpreendente que a população local não reivindique uma atividade mais consistente para a sua sala de espetáculos, tanto mais que ela está associada a uma figura importante da sua história.

## Capítulo III: Quando uma história centenária nos revela o papel das salas e dos espetáculos que nelas acontecem

Até aqui, o estudo destes três Teatros de São Miguel procurou desocultar nos marcos da sua história a importância que eles tiveram, e ainda têm, no acesso à cultura das populações a quem as suas atividades se destinam. Através da diversidade das manifestações artísticas que ofereciam (música, dança, circo, ópera etc.), o teatro teve um papel de relevo. Ora o teatro nem sempre teve vida fácil no nosso país, mas foi, desde o século XVI, uma arte que agradou ao povo e aos reis.

Em Portugal, o teatro começa a emergir com Gil Vicente. Contudo, devido às ideologias da Contra Reforma, o país vê a sua atividade cultural a decair. *O século XVII mostra um país fortemente centralizado, submetido ao imenso poder da igreja, governada por um rei<sup>322</sup> temente a Deus e devoto que proclama a área da música religiosa, em detrimento, por exemplo, do teatro.*<sup>323</sup>

No reinado de D. João V, *o teatro é encarado institucionalmente como um divertimento suspeito*<sup>324</sup>. Ergue-se no século XVIII, no entanto, com a existência de vários tipos de públicos para vários espaços. *A função institucional do teatro é a mesma desde que, em 1588, Filipe I o proclamou como fonte de divertimento, desde que as suas receitas revertam para obras de caridade.*<sup>325</sup>

Em 1755, é inaugurada a Ópera do Tejo, que viria a desaparecer no Terramoto de 1755. O teatro passa a ser visto como um local de sociabilidade, começando a surgir os primeiros espaços, como o Teatro de São Carlos<sup>326</sup> em Lisboa, inaugurado em 1793, e o Real Teatro de São João no Porto, cinco anos depois.

---

<sup>322</sup> Rei D. João IV.

<sup>323</sup> Centeno, 2010: 118.

<sup>324</sup> Idem.

<sup>325</sup> Idem.

<sup>326</sup> Viria a substituir a Ópera do Tejo.

*O teatro, símbolo e local para ascensão e vanglória da burguesia, no séc. XVIII, era local para a obtenção de privilégios dos bem-nascidos mas também espaço de apresentação, de oportunidade para relações ou lançamento de jovens com aspirações a carreira literária e política.*<sup>327</sup>

Devido às Invasões Francesas e à Guerra Civil Portuguesa, Portugal ficou estagnado longos anos, inclusive a nível cultural. Era necessário reformular o teatro, não só a nível da produção dramática, mas também a nível de construção, mais propriamente, adequar espaços para a representação teatral.

Em 1836, Manuel da Silva Passos, mais conhecido por Passos Manuel, ministro na altura, encarregou o escritor e político Almeida Garrett de repensar o teatro em Portugal e de criar a Inspeção-Geral dos Teatros e Espetáculos e o Conservatório Geral de Arte Dramática. O Teatro D.Maria II foi um dos grandes projetos de Garrett, tendo aberto as portas em 1846. Começam a surgir, pelo país, mais espaços onde era possível representar e entreter o público. A partir daqui, surge uma onda de construção de teatros por Portugal, não sendo as ilhas exceção. Teatros estes que, em alguns casos, ainda existem nos dias de hoje.

*Os arquipélagos têm uma poderosa vida cultural própria, condicionada obviamente pela insularidade, o que, na área do teatro como criação e como espectáculos, constitui factor específico determinante.*<sup>328</sup>

Nos Açores, até ao século XIX, o teatro popular, influenciado pela religião, era o que tinha mais expressão, com peças a retratar *episódios do Velho e do Novo Testamento, romances tradicionais, heróis da história ou da lenda*<sup>329</sup>. Mas, lentamente, começava-se a assistir uma mudança nos repertórios.

Ao contrário do que se possa pensar, e como já foi referido no capítulo anterior, não foi na ilha de São Miguel que surgiram os primeiros teatros. Na ilha do Faial, data de 1814 o primeiro teatro da Horta. O Teatro de Tália, assim era

---

<sup>327</sup> Monteiro, 2015.

<sup>328</sup> Cruz, 2008: 95.

<sup>329</sup> Dias, 2004: 53.

designado, funcionou até 1822. Quatros anos depois, *por iniciativa de um militar, surgiu em 1826 o Teatro Constitucional Boa União*<sup>330</sup>. Durante a Guerra Civil, mais precisamente até 1832, esteve encerrado. No entanto, enquanto o exército liberal permaneceu na ilha, foi o suficiente para que o gosto pelo teatro fosse cada vez maior.

Aos poucos, e pelo restante arquipélago, começam a surgir salas improvisadas para as representações teatrais. *Em São Miguel é conhecida a existência do teatro de São Sebastião, que funcionou de 1824 a 1859; o Teatro Instrução e Recreio*<sup>331</sup>, a Sociedade Teatral Juvenil, e ainda outros nas Furnas, Vila Franca e Ribeira Grande. Na Terceira, já desde a década de 30 que o Teatro 22 de Junho estava aberto ao público, tendo outros surgidos no final do século XIX. Nas restantes ilhas, como Santa Maria, São Jorge e Flores, apesar da atividade teatral ser mais reduzida, não fez com que ficassem atrás das outras.

No entanto, os três teatros das capitais dos distritos açorianos de então, é que seriam os mais relevantes e dinamizariam a atividade teatral e outros acontecimentos nos Açores: Teatro Faialense, Teatro Angrense e Teatro Micaelense. *Duma forma geral, até à II Guerra Mundial, o teatro nos Açores era uma diversão completamente cidadina, em espaços públicos, em associações culturais ou em casas particulares. Os anos 20 trouxeram grandes mudanças comportamentais e a abertura de sociedades recreativas de cariz mais popular, no período da I República, contribuiu para que o teatro atingisse outros públicos.*<sup>332</sup>

Veja-se, então, o caso particular da ilha de São Miguel. A partir do século XIX, aumenta o número de imóveis que se dedicavam exclusivamente à representação de teatro amador, principalmente. Mas com a construção do Teatro Micaelense, o objetivo seria distanciar-se daquilo que era realizado nos pequenos teatros e estar a par daquilo que se fazia no teatro nacional. Numa época em que o arquipélago estava sempre um passo atrás do que se passava

---

<sup>330</sup> <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=10336>

<sup>331</sup> Idem.

<sup>332</sup> Idem.

no resto do país, o TM surgia como o *monumento arquitetonicamente mais aparatoso do arquipélago para a sua função*<sup>333</sup>, desenvolvendo a cultura musical.

No segundo quartel do século XIX, *os teatros portugueses dividiam-se em duas categorias: primeira e segunda, distintas pelo tipo de repertório e de público, pela forma de aquisição de fundos para a sua construção e funcionamento e, fundamentalmente, pela localização geográfica*<sup>334</sup>. O TM era considerado simultaneamente teatro de primeira e de segunda categoria devido à sua *estrutura arquitectónica e um sistema produtivo semelhante aos teatros italianos*<sup>335</sup>.

Aquando da construção do Teatro, no século XIX, o porto e a casa penitenciária também se encontravam em obras. Após tudo erguido, a cidade de Ponta Delgada *era descrita como vivendo um grande movimento comercial no seu porto, um apreciável progresso agrícola, bem como [estando] dotada de serviços*<sup>336</sup>. Apesar de haver alguns aspetos positivos, a verdade é que se assistia a um subdesenvolvimento e a miséria no resto da ilha. A construção de um espaço desta grandeza viria paradoxalmente “enriquecer” uma terra em que os tempos livres e o lazer eram muito escassos.

Maioritariamente, a elite micalense é que frequentava os serões no TM, para além de, também, os estrangeiros que passavam na ilha. *Substituto do pequeno e insignificante Teatro de S. Sebastião, o Micalense pôde estimular, à escala consentida pela modéstia do meio insular, a vida artística e mundana de Ponta Delgada, em temporadas que, na segunda metade do século, conheceram alguma regularidade.*<sup>337</sup> Em São Miguel, o povo não frequentava o TM. A pobreza abundava na ilha e nas zonas rurais. As populações que viviam fora da cidade tinham as suas *representações de teatro popular*<sup>338</sup>.

---

<sup>333</sup> Sousa, 2006: 14.

<sup>334</sup> Idem: 21.

<sup>335</sup> Idem: 23.

<sup>336</sup> Dias, 2004: 33.

<sup>337</sup> Sousa, 1995: 14.

<sup>338</sup> Dias, 2004: 51.

Já nos primeiros anos da I República, viriam a surgir nos concelhos vizinhos de Ponta Delgada dois espaços culturais: o CTL e o TRG nos concelhos da Lagoa e da Ribeira Grande respetivamente.

Mas impõe-se a pergunta: porquê esta crescente edificação de espaços culturais num meio pequeno e numa altura em que ainda se vivia uma agitação social derivada da queda da monarquia, da I Guerra Mundial e do desejo de autonomia do arquipélago? Terá sido demasiado ambiciosa a ideia de construir diversas salas de espetáculo numa ilha que ainda estava longe de ser desenvolvida?

O teatro era e sempre foi tido como um modelo de civilização e importante para o conhecimento das artes. Numa ilha onde os níveis de analfabetismo eram elevadíssimos, o surgimento destes teatros, com particular expressão para o CTL e para o TRG, “abriam os horizontes” ao ensinar e entreter a população. Não que o TM, de certo modo, não fizesse o mesmo, mas tendo em conta o público que o frequentava, as diferenças que se verificavam entre os três espaços eram grandes. No TM, a “toilette” era um fator de peso, supondo que a vestimenta usada estava relacionada com a posição que a pessoa tinha a nível social, reforçando ainda mais a ideia do tipo de público que frequentava aquele teatro.

A partir da década de 20, a curiosidade por uma nova arte fez surgir salões cinematográficos por Ponta Delgada, como o “Calheta” e “São Pedro”, não esquecendo também o Coliseu Micaelense<sup>339</sup> que viria a tornar-se a principal concorrência do TM. No futuro, estas salas passariam a ser geridas pela mesma empresa. Com a abertura do CM, deixaram de surgir com frequência anúncios de espetáculos no TM. O Coliseu era a novidade e tinham que ser criadas estratégias para combater a concorrência.

Por outro lado, as salas de espetáculos tinham a preocupação de acompanhar o desenvolvimento cinematográfico que ia acontecendo lá fora. Em

---

<sup>339</sup> Foi adquirido pela CMPD, em 2002. Sofreu obras de restauro, tendo sido reaberto ao público em janeiro de 2005, somente quatro meses após a reabertura do TM.

São Miguel, o gosto pela 7.<sup>a</sup> arte aumentava cada vez mais e a população micaelense beneficiava economicamente, sobretudo porque devido ao número elevado de polos culturais, os preços dos bilhetes eram baixos. O Teatro Açor, nas Capelas ou o Cine-Jade, em Ponta Delgada, são exemplos de como esta cidade se via “invadida” por pequenos núcleos.

Graças aos artistas nacionais e estrangeiros que passaram pelos Açores e que por cá permaneceram, assistiu-se a uma proliferação dos espaços culturais nesta primeira metade do século XX, sobretudo em Ponta Delgada. Quando o Verão chegava, os teatros encerravam, dando lugar a outros espaços onde eram realizadas sessões de cinema ao ar livre, como acontecia no Jardim António Borges. Esta intensa atividade correspondia a um efetivo aumento do nível cultural de uma parte da população. Tanto assim que o gosto pela cultura, em especial musical, foi ganhando mais apreciadores. *Foi imensa a produção literária, histórica e científica, legada por muitos açorianos, no século passado, que enriqueceram, em várias vertentes o arquipélago e transmitiram o gosto pela cultura.*<sup>340</sup>

Na verdade, tudo começara no século XIX, um grande período para Ponta Delgada devido à “economia da laranja”, *período que está bem patente nas casas dessa época e que se distinguem de todas as outras até pelos altos torreões que delas emergem como sólidas «torres de menagem» a imporem o seu direito e força. Ponta Delgada chegou assim ao século XX com património tao grande e tão variado de estruturas sociais e artísticas que poucas cidades, da sua dimensão e da sua localização possuem*<sup>341</sup>.

A construção do TM no largo de São João revelava a importância que os micaelenses atribuíam à arte teatral: *«por mais que se multipliquem os cinemas (...) nunca estes poderão suprir a necessidade efetiva de um teatro».*<sup>342</sup> Na década de 50, o TM encontra-se numa zona diferente daquela em que se encontrava 20 anos antes, com mais desenvolvimento e novas construções em

---

<sup>340</sup> Almeida, 2001: 36.

<sup>341</sup> Vasconcelos, 1980: 23.

<sup>342</sup> Dias, 2004: 51.

seu redor. De facto, a partir da década de 40, Ponta Delgada via-se a crescer mais ainda para o mar com a construção da sua avenida marginal e de outros edifícios que ainda hoje estão aí presentes. O surgimento de edifícios para teatro, cinema e música, assim como a multiplicação de espaços de cultura e lazer estavam claramente ligados à transformação urbanística da cidade, à sua modernização.

Mas nem todos foram apologistas desta mudança, incluindo a construção do TM. João Correia Rebelo<sup>343</sup> lançou em 1953 um manifesto, *reagindo à construção da avenida marginal em Ponta Delgada. Durante a década de 50, eram construídos edifícios em estilo pombalino na avenida marginal, levando assim à contestação por parte de João Rebelo. As escolas centenárias e o edifício (palácio dos CTT) que ainda hoje ali se encontram foram alguns dos exemplos utilizados por João Rebelo. O TM não foi excepção (...) para João Rebelo, à sua vista o TM seria tido como uma igreja devido à sua arquitectura. No entanto era um cinema.*<sup>344</sup> De facto, era, também, um cinema. Mas a sua arquitetura moderna tornava-se um motivo de orgulho para Ponta Delgada numa época em que o seu desenvolvimento urbanístico foi célere e marcante.

Mas, tanto o TM como o CM acabaram por viver décadas de dificuldades económicas e de falta de público. As duas maiores casas de espetáculos da maior urbe açoriana encontravam-se em decadência, a partir dos anos 80, e com pouquíssima oferta cultural. Com a existência de novas salas de cinema e a generalização da televisão, o declínio económico aumentou.

Mas como foi possível que, durante toda a década de 90, a cidade de Ponta Delgada não tenha estado servida com uma sala de espetáculos?

Era necessário corrigir esta situação pois tanto o TM como o CM não apresentavam condições para servir a população da maior ilha dos Açores. O próprio CM, manteve os tradicionais bailes de Carnaval na década de 80, tendo

---

<sup>343</sup> Filho do pintor Domingos Rebelo. Arquiteto modernista que contestou a renovação urbana e arquitetónica que Ponta Delgada sofreu na década de 50.

<sup>344</sup> IAC, 2002: 22.

depois sido encerrado. Foi necessário colmatar a ausência de casas de espetáculos, pois não existia mais nenhum lugar que se adequasse aos eventos que constituíam as necessidades culturais do próprio público.

Devido à degradação do espaço, o TM, tal como o TRG e CTL precisaram de ser recuperados num curto espaço de tempo. Pode-se afirmar que “rejuvenesceram”. Nos casos do TRG e CTL foi por iniciativa municipal. Mas no TRG, manteve-se a arquitetura teatral oitocentista e requintada. Dos três, é o teatro que consegue “transportar” o público para outros tempos, ao contrário do TM e do CTL: o primeiro, apesar de ter mantido a traça com que havia sido construído na década de 50, apresenta-se como um espaço relativamente moderno e o CTL, como um centro de atividades.

A transformação do TM foi um choque para quem tinha memória de como era o velho teatro. Tornou-se num espaço versátil, onde é possível realizar eventos que o espaço anterior não podia conter e até alugar divisões suas para a realização de acontecimentos exteriores. Albergando novas artes, a oferta cultural tornou-se muito mais abrangente, não se cingindo apenas ao cinema ou ao teatro. Atualmente, conjuga um leque de áreas artísticas e culturais.

Além do mais, há que ter em conta a localização geográfica de cada um dos teatros. Mais uma vez, com a reabertura do TM, no centro histórico de Ponta Delgada, sobretudo nos arredores do Teatro, surgiu uma grande dinamização. A história parece repetir-se: *Quando há um espetáculo, tudo o que envolve o Teatro em seu redor está cheio: cafés, restaurantes, bares e parques de estacionamento. Quando o espetáculo acaba, as pessoas dispersam-se pela cidade.*<sup>345</sup> Se houver uma redução na sua atividade, esses serviços acabam por ser prejudicados indiretamente. *O antes e depois dos espetáculos gera uma grande dinâmica em Ponta Delgada.*<sup>346</sup> Com uma infraestrutura estratégica, onde é possível acolher eventos em simultâneo devido à multiplicidade de espaço, o TM tornou-se um pilar cultural importante da cidade de Ponta de Delgada.

---

<sup>345</sup> T.O., Silva, Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque.

<sup>346</sup> Idem.

Antigamente, os teatros serviam como salas de cinema. Novas casas de cinema são criadas mais tarde, fazendo com que os teatros passem a ter menos público. Estas casas encontram-se hoje encerradas devido às salas de cinema que abriram juntamente com o centro comercial Parque Atlântico em Ponta Delgada, mas também devido às atuais formas de difusão dos filmes (net, canais de televisão). Agora, os teatros reabrem as suas salas ao cinema e, neste caso, o TM e o TRG tentam tornar um certo tipo de cinema novamente apelativo.

A história centenária destes espaços de cultura e de arte parece cíclica, mas na verdade não fazem mais do que acompanhar a transformação da sociedade que os faz nascer para servir os seus interesses e gostos.

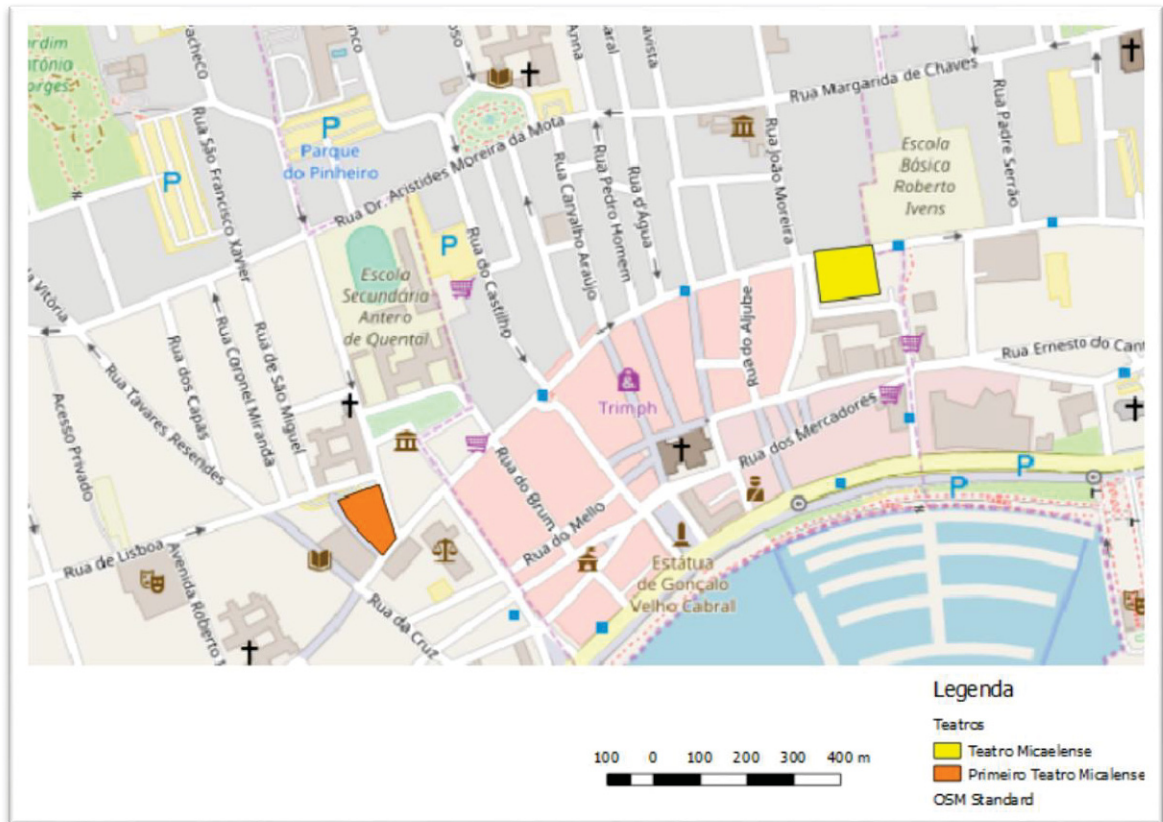


Figura 35 – Localização do Teatro Micaelense na malha urbana de Ponta Delgada  
 Fonte: Própria



Figura 36 – Vista Panorâmica sobre o Teatro Micaelense, 2017  
 Fonte: Própria

Como refere Alexandre Pascoal, o TM tem uma boa relação com a cidade de Ponta Delgada. No entanto, o TM não está devidamente identificado, tal como todas as entidades culturais do município. Se a cultura é algo a ter em conta e que tem vindo a crescer cada vez mais, há que implementar medidas. O Jardim Sena Freitas, antigo local do primeiro TM, nunca passa despercebido à população devido à sua localização. Mas o número de pessoas que saberá que ali existiu o TM anterior àquele que conhecemos hoje deve ser muito reduzido. A colocação de uma placa ou de outro tipo de sinalética alusiva à existência do TM naquele mesmo local, devia ser algo tido em conta, pois afinal também faz parte da história do TM e não deixa de ser património da cidade.

Este teatro sempre foi visto como um espaço elitista, existindo essa ideia ainda nos dias de hoje. Para Alexandre Pascoal, é necessário quebrar essa corrente de pensamento. Há que fazer sentir aos cidadãos *que o património também é deles, ou seja, criar uma relação de sustentabilidade*<sup>347</sup>. Por exemplo, na ilha de São Miguel, há quem nunca tenha entrado no TM ou ouvido falar sequer no CTL. Devem ser criadas estratégias para a divulgação do património que existe na nossa terra, o que implica uma maior proatividade por parte das entidades oficiais, mas também dos agentes culturais que produzem ou divulgam a cultura (artistas e jornalistas em primeiro lugar).

Quanto ao CTL, tanto a população mais velha como mais nova nunca ouviram falar dele. O próprio Cineteatro Miramar chega a ser mais conhecido pelos micalenses do que o CTL. O caso do CTL é paradigmático e, por isso, merece atenção. Necessita de uma profunda alteração no que se refere à sua oferta. *A Câmara tinha interesse em adquirir um edifício para o desenvolvimento cultural da Lagoa, mantendo-se assim o Cine Teatro Lagoense.*<sup>348</sup> Para os familiares do fundador do CTL, não há dúvida de que este é um espaço importante e um meio de divulgação cultural.

Contudo, na opinião de Paulo Borges, tem havido um subaproveitamento do espaço. Como se pode constatar, o CTL teve atividades com alguma

---

<sup>347</sup> Curvelo, 2009: 61.

<sup>348</sup> T.O., Borges, Jorge Manuel Mota Amaral.

regularidade no início da sua reabertura. Poderia ter ainda mais utilidade. *Funciona mais como um edifício polivalente e não como sala de espetáculos.*<sup>349</sup> A grande prova disso é o facto de o CTL passar despercebido e ser desconhecido da população que deveria servir. Fica assim, comprometido, o seu principal propósito.

Com um vasto património histórico e cultural, a Lagoa oferece história a quem parte à descoberta da mesma. Em 2015, a CML elaborou o “Guia do Património Cultural do Concelho de Lagoa”. O Cine Teatro Lagoense Francisco d’Amaral Almeida encontra-se neste guia, classificado como património civil, não esquecendo que o mesmo é um equipamento público pelo facto de estar sob a gestão camarária. Esta casa de espetáculos reflete a história do concelho de Lagoa, bem como o esforço do concelho para o seu aperfeiçoamento e elevação cultural.<sup>350</sup> O CTL, mais concretamente a sua proprietária, deveria pensar uma estratégia para se fazer notar na ilha de São Miguel. Não estar somente focada na oferta concelhia, mas também de fora. Como se verificou, é um espaço que não tem atividade própria, encontrando-se sempre encerrado.

Elevado a cidade em 2012, o concelho da Lagoa necessita de e merece um espaço que seja culturalmente rico. Um espaço que ofereça uma agenda atrativa e que chame a população. Detendo já um espaço que faz parte da sua história, há que tirar proveito disso. O CTL, situado na que era considerada a zona nobre da Lagoa noutros tempos, tem uma localização que não poderia ser melhor. Mas um bom aproveitamento do espaço, só dependerá de quem o gere. Serviços educativos, por exemplo, seriam uma forma de sensibilizar e formar público, não só mais novo, mas também mais velho. Rentabilizar e fomentar a produção concelhia, bem como divulgá-la, poderia ser outra opção. Não tendo a mesma dimensão que o TM e o TRG, seria impensável a realização de certos eventos no CTL, mas é possível uma programação adequada ao espaço e ao desenvolvimento cultural da população.

---

<sup>349</sup> T.O., Borges, Paulo Jorge Soares de Amaral.

<sup>350</sup> CML, 2015: 61.

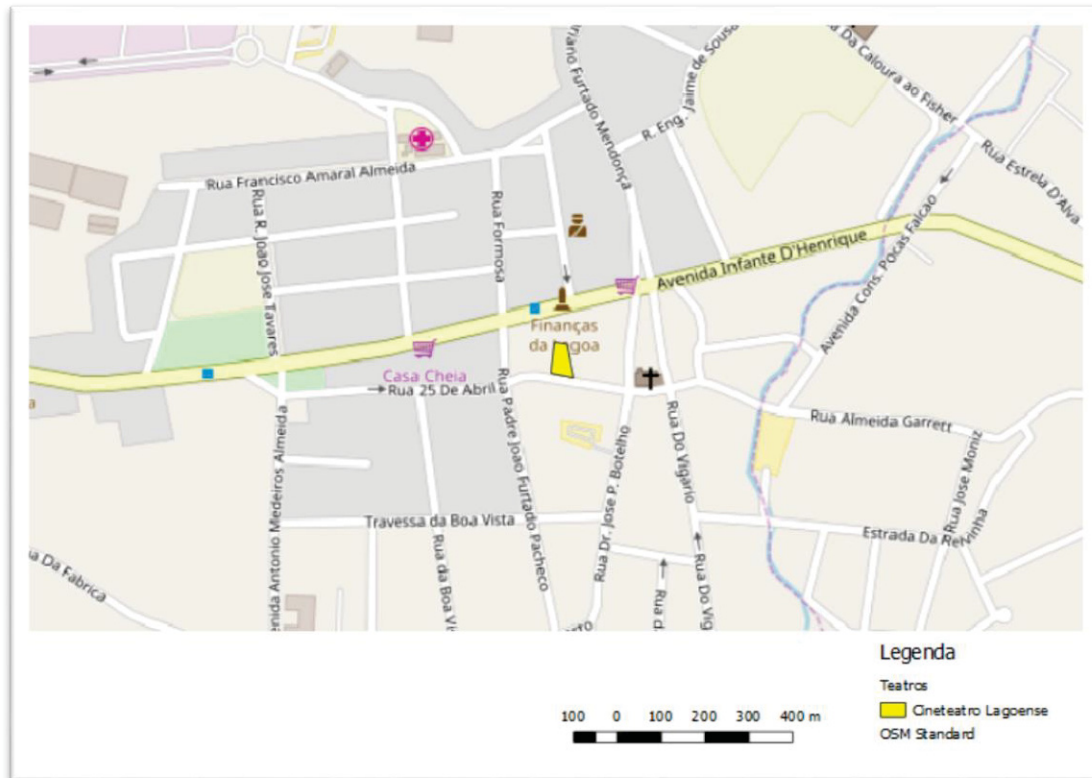


Figura 37 – Localização do Cine Teatro Lagoense na malha urbana da Lagoa  
 Fonte: Própria



Figura 38 – Vista Panorâmica sobre o Cine Teatro Lagoense, 2017  
 Fonte: Própria

Tal situação não se verifica no TRG. Desde a sua reabertura em 2000 que a CMRG tem tido uma especial atenção à sua casa de espetáculos. Considerada uma referência cultural no seio da Ribeira Grande, o TRG demarca-se pela sua arquitetura e pela sua oferta cultural.

Situados nos dois maiores concelhos da ilha de São Miguel, o TM e o TRG são muito diferentes, apresentando gestões e agendas diversificadas. Ao contrário do TRG, o TM tem de comprar espetáculos para obter receita. *Se o TRG vivesse às suas custas, fecharia logo após o primeiro mês.*<sup>351</sup> Ambas continuam a expandir o conceito cultural, mas noutras vertentes ao contrário do que se fazia noutros tempos.

Apesar de tudo, nos últimos quatro anos, verificou-se um aumento de atividade no TRG. O espaço já era conhecido da população micalense, mas passou a ser uma referência na ilha. Segundo a opinião da entrevistada Linda Luz, que já atuou no TM e no TRG com a Tuna Académica da Universidade dos Açores, e que também já assistiu a espetáculos em ambas as salas, o TRG *faz um ótimo trabalho em divulgar a cultura regional*<sup>352</sup>. Recebendo espetáculos mais de foro amador, nomeadamente peças de teatro, o TRG apresenta na sua agenda artistas e grupos regionais conhecidos, necessitando a vertente musical de ser ainda mais explorada de modo a que este equipamento não seja associado somente às peças de teatro.

Carlota Dâmaso, membro do grupo A Pontilha, já subiu ao palco dos teatros das cidades micalenses, por ocasiões diferentes, e apresentou uma perspetiva dos três espaços. Refere que tem uma maior preferência pelo TRG desde que ingressou no mundo do espetáculo, talvez pelo hábito de representar naquele mesmo palco ou devido à ligação afetiva. Além do mais, na sua opinião, *o TRG é o que possui as melhores características, tendo o tamanho ideal de palco, uma vez que o palco do TM torna-se demasiado extenso e o do CTL demasiado curto*<sup>353</sup>. Os camarins também são outro fator e os do TRG

---

<sup>351</sup> T.O., Raposo, André Faria.

<sup>352</sup> T.O., Luz, Linda Maria Pacheco.

<sup>353</sup> T.O., Dâmaso, Carlota.

apresentam melhores condições, estando bem organizados e com bastante espaço.

Como um concelho riquíssimo em património que é, sobretudo património imóvel, a Ribeira Grande prima pela variedade e ostentação. O TRG encontra-se localizado no centro histórico da cidade. *Este centro da Ribeira Grande, por sua vez, define-se historicamente pela praça (ou largo Hintze Ribeiro), com o jardim de gosto oitocentista preenchido pelos fabulosos e altos metrosíderos (inicialmente oito), frente ao arco e torre municipal – situados perto da Matriz, e tendo ao lado a portentosa fachada barroca da Misericórdia ribeiragrandense.*<sup>354</sup> O facto de ter sido classificado como Imóvel de Interesse Público *foi um estímulo e um prémio, estímulo para o preservar, prémio para os fundadores e para a terra como reconhecimento do seu papel social*<sup>355</sup>.

Apesar do TRG e do CTL não terem um serviço educativo, o primeiro, trata de chamar o público mais jovem através do cinema. Num espaço tão atrativo e com história, a criação de um serviço educativo, e em parceria com escolas locais, implementariam a formação e sensibilização de um futuro público.

Um maior ênfase colocado na música contribuiria muito mais para a oferta cultural do TRG visto que o teatro é neste momento o ponto forte da casa. Aliás, este teatro apresenta uma maior oferta de teatro do que o próprio TM. No entanto, apresenta uma escassa oferta de música que certamente chamaria mais público. Mas não há dúvida que ambos os teatros apostam em criações regionais, tanto no teatro como na música.

---

<sup>354</sup> Ribeira Grande – São Miguel: Inventário do Património Imóvel dos Açores, 2007: 20-21.

<sup>355</sup> T.O., Moura, Mário Fernando Oliveira.



Figura 39 – Localização do Teatro Ribeiragrândense na malha urbana da Ribeira Grande  
Fonte: Própria



Figura 40 – Vista Panorâmica sobre o Teatro Ribeiragrândense, 2017  
Fonte: Própria

Chegados aqui, impõe-se uma outra questão. Existe, ou não, uma má organização na agenda cultural da ilha de São Miguel? Na maior ilha do arquipélago, há temporadas em que existem espetáculos nos mesmos dias, inclusive no TM e no TRG. O mesmo acontece com o CM.

Deverá haver uma maior atenção no que concerne a este aspeto. Nem sempre é possível evitar a realização de eventos para o mesmo dia, situação que acontece por diversas vezes. Apesar de São Miguel ser a maior ilha do arquipélago, não deixa de ser “pequena” em certas situações e esta é uma delas pois basta dois espaços apresentarem uma agenda atrativa no mesmo dia para fazer com que o público tenha de renunciar a um deles, caso tivesse gosto em ir aos dois lugares.

O papel do público relativamente à oferta cultural e aos cartazes é um indicador importante para os Teatros. Sublinha-se *a importância da crítica como forma de posicionamento do espectador/crítico, que sempre saberá se gosta ou não daquilo que lhe é dado ver e porquê, ainda que o possa fazer de forma intuitiva*<sup>356</sup>.

Há que saber programar. Gerir equipamentos culturais é sinónimo de chamar público, pois sem este, de nada serve a sua existência e atividade. Os *objetivos de um teatro municipal são «assim como os de outros equipamentos culturais (...) a promoção cultural dos habitantes e da região»*.<sup>357</sup>

Numa região como os Açores, em que surgem, por vezes, diversas dificuldades devido à localização geográfica, há que aprofundar ainda mais o sector cultural e trabalha-lo, de modo a promover uma oferta que seja do agrado da população. Não existe sociedade sem cultura e por esse mesmo motivo é que nunca se deve por a cultura de parte, sobretudo num meio pequeno como o nosso arquipélago.

---

<sup>356</sup> Dias, 2004: 63.

<sup>357</sup> Centeno, 2010: 195.

## Conclusão

A ideia condutora destas páginas partiu da motivação comum à criação das três salas de espetáculos estudadas: a vontade de promover a educação e a distração das populações. Tidos como educativos noutros tempos, os teatros são vistos da mesma forma na atualidade. Formação cultural e cívica são os pilares que subsistem na ação destes equipamentos. Os espetáculos que neles acontecem abrem mundos e consolidam os laços culturais dos que os frequentam. Há, pois, que pensar cuidadosamente como chamar até esses teatros aqueles que ainda os não conhecem e fidelizar os que já os frequentam. É essa a tarefa dos seus atuais proprietários, prosseguindo o desejo dos seus construtores.

Elaborar uma programação de um espaço constitui uma enorme responsabilidade. Marcando presença constantemente na agenda cultural da ilha, o Teatro Micaelense e o Teatro Ribeiragrandense surgem com uma oferta cultural diversificada.

Mas este estudo mostrou que existe um caso que necessita de ser modificado o quanto antes. Situado na cidade da Lagoa, o Cine Teatro Francisco d’Amaral Almeida, com mais de 100 anos de existência, encontra-se encerrado a maior parte do tempo, sem permitir o usufruto de oferta cultural. Vive assim ao arrepio do que fora a intenção do seu fundador. Ao recuperar e valorizar um espaço cultural que se constitui património da terra, é necessário dinamiza-lo para torna-lo um fator de desenvolvimento.

No entanto, não é possível arranjar um termo de comparação entre os três teatros em estudo. A dimensão dos concelhos, o número de habitantes de cada, bem como os espaços culturais e suas características não permitem afirmar que “a oferta de um é melhor que a do outro”. A gestão e a oferta cultural diferenciam-se e cada equipamento trabalha conforme os seus objetivos e necessidades.

A ilha de São Miguel passou a estar mais valorizada com o aumento de polos culturais, incluindo os teatros. Fazendo parte da experiência da população local, estes teatros alargaram-se à comunidade como bens culturais e ao constituírem-se como património, o seu valor simbólico adquire mais importância. Havendo uma especial atenção às necessidades culturais e uma capacidade em inovar a oferta cultural, tornam-se capazes de apresentar uma agenda que seja atrativa e diversificada.

Passados anos e anos, as pessoas continuam a frequentar aquilo que é seu. Mudam-se os tempos, mas não se mudam os hábitos inteiramente.

# Referências Bibliográficas

## Fontes

### Arquivos

Arquivo do Teatro Ribeiragrandense.

Arquivo Municipal da Ribeira Grande, Empresa do Teatro Ribeira-Grandense, Sociedade de Responsabilidade Limitada (F), *Actas da Assembleia Geral (1920-1933)* (SR).

Arquivo Municipal da Ribeira Grande, Empresa Peixoto (F), Programação (SC), Folhetos de programação do TRG (1928-1956) (SR).

Arquivo Municipal da Ribeira Grande, Sociedade Teatral Ribeiragrandense, Limitada (F).

Arquivo Particular da Família Amaral.

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, *Programas d'Espectáculo Michaelenses*, Vol. 1 – 6.

### Fontes Impressas

Jornal *A Semana*, semanário, de 12 de abril de 1936.

Jornal *A Semana*, semanário, de 19 de junho de 1936.

Jornal *Diário dos Açores*, semanário, de 28 de março de 1946.

Jornal *Ecos do Norte*, mensário, 31 de janeiro de 1987.

Jornal *Açoriano Oriental*, diário, 1 de junho de 2010.

Jornal *Açoriano Oriental*, diário, 19 de janeiro de 2013.

### Fontes Manuscritas

Câmara Municipal de Lagoa, Vereações, Livro 2 de 1996, “Actas das sessões ordinárias de 3 de Abril a 26 de Junho”.

Câmara Municipal de Lagoa, Vereações, Livro 3 de 1996, “Actas das sessões ordinárias de 3 de Julho a 25 de Setembro”.

Câmara Municipal de Lagoa, Vereações, Livro 3 de 1997, “Actas das sessões ordinárias de 2 de Julho a 24 de Setembro”.

Câmara Municipal de Lagoa, Vereações, Livro 2 de 1998, “Actas das sessões ordinárias de 8 de Abril a 25 de Junho”.

Câmara Municipal de Lagoa, Vereações, Livro 1 de 2000, “Actas das sessões ordinárias de 13 de Janeiro a 29 de Março”.

Câmara Municipal de Lagoa, Vereações, Livro 2 de 2000, “Actas das sessões ordinárias de 13 de Abril a 23 de Junho”.

Câmara Municipal de Lagoa, Vereações, Livro 1 de 2001, “Actas das sessões ordinárias de 11 de Janeiro a 29 de Março”.

Câmara Municipal de Lagoa, Vereações, Livro 2 de 2001, “Actas das sessões ordinárias de 19 de Abril a 28 de Junho”.

## **Webgrafia**

“A arte e a cultura como forma de resolver conflitos”. Disponível em: <http://pt.euronews.com/2016/10/26/a-arte-e-a-cultura-como-forma-de-resolver-conflitos> (Último acesso: 31/07/2017).

ABREU, Paulo, FERREIRA, Claudino (2003) “Apresentação: a cidade, as artes e a cultura” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1104> (Último acesso: 01/08/2017).

Agência Lusa (2006) “Governo Açoriano ordena suspensão das obras de parque de estacionamento” in RTP Notícias, 27 de fevereiro. Disponível em: [http://www.rtp.pt/noticias/cultura/governo-acoriano-ordena-suspensao-das-obras-de-parque-de-estacionamento\\_n156445](http://www.rtp.pt/noticias/cultura/governo-acoriano-ordena-suspensao-das-obras-de-parque-de-estacionamento_n156445) (Último acesso: 01/06/2017).

Câmara Municipal da Ribeira Grande. “Teatro Ribeiragrاندense”. Disponível em: <http://www.ribeiragrande.pt/geo/teatro-ribeiragrاندense/> (Último acesso: 20/02/2017).

Colecção Públicos n. º4 (2007) “Gestão Cultural do Território”. Disponível em: <http://www.setepes.pt/Imgs/Coleccao%20Publicos%20-%20Gestao%20Cultural.pdf> (Último acesso: 29/07/2017).

COSTA, Edna Falorca da. “Arte e Cultura”. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/media/eventos/40-anos-de-democracia/arte-e-cultura> (Último acesso: 31/07/2017).

Direção Regional da Cultura. *Cinema*. Disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=1865> (Último acesso: 01/06/2017).

Direção Regional da Cultura. *Teatro*. Disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=10336> (Último acesso: 20/09/16).

MARUJO, Noémi (2014) “A cultura, o turismo e o turista: que relação?!”. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/turydes/16/turista-cultural.pdf> (Último acesso: 15/09/2017).

“Mediação Cultural”. Disponível em: <https://www.artemrede.pt/v3/index.php/pt/o-que-fazemos/mediacao-cultural> (Último acesso: 31/07/2017).

MONTEIRO, Sandra (2015) “O Cine Teatro Lagoense Francisco d’Amaral Almeida” in *Diário da Lagoa*. Disponível em: <http://diariodalagoa.com/arquivo/12594> (Último acesso: 20/09/16).

“O papel da cultura no desenvolvimento sustentável”. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/culture-and-development/culture-in-sustainable-development/> (Último acesso: 31/07/2017).

“O Teatro Micaelense”. Disponível em:

<http://historiadosacores.tumblr.com/post/71026862743/o-teatro-micaelense>

(Último acesso: 13/07/2017).

MOURA, Leonel (2008) “*Da Velha Cultura*”. Disponível em:

[http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/leonel-moura/detalhe/da-](http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/leonel-moura/detalhe/da-velha-cultura)

[velha-cultura](http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/leonel-moura/detalhe/da-velha-cultura) (Último acesso: 31/07/2017).

PENISGA, Paulo (2016) “Desenvolvimento e Cultura”. Disponível em:

<http://barlavento.pt/opiniao/desenvolvimento-e-cultura> (Último acesso:

31/07/2017).

“Proteger el patrimonio y fomentar la creatividad”. Disponível em:

<http://es.unesco.org/themes/proteger-patrimonio-y-fomentar-creatividad> (Último

acesso: 31/07/2017).

RESENDES, Rita (2017) “Feriado Municipal marcado pelo «muito obrigado» de José Manuel Bolieiro”. Disponível em: [http://www.cm-](http://www.cm-pontadelgada.pt/frontoffice/pages/541?news_id=422)

[pontadelgada.pt/frontoffice/pages/541?news\\_id=422](http://www.cm-pontadelgada.pt/frontoffice/pages/541?news_id=422) (Último acesso:

30/05/2017).

SILVA, Augusto Santos (2007) “Como abordar as políticas culturais autárquicas?

Uma hipótese de roteiro.”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 54, pp.11-33.

Disponível em: <http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/54/549.pdf> (Último acesso:

15/09/2017).

SILVA, Elsa Peralta da (2000) “Património e Identidade. Os desafios do turismo cultural”. Disponível em:

<http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/viewFile/932/734> (Último acesso:

31/07/2017).

“Teatro Micaelense”. Disponível em:

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/12/teatro-micaelense.html> (Último acesso: 28/02/2017).

“Teatro Micaelense – Centro Cultural e de Congressos, S.A.”. Disponível em:

<http://www.teatromicaelense.pt> (Último acesso: 10/05/2017).

TEODORO, Hermano. “O Teatro Ribeiragrandense, 1920-1933-2000, 2003”.

Disponível em: <http://www.cm->

[ribeiragrande.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=67](http://www.cm-ribeiragrande.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=67) (Último acesso: 27/02/2017).

TRAVASSOS, Susana (2014) “Arte, Cultura e Entretenimento – Breves

Considerações” Disponível em: <http://www.muralsonoro.com/mural-sonoro-blog/2014/7/12/arte-cultura-e-entretenimento-brees-consideraes-por-susana-travassos> (Último acesso: 31/07/2017).

### **Fontes Orais**

BORGES, Jorge Manuel Mota Amaral, 88 anos, Professor de Educação Física, Neto de Francisco d’Amaral Almeida.

BORGES, Paulo Jorge Soares de Amaral, 54 anos, Geólogo, Bisneto de Francisco d’Amaral Almeida.

BORGES, Rui Norberto Costa, 50 anos, Funcionário da Câmara Municipal de Lagoa.

DÂMASO, Carlota Teixeira, 22 anos, Relações Públicas, Membro de “A Pontilha” – Associação Cultural e Desportiva.

LUZ, Linda Maria Pacheco, 23 anos, Estudante, Membro da Tuna Académica da Universidade dos Açores.

MOURA, Mário Fernando Oliveira, 60 anos, Historiador, Antigo Funcionário do Teatro Ribeiragrandense

RAPOSO, André Faria, 36 anos, Técnico de Informática e Gestão – Nível IV, Coordenador Responsável do Teatro Ribeiragrandense.

SILVA, Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque Silva, 44 anos, Sociólogo, Presidente do Conselho de Administração do Teatro Micaelense.

## **Bibliografia**

ADORNO, Theodor W. (2003) *Sobre a indústria da cultura*. Editora Angelus Novus. Coimbra.

AGUIAR, Henrique (2008) “O Teatro Micaelense” in *Insulana*. Ponta Delgada. Instituto Cultural de Ponta Delgada. Volume 64: 11-23.

ALMEIDA, Fátima Ferreira (2001) “Teatro da Ribeira Grande” in *Açorianíssima*. Ponta Delgada. Publicações e Artes Gráficas: 36-39.

Arquivo Municipal da Ribeira Grande (2005) *Guia de Fundos Históricos*. Edição Câmara Municipal da Ribeira Grande e Museu da Ribeira Grande.

AAVV, “O Estado das Artes/ As Artes e o Estado” in *Actas do Encontro realizado em Lisboa entre 19 e 21 de abril de 2001*. Observatório das Actividades Culturais (2002). Lisboa: 28-32, 38-42, 55-60, 92-96, 106-109 e 110-11.

BENTO, CARLOS MELO (2008) *História dos Açores*. Edição do Autor.

BYRNES, William J. (2003) *Management and the arts*. Focal Press. USA.

CENTENO, Maria João (2012) *As Organizações Culturais e o Espaço Público: A experiência da rede nacional de teatros e cineteatros*. Edições Colibri/Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa.

CHOAY, Françoise (2006) *A Alegoria do Património*. Edições 70. Lisboa.

CRESPI, Franco (1997) *Manual da Sociologia da Cultura*. Editorial Estampa. Lisboa.

CRUZ, Duarte Ivo (2008) *Teatros de Portugal*. Edições Inapa. Lisboa.

CURVELO, Rita (2009) *Marketing das Artes em directo*. Quimera. Lisboa.

CUSTÓDIO, Jorge (Coord. Científica, 2010) *100 Anos de Património, Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*. Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa.

CYMBRON, Maria Clotilde (2011) *Teatro em São Miguel – António Roberto de Oliveira Rodrigues: percurso, 1920-1969*. Governo Regional dos Açores. Ponta Delgada.

DIAS, Helena (2004) *Teatro Micaelense*. Ponta Delgada.

Gobierno de Canarias (2009) *Desafíos de la Cultura en el Siglo 21*. Septenio.

Gabinete de Análise Económica – GANEC (2014) *Cultura e Desenvolvimento: Um Guia para os Decisores*. Secretaria de Estado da Cultura. Lisboa.

GUILLAME, Marc (2003) *A Política do Património*. Campo das Letras. Porto.

Instituto Açoriano de Cultura (2002) *João Correia Rebelo, Um Arquitecto Moderno nos Açores*. Angra do Heroísmo.

MARTINS, Guilherme d'Oliveira (2009) *Património, Herança e Memória – A Cultura como Criação*. Gradiva Publicações. Lisboa.

MELO, Alexandre (1994) *O que é a Arte?* Difusão Cultural. Lisboa.

PASTOR, Natacha (2003) “Centro Cultural e de Congressos” in *Terra Nostra*. Ponta Delgada, 30 de outubro: 6-7.

RESENDES, Jorge Gamboa (1989) “A longa e acidentada história do Teatro Ribeiragrandense contada em poucas linhas” in Arquivo Municipal da Ribeira Grande, FSTG PT1-2 Sociedade TRG n. °1.

SANTOS, Maria de Lourdes, GOMES, Rui Telmo, NEVES, José Soares, LIMA, Maria João. MARTINHO, Teresa Duarte e SANTOS, Jorge Alves dos (2001 /2004) *Políticas Culturais e Descentralização: Impactos do Programa Difusão das Artes do Espectáculo*. Observatório das Actividades Culturais. Lisboa.

SILVA, Susana Serpa (2000) *Aspectos da vida social e cultural micaelense na segunda metade do século XIX*. Universidade dos Açores. Ponta Delgada.

SILVA, Ana Maria Teixeira da (2004) “Teatro Micaelense – Centro Cultural e de Congressos” in *Insulana*, Órgão do Instituto de Ponta Delgada, vol.60: 213 – 216.

SOUSA, Nestor (1995) “Teatro e Arquitecturas de Espectáculo nos Açores” in *Programa de O Aventureiro*. Câmara Municipal de Ponta Delgada.

SOUSA, Maria Isabel (2006) *O Teatro Micaelense e a sua actividade músico-teatral entre 1864 e 1898*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

THROSBY, David (2001) *Economics and Culture*. Press Syndicate of the University of Cambridge.

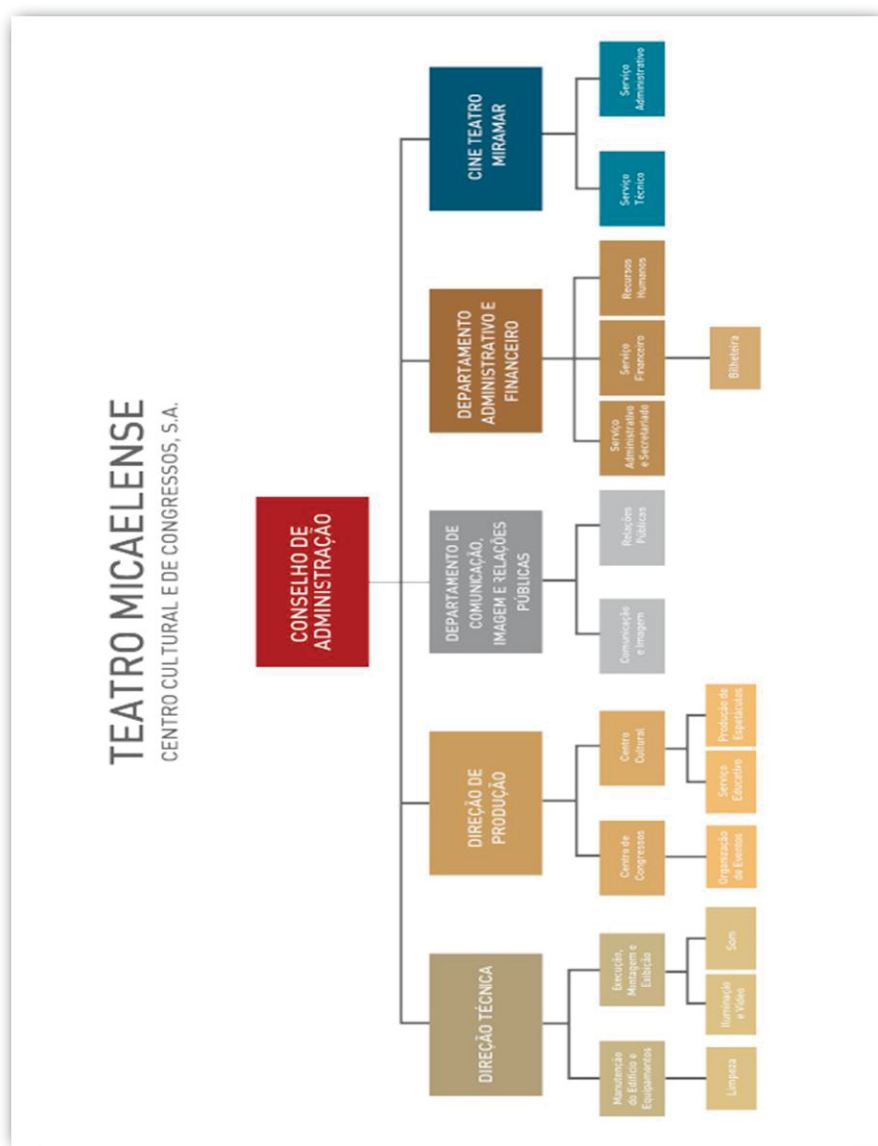
VASCONCELOS, Jorge Gamboa de (1980) *Ponta Delgada e alguns dos seus aspectos estéticos e urbanísticos*. Edição da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

# Anexos

## Anexo 1 – Logotipos do Teatro Micaelense e do Teatro Ribeiragrandense



## Anexo 2 – Organograma do Teatro Micaelense



## **Anexo 3 – Entrevista a André Faria Raposo**

**Data da entrevista:** 17/03/17

### **1. O Teatro Ribeiragrandense não tem um rosto jurídico. Neste caso, quem detém a sua tutela?**

O Teatro Ribeiragrandense, por ser um teatro municipal, faz parte da programação da Divisão da Cultura da Câmara Municipal da Ribeira Grande. É mais um polo da Divisão, tal como as bibliotecas e os museus. Contudo, o Teatro é o mais importante, mas não goza de um orçamento próprio.

### **2. E qual o orçamento atribuído anualmente?**

A Câmara Municipal atribui quinze mil euros para licenças, espetáculos e programação. Os salários dos funcionários do Teatro Ribeiragrandense nem saem da Divisão da Cultura, mas sim da Gestão dos Recursos Humanos do Município, pois aqui somos todos funcionários ao serviço da Câmara Municipal.

### **3. Qual ou quais são os principais objetivos do Teatro Ribeiragrandense?**

Principalmente, através dos seus serviços, é fornecer cultura e apoio a todos os eventos culturais que existem cá no concelho ou o que a Câmara faz. Por exemplo, imaginemos que haverá um evento no Museu Vivo do Franciscanismo, o Teatro forneceria equipamento, desde microfones, mesas, cadeiras, “*data shows*”. O Teatro Ribeiragrandense, ao fim ao cabo, fornece equipamento aos outros polos culturais da cidade. Servimos a nós mesmos e aos outros polos culturais. O objetivo do Teatro é continuar a formar plateias, “abrir” portas para a população da Ribeira Grande, visto ser a Câmara a pagar as despesas. Somos o único teatro que abre as portas gratuitamente sempre. Queremos mantermo-nos como teatro municipal, servindo a população.

### **4. Quem compõe a equipa do Teatro Ribeiragrandense?**

No total, somos seis funcionários: eu, com o cargo de coordenador; Emanuel Cordeiro, técnico do som e assistente administrativo; António Ponte e Manuel Ponte, assistentes operacionais e responsáveis pela manutenção do edifício; Tiago Correia, técnico de luz e do som; e Graça Sousa, rececionista. Existe uma

polivalência, ou seja, qualquer um destes funcionários pode fazer a função de bilheteira.

## **5. Eventos:**

### **5.1. Quem determina ou como é feita a programação?**

É o vereador da Cultura quem determina. Recebemos propostas e até decidimos, mas temos que ter sempre o aval, no mínimo do vereador da Cultura; aquelas que envolvem uma quantia financeira maior terão que ter a aprovação do Presidente da Câmara, ou seja, a palavra final, praticamente, vem sempre dele.

### **5.2. Qual o objetivo da programação?**

Nós, Teatro, temos objetivos dentro da programação feita pelo executivo camarário. Tentamos criar plateias para diferentes tipos de artes.

### **5.3. Que patrocínios e parcerias existem?**

Como teatro municipal, não podemos fazer este tipo de parcerias. A Câmara tem-nas, as quais servem, também, outras atividades da cultura. Quando é para eventos no Teatro, usufruímos também dessas parcerias e patrocínios.

### **5.4. Como é feita a sua divulgação?**

A divulgação dos eventos é da responsabilidade da Câmara Municipal, sendo os mesmos expostos no site e rede social “Facebook” do município. Para além da divulgação online, são utilizados *outdoors* e *mupis*. A imprensa regional, mais concretamente a imprensa de São Miguel, também contribui para a propaganda dos eventos.

## **6. Público:**

### **6.1. Diversificado ou não?**

Sim, é diversificado, apesar de já estarmos a conseguir ter plateias formadas. Quando há teatro, é sempre o mesmo público que vem. Se for dança, virá outro público. Posso afirmar que para cada evento diferente, existem públicos diferentes.

### **6.2. Existe preferência por algum tipo de espetáculo?**

O teatro é, sem dúvida, o tipo de espetáculo mais procurado. Desde que o Teatro foi reaberto que sempre esteve virado mais para essa arte, pois a nossa sala é

excelente para teatro. É pequena e tem uma acústica boa. A percentagem de eventos de teatro realizados no Ribeiragrandense é de cerca de 75%, uma “grande fatia”, sem sombra de dúvida. De seguida, a música é a área mais procurada, estando depois a dança. Cá só existe um grupo de dança semiprofissionais que fazem o seu espetáculo anual e se nós quisermos ter mais dança, teremos que comprar espetáculos ao continente, mas esta já é uma verba fora do nosso alcance.

### **6.3. Para além de espetáculos relativos às artes performativas, existem também outros tipos de eventos?**

O Teatro Ribeiragrandense, pelo facto de a usufruição do espaço ser gratuita, e também devido às dimensões das suas divisões, faz com que sejam realizadas formações, palestras, seminários, todo o tipo de evento que esteja dentro desta área.

### **7. Descreva-me o edifício.**

O Teatro Ribeiragrandense, até às obras de remodelação em 2000, albergou unicamente o auditório principal. Neste momento, conta com dois auditórios: o principal – conhecido por sala vermelha – com 274 lugares e um auditório mais pequeno – conhecido por sala azul – com 90 lugares. Foram construídos três pisos: o Piso – 2 contém cinco salas e um gabinete, sendo utilizado principalmente pela Academia de Música; o Piso – 1 tem menos salas, neste caso somente duas, utilizadas pelos grupos de teatro e para aulas; e por fim o Piso 1 que tem o mesmo número de salas do Piso – 1, mas contém dois gabinetes. Nesta divisão, encontra-se a Universidade Aberta.

### **8. Com as remodelações efetuadas, foi possível tornar o edifício do Teatro Ribeiragrandense um espaço que se tornou “a casa” de algumas atividades. Atualmente, quais são?**

São das mais variadas. O Teatro foi o local escolhido para sede da Universidade Aberta em São Miguel desde 2008. No seguimento do ensino, a Escola Profissional da Ribeira Grande leciona cursos pós-laborais. Passando às artes, a Academia de Música da Ribeira Grande ocupa também as instalações para o ensino. No que toca ao teatro, os grupos “A Pontilha” e “bitTeatro” fazem os seus ensaios sempre no Teatro, tal como o Ateliê de Folclore da Casa do Povo da

Ribeira Grande. Existem aulas de yoga e hip-hop e por fim, temos o Clube de Cinema com sessões às sextas-feiras.

**9. Qual a relação entre o Teatro Ribeiragrandense e a cidade da Ribeira Grande e restante ilha de São Miguel? É tida como um importante pólo cultural? E relativamente à população?**

O Teatro Ribeiragrandense é sem dúvida o maior polo cultural da Ribeira Grande. As outras valências culturais do concelho costumam utilizar o espaço do Teatro para os seus próprios eventos. Existem outros teatros pela ilha, como por exemplo o Teatro Micaelense que goza de uma programação muito mais apelativa. O Teatro não é considerado tão importante para o resto da ilha. Contudo, existem muitas empresas e instituições a fazerem os seus próprios eventos cá. Como teatro municipal, oferecemos os nossos serviços. Por isso, temos muita procura para as salas de reuniões e para as salas de colóquios, visto não ser cobrado nenhum valor. A população local vem ao Teatro, aliás já veio mais. Antes da crise, na altura das “vacas gordas”, tínhamos uma agenda muito preenchida. Todos os meses recebíamos espetáculos de teatro do Continente Português, com rostos conhecidos da televisão e isso atraía muitas pessoas, em especial da Ribeira Grande. Contudo, veio a crise e isto esteve parado uns anos, perdendo essas plateias. Estamos a recuperá-las devagar.

**10. Visto que a cidade de Ponta Delgada também contém o seu próprio Teatro, vê isso como algum tipo de concorrência numa ilha como a nossa, em que não existem muitas salas de espetáculos?**

Não há mínima hipótese de isso acontecer, porque o Teatro Micaelense é muito diferente e diversificado. Compram espetáculos para fazer dinheiro, pois têm que os pagar também. Aqui não seria possível acontecer. Se o TRG vivesse às suas custas, fecharia logo após o primeiro mês. Os dois teatros têm gestões e agendas completamente diferentes. Até ao final deste ano, já temos agenda preenchida nos fins-de-semana. Vêm grupos de teatro e dança, inclusive de Ponta Delgada, porque a utilização do espaço é gratuita. Mas para 2018 ainda não se sabe, dependerá dos pedidos que forem realizados. Servimos essencialmente grupos que querem apresentar o seu trabalho

**11. É coordenador do Teatro Ribeiragrandense desde 2011, mas já trabalhava no Teatro antes. Como é trabalhar neste teatro municipal do concelho da Ribeira Grande?**

Já faço parte da casa desde que reabriu, ou seja, há dezassete anos. Como venho desde 2000 a trabalhar com as mesmas pessoas, a transição de cargo não foi difícil, porque sempre nos demos bem. Para mim, começar a trabalhar nos espetáculos foi muito bom, é o que eu gosto mais. Claro que passo mais tempo no gabinete, mas nunca deixo de estar nas salas a trabalhar com as outras pessoas. Quando há muito trabalho a fazer na sala principal, só vou ao gabinete pela manhã, hora de almoço e fim do dia, por exemplo. Ser coordenador prossupõe estar à secretária o dia todo, algo que não faço. Tenho em mãos a gestão de pessoal e pôr em prática e em linhas as ideias diretivas do executivo camarário. Há uma relação próxima com a Câmara, em que trabalhamos diretamente com o vereador da Cultura ou com o Presidente, os quais nos indicam o que irá acontecer e nós fazemos acontecer.

## **Anexo 4 – Entrevista a Mário Fernando Oliveira Moura**

**Data da entrevista:** 29/03/17

### **1. O seu pai foi gerente no Teatro Ribeiragrandense. Entre que datas e que funções desempenhava?**

Meu pai, Álvaro dos Santos Raposo Moura, foi gerente a partir de 1973, ano da morte do anterior gerente, Sr. José da Costa, que morreu subitamente vitimado por um AVC, até ao encerramento de atividades e venda da Sociedade à Câmara Municipal da Ribeira Grande Primeiro. Quando ainda trabalhava no Registo Civil da Ribeira Grande, fazia-o em regime de acumulação de serviço e nas horas extra; depois de se reformar, reforma antecipada por motivos de saúde, ocupou-se a tempo inteiro do TRG. Era o responsável por todo o pessoal afeto e responsável por tirar as licenças para os espetáculos e do pagamento do pessoal, bem como pela publicitação dos mesmos.

### **2. Também esteve no Teatro. Desempenhava que funções? E em que período?**

Costumava substituir meu pai quando se ausentava da ilha.

### **3. Qual era a oferta cultural do Teatro Ribeiragrandense? Havia adesão por parte da população local?**

Projeção de filmes - Soirée e Matinée aos Domingos e Dias Santos e Feriados, e, durante a semana, soirées, se não me erra a memória, uns dois dias- Espetáculos de todo o género, como musicais - lembro-me dos 10 espetáculos lotados da Açorianíssima; cantores nacionais e locais; sessões de teatro, tanto amador como profissional, do Liceu Nacional de Ponta Delgada, d“A Pontilha” e do Colégio da Ribeira Grande. O TRG também foi palco de sessões de propaganda e de esclarecimento político e cívico: sessões do DP/CDE antes e depois do 25 de Abril, o primeiro comício do PPD (hoje PSD), CDS, PCP, etc de todos os partidos políticos. Alguns foram alvo de boicote. Mas, posso acrescentar que até havia a partir dos anos sessenta os bailes de Carnaval, que foram

retomados durante o segundo mandato do Dr. Ricardo Silva. A adesão era imensa até à entrada da televisão e mais tarde do videoclube.

**4. Durante a época em que lá esteve, como é que o Teatro era visto pela população? Acha que a população, de certo modo, tinha orgulho deste espaço cultural, que é património da cidade?**

Muito orgulho acompanhado de muita mágoa por o ver definhar e de novo júbilo com a sua recuperação. Os primeiros espetáculos de reabertura foram de grande projeção. No fundo, o Teatro trazia tudo o que chegava à ilha. Todos os artistas queriam vir à Ribeira Grande. Ficaram célebres as atuações do Orfeão Académico e da Tuna Académica de Coimbra. O seu maestro era (durante mais de três décadas) um filho da terra: Manuel Raposo Marques. Foi a grande casa da Ribeira Grande. Só mais tarde surgiram outras salas. Foi o grande projeto privado, mais ou menos contemporâneo do Coliseu de Ponta Delgada.

**5. Ao longo da sua história, o Teatro passou por várias mudanças. Qual a sua opinião sobre o percurso deste espaço visto que também fez "parte" da sua história?**

Acompanhou os tempos e hoje não foge à regra. No tempo das récitas das Casas do Povo da Ribeirinha e da Fajã de Baixo, quando era criança, lembro-me que a sala transbordava. Na época do Carnaval vibrava. Depois, decaiu. A Câmara, em boa hora, iniciou o projeto que hoje se mantém.

**6. Em 1989, o Teatro Ribeiragrandense é classificado como Imóvel de Interesse Público. Podemos dizer que esta classificação aumentou ainda mais o seu valor patrimonial?**

Sim. Foi um estímulo e um prémio, estímulo para o preservar, prémio para os seus fundadores e para a terra como reconhecimento do seu papel social. Há que lembrar que o Teatro foi pensado e iniciado nos tempos da I República, já dentro de um movimento laico.

**7. Vê o Teatro Ribeiragrandense como um importante polo cultural da cidade da Ribeira Grande? E em relação ao resto da ilha de São Miguel?**

Vejo. É a nossa/vossa sala da ilha. Ou seja, sendo daqui é da ilha, apesar de o nome o aparentemente circunscrever a um local. Congressos, partidários ou científicos ou literários, entretanto, são aqui promovidos. Albergando agora, de uma forma diferente, dentro do conceito de centro cultural, como “O Clube de Cinema”, a Academia Musical, “A Pontilha” e outras agremiações socioculturais.

## **Anexo 5 – Entrevista a Alexandre Rui Carvalho Pascoal Albuquerque Silva**

**Data da entrevista:** 31/03/17

### **1. Qual o modelo jurídico do Teatro Micaelense? Neste caso, quem detém a tutela e como é feita a sua gestão?**

O TM é uma empresa pública, em que a maioria do capital social é público. Tem uma participação privada, mas é uma minoria. O Governo Regional detém a maioria do capital.

### **2. Qual é o seu orçamento, ou seja, que valor lhe é atribuído anualmente e destina-se a que despesas?**

O TM é financiado por um programa através do Governo Regional, mais precisamente da Secretaria Regional da Cultural. O orçamento é construído nesse contrato de programa com a sua receita própria. Essa advém dos seus patrocinadores, receita da bilheteira e dos serviços que presta.

### **3. Como está organizada a estrutura do Teatro Micaelense (departamentos ou divisões caso existam)?**

Temos um organograma. É muito simples, numa estrutura horizontal: o Cineteatro Miramar, a Direção de Produção – quem faz a gestão dos eventos e espetáculos –, a Direção Técnica – gestão da manutenção do edifício, limpeza e parte técnica dos eventos e espetáculos -, Departamento Administrativo, Contabilidade e Gestão – que vai desde a gestão até à função de bilheteira - e Departamento de Relações Públicas e Comunicação – gestão de imagem e dos eventos Temos pessoas que não fazem parte do quadro, mas que trabalham como nós, como o fotógrafo Fernando Resendes e as assistentes de sala.

### **4. Eventos:**

#### **4.1. Quem determina/como é feita a programação?**

Não temos um diretor artístico, o que seria normal num espaço como este. Logo, a programação fica ao cargo do Conselho da Administração, acumulando assim uma série de funções de Direção de Recursos Humanos, Direção Artística e

Direção de Produção de Espetáculos. Ou seja, não cinge somente à gestão. São três pessoas: duas executivas (em permanência) e uma não executiva.

#### **4.2. Qual o objetivo da programação?**

Nos últimos 5 anos, o TM teve que fazer um reajustamento muito grande. Não fica indiferente ao que se passa na sociedade portuguesa e, por isso, teve que se adaptar. Atualmente, o orçamento do TM é 50% do que era em 2010, tendo assim impactos na programação. Esta tenta fazer um equilíbrio entre propostas nacionais e internacionais. Tentamos sempre programar espetáculos que se adaptem às características da sala e na perspectiva de complementar. Sabemos que existem outros lugares na cidade e não fazemos aquilo a que não estamos vocacionados. Fazemos sempre também esse equilíbrio com propostas regionais, que se adaptem também e que nós consideramos que façam sentido. A programação é sempre muito diversificada. Tanto temos cinema como dança e música. A música representa 50% da programação, isto porque esta é construída com base no orçamento dos parceiros – tem que haver um acordo, um exercício de parceria. A música, inevitavelmente, é o que chama mais público e tudo isso pesa. Existem eventos em que por vezes os bilhetes se esgotam rapidamente, nem sendo necessário divulgar o espetáculo exteriormente, como foi o caso do António Zambujo. Temos dança ao longo do ano, mas isso deve-se ao facto de haver uma dinâmica cultural em Ponta Delgada devido às escolas de dança existentes. O teatro é o ramo mais frágil de todos. Tem havido alguns eventos. No entanto, a comédia é o que chama mais pessoas ou então quando a peça tenha um ator muito conhecido. Geralmente, o teatro tem poucos meios; são peças pequenas e a sala do TM é muito grande para teatro. Muitas vezes, o palco é adaptado à peça e o público, com lotação limitada, fazendo com que este assista à peça no próprio palco. A sala do TM para o teatro é ingrata. Os atores também não gostam de utilizar microfone, o que se transforma numa questão muito delicada. Mas, apesar de o TM ter menos orçamento, existe muito mais público do que nos últimos anos, o que também deriva da programação. Tentamos apelar a diferentes tipos de público para que venham todas as semanas. É difícil fazer com que isso aconteça, mas temos um senhor que é o n.º 1 do cartão espetador frequente que vem a todos os eventos, quer goste ou não.

#### **4.3. Que parcerias/patrocínios existem?**

Temos um protocolo muito diversificado. Empresas de comunicação, construção civil, bancos, seguradoras com representantes nacionais. Fazemos uma divisão entre patrocinadores e apoios. Dentro dos apoios, temos apoios à produção – apoios diretos à execução dos espetáculos, como restaurantes, hotéis, etc – e depois ainda temos os apoios à divulgação de espetáculos.

#### **4.3. Como é feita a sua divulgação: responsabilidade e meios (redes sociais, outdoors, etc.)?**

Temos uma pessoa que trata disso. A promoção, hoje em dia, é uma coisa muito vasta. Há a gestão das redes sociais, de todos os materiais de divulgação de comunicação do TM, enfim, desde a folha de sala até à agenda, à gestão dos cartazes (*outdoors* e *mupis*) e à colocação dos mesmos. É um trabalho que é sempre feito com grande antecipação. Não se coloca um cartaz de um espetáculo para se vender na véspera, mas sim com alguma antecedência, consoante o nível de grandeza do mesmo. Os espetáculos mais pequenos não têm tanta divulgação no exterior, mas sim mais nas redes sociais. Temos uma *newsletter* mensal, um serviço de SMS – muito dispendioso, apesar de ser um serviço de conforto para quem está na nossa rede –, notas de imprensa, entrevistas com os artistas, jornais, televisão, rádio. Portanto, tudo o que se possa imaginar que tenha a ver com comunicação. Gerir conteúdos, fazer textos, tudo isso é um trabalho muito extenso.

### **5. Público:**

#### **5.1. Diversificado ou não?**

De tudo um pouco. Existe não só público novo, mas também público mais velho.

#### **5.2. Quais são as taxas de ocupação?**

Há espetáculos que não são para a sala principal, sendo feitos noutros espaços. Não fazemos uma taxa de ocupação. À nossa escala e em comparação com outros sítios do país, temos uma excelente ocupação. Em 2016, tivemos à volta de 30 mil espetadores, naquilo a que chamamos a Centro Cultural e de Congressos, para uma população de 120 mil pessoas, o que é um rácio muito bom, ou seja, cerca de 25% da população de São Miguel veio ao TM.

#### **5.3. Demonstra preferência por algum tipo de espetáculo?**

Música e dança são as áreas preferidas do público. Caso haja algum artista conhecido, mesmo que seja de teatro, chama também público. Atualmente, as

pessoas estão muito mais informadas. Pesquisam, sabem e conhecem, havendo também mais propostas de nicho. Hoje em dia, as redes sociais são a melhor forma de promoção. Temos uma forte promoção institucional exterior, mas o impacto é relativo devido a uma questão de posicionamento e de pareceres, como o caso já referido do António Zambujo em que se venderam os bilhetes todos sem ter sido colocado um único cartaz na rua.

## **6. Qual a relação do Teatro Micaelense com a cidade de Ponta Delgada e restante ilha de São Miguel? É tido como um importante polo cultural?**

Sim. Sou funcionário da casa desde a sua recuperação e uma das preocupações que tivemos desde o início foi quebrar barreiras. Existe ainda a ideia de que o teatro é um espaço elitista, de difícil acesso, portanto tentamos contrariar esses mesmos pensamentos. O TM tem um serviço educativo que faz, de forma permanente, visitas guiadas de todas as escolas da ilha e espetáculos dirigidos também às mesmas. Damos oportunidade para as filarmónicas apresentarem-se regularmente. Para as pessoas, vir ao teatro é muito importante, pois talvez não venham como público e para nós é importante quebrar essas barreiras. São as próprias pessoas que criam essas barreiras. Não queremos saber se vêm de chinelos ou calças de ganga. O que importa é que venham. Relativamente à política de preços, há espetáculos mais caros do que outros, mas se formos comparar com outros lugares a nível nacional, o TM é duas ou três vezes mais barato. Claro que ainda há muito por fazer. Tentamos alargar a programação, tornando-a mais abrangente possível. O TM teve uma relação difícil com a anterior gestão camarária, algo que não acontece com a atual, sendo prova disso o parque de estacionamento que podia ter sido feito em simultâneo aquando da reconstrução do edifício. Hoje em dia, há uma outra relação com a cidade, mas existem coisas que deviam ser tidas em conta. Relativamente à sinalética, o TM não está devidamente identificado, tal como todas as entidades culturais do município. Não constam também da agenda do mesmo. Somos um meio pequeno e devemos trabalhar de forma articulada. Só que nem sempre isso acontece.

**7. Vê o Teatro Micaelense como uma mais-valia para as diversas atividades que são realizadas? Consegue responder às solicitações feitas pela comunidade?**

O TM é um palco privilegiado para quem entra. Esta sala não faz sentido sem que haja artistas. Muitas vezes, os espetáculos que trazemos contêm uma componente pedagógica e social. No caso da música popular, não é tão necessário, mas já na música clássica, temos concertos comentados, *masterclass* – em parceria com o Conservatório Regional de Ponta Delgada –; trabalhamos a programação não de forma isolada, tentando articular com parceiros – Conservatório Regional de Ponta Delgada, Cineclube, Instituto Açoriano de Cultura, etc. – amplificamos as atividades desses próprios espaços ao dar-lhes outras condições. O TM existe para trabalhar com outros agentes. Arrisco-me a dizer que o TM é talvez a estrutura mais profissional dos Açores e, portanto, temos uma estrutura pequena, mas polivalente. Há uma série de novas profissões que não existiam antes e que passaram a existir ao longo dos anos após a reabertura do TM. Antes, não havia pessoas com formação específica, havendo atualmente técnicos de formação superior.

**8. Que missão o TM tem para o futuro visto que os hábitos culturais dos consumidores estão em constante mudança?**

Quando o TM reabriu foi o um choque, porque as pessoas tinham uma ideia do que era o antigo Teatro. Há quem questione porque não temos uma companhia de teatro residente. Era ótimo, mas o arquiteto tornou o espaço mais funcional e polivalente. No Salão Nobre, podemos ter jantares, conferências, recitais, festas. Aqui anda tudo “sobre rodas”. O espaço tem que estar preparado para ser multifuncional. A ideia do espaço em que havia alguma opulência na decoração com veludos desapareceu. E para uma geração que acompanhou os tempos áureos do TM, a reabertura foi um choque. Os hábitos de consumo hoje em dia são quase individuais. Assistimos à televisão e *on-demand*. Nós todos acostumámos os nossos gostos, alterando assim muita coisa. A programação faz com que consigamos entender a dinâmica do público, qual o seu gosto, os artistas que estão mais em voga. Há coisas que funcionam em período, em certos momentos. Temos que estar em constantemente atentos às dinâmicas do público. O TM, na sua fase final, ainda tinha cinema. Agora existe pontualmente.

O TM é uma empresa e tem que ser racionalmente gerida e minimamente sustentável. Não há nenhuma estrutura cultural que seja autossuficiente em lado nenhum. Esta é uma área sempre deficitária. O cinema é um investimento grande e há público para isso. No início deste ano, oferecemos cinema sueco e tivemos cerca de 600 pessoas a assistir. Além disso, introduzimos “O Filme da minha Vida” que consiste em resgatar alguns clássicos: juntar um filme que seja de referência com uma figura pública. Não temos o sistema digital mais recente, mas temos em mente aumentar a presença do cinema e trazer novamente um festival. Com os novos centros comerciais, fecharam os cinemas nos centros históricos das cidades e uma forma de reabilitação de ressurgimento de cinemas é tê-lo de forma permanente no Teatro, atraindo assim população ao centro histórico. Quando há um espetáculo, tudo o envolve o Teatro em seu redor está cheio: cafés, restaurantes, bares e parques de estacionamento. Quando o espetáculo acaba, as pessoas dispersam-se pela cidade. Se reduzirmos a atividade, há serviços que sofrem com isso, por conseguinte, a economia. O antes e depois dos espetáculos gera uma grande dinâmica em Ponta Delgada.

**9. Desde 2011 que ocupa o cargo de Presidente do Conselho de Administração do TM. Como caracteriza o seu percurso desde então?**

É um grande desafio. Não deixo de fazer o que fazia antes, pois fazia parte da Direção de Produção e Programação. Contudo, tenho desafios ao nível da gestão, seja financeira, seja de recursos humanos. Sou funcionário do TM desde 2002. Acompanhei o processo de recuperação. Isto é um trabalho que exige muito. Não há folgas nem fins-de-semana. O maior desafio hoje é ao nível da gestão financeira, pois há dificuldades no financiamento das atividades. Muitas vezes, não realizamos o que gostamos e nota-se na programação, havendo coisas que deixamos de fazer. O TM, por exemplo, era coprodutor, investia em peças de teatro, edição de obras, algo que já deixou de acontecer. Se havia espaço para um teatro mais interventivo? Sim. Mas neste momento realizamos aquilo que é possível. Somos uma ilha, trabalhamos com parceiros e articulamos em prol do que é possível. Aqui, o trabalho é intenso e muito transversal. Embora o TM seja conhecido pela sua componente cultural, o seu dia-a-dia é muito mais do que isso. Há coisas que levam meses a ser preparadas. Somos mais visíveis ao fim-de-semana e há muito mais do que isso também ao longo da semana.

Para além das visitas já existentes para as escolas, estamos a preparar visitas destinadas a turistas, pois há muitos que param à nossa porta e não entram. Queremos alargar as visitas também aos locais e ter tudo organizado da seguinte maneira: “àquele dia, àquela hora” as pessoas podem visitar-nos. Temos um centro de documentação que está a ser organizado para poder distribuir a estudantes e até mesmo a companhias que nos pedem exemplares de cartazes. Contudo, parte do espólio perdeu-se. Existe alguma informação no Arquivo Regional e nos jornais da época. O TM foi inaugurado em 1951 e a documentação existente é muito vasta. Estamos a recolher uma série de informação para sistematizar e digitalizar de modo que seja mais acessível.

#### **10. Como funciona a gestão do Cineteatro Miramar?**

Uma coisa que muita gente não sabe é que o TM tem à sua gestão o Cineteatro Miramar em Rabo de Peixe. É um pequeno auditório que foi inaugurado a 25 de Abril de 2005, precisamente um ano após a elevação de Rabo de Peixe a vila. Já teve cinema, mas atualmente não tem uma programação própria como o TM tem, situação fruto das contingências financeiras. Porque contrariamente ao TM, a utilização do CTM não é paga, ou seja, a solicitação do espaço é gratuita, não sendo pago pelo seu uso. Tem como propósito servir a população. É a sede da Escola de Música de Rabo de Peixe e tem também uma ludoteca da Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande, que são no fundo o coração do CTM. Depois, pontualmente, a sala é solicitada para a realização das mais diversas atividades locais, sejam espetáculos de filarmónicas ou mesmo exibição de filmes para escolas. É um espaço em que se trabalha muito com a comunidade. Fazemos extensão de eventos do TM para Rabo de Peixe, como filmes, serviços educativos, espetáculos da temporada de música promovida pela Direção Regional da Cultura. Já serviu de estúdio de televisão e serve também para sala de ensaios. Tendo em conta onde o espaço está, não há custos associados.

#### **11. Como define o Teatro Micaelense como Centro de Congressos?**

Dividimos o TM em Centro Cultural e Centro de Congressos. O primeiro representa 70% de atividade e o segundo 30%. O TM foi recuperado a partir de um fundo associado ao turismo de congressos e é uma sala sempre procurada. Organizar um evento nos Açores é muito complexo e a crise fez com que se afastasse a organização de congressos. A centralidade do TM junto aos hotéis

é uma mais-valia para quem organiza eventos. Logisticamente, a centralidade do TM é muito importante em eventos de alguma dimensão. Temos concorrência de outras salas e de hotéis. O TM recebe congressos a partir de uma certa dimensão ou por fator de diferenciação.

## **Anexo 6 – Entrevista a Rui Norberto Costa Borges**

**Data da entrevista:** 17/04/17

### **1. Descreva o edifício do Cineteatro Lagoense.**

O Cineteatro contém 176 lugares (110 no auditório e 66 no balcão), dois camarins, salas de apoio - onde estão instaladas as máquinas -, neste caso, no rés-do-chão e um bar no primeiro andar (não utilizável). Antigamente, o acesso ao balcão era feito pela porta lateral exterior do edifício, havendo no interior uma varanda em que era possível ver a plateia. Havia também um bar exterior no lado esquerdo e a bilheteira no lado oposto.

### **2. Relativamente à reconstrução efetuada pela Câmara Municipal, acha que a mesma foi bem concebida?**

Para a reconstrução, o edifício foi todo abaixo para reforçar as paredes em betão, mas manteve-se o design original. Contudo, como é possível ver, as três janelas da fachada frontal são meramente decorativas, visto que foram introduzidas pedras por detrás das mesmas. Só que existem algumas lacunas. Não se ter inserido a boca de cena para a realização de peças de teatro, por exemplo, creio que foi algo que não foi considerado, bem como o acesso das escadas para os camarins. Estas não têm ligação com o rés-do-chão, de modo a que fosse mais acessível para peças de teatro. A acústica não é das melhores, apesar do edifício ser pequeno.

### **3. Quantos funcionários trabalham no Cineteatro?**

Não existe nenhum funcionário residente. Neste caso, sou só eu, ao serviço da Câmara Municipal da Lagoa quando existem eventos para abrir portas, trabalhar na sala das máquinas, dentro disso. Quando é necessário, o serviço no Cineteatro é reforçado com mais um funcionário, pelo menos, ou quando é para me substituir.

#### **4. Costumam ser realizados muitos eventos?**

Após a sua reabertura, o cinema era o que atraía mais população, havendo praticamente todas as semanas. Atualmente, não tem peso nenhum devido à conjuntura atual. Costumam passar por cá peças de teatro de outros concelhos, como de Ponta Delgada e Ribeira Grande. Formações, palestras, colóquios, cerimónias de entregas de prémios são alguns dos eventos realizados no Cineteatro.

#### **5. O Cineteatro é utilizado como espaço para alguma atividade?**

Sim. Existem dois grupos musicais locais, oriundos daqui da Lagoa, que utilizam o Cineteatro como sala de espetáculos: Nova Geração e Novos Criativos.

## **Anexo 7 – Entrevista a Jorge Manuel Mota Amaral Borges e a Paulo Jorge Soares de Amaral Borges**

**Data da entrevista:** 13/06/17

### **1. Quem foi Francisco D’Amaral Almeida? (Breve biografia e o seu contributo para o município da Lagoa)**

**Paulo Borges (P.B):** O meu bisavô chamava-se Francisco d’Almeida Amaral. Mas, ele tinha um parente que se chamava Francisco Amaral e o meu bisavô não queria ser confundido. Portanto, trocou o nome. Passou o nome da sua mãe para último e o nome de família, Amaral, para nome do meio, o que deixou o meu trisavô um pouco ofendido pois pensava que o filho estava a desconectar-se da família. Esta situação coincidiu na altura em que o meu bisavô quis fazer o cinema, algo que seu pai não “aprovou” pois achava que o negócio de cinema e de teatro não era decente para um pai de família. Apesar da mudança de nome, foi sempre tratado por Francisco Amaral.

**Jorge Borges (J.B):** Ele até era conhecido por sr. Amaral. Meu avô nasceu a 25 de dezembro de 1873 e faleceu a 24 de julho de 1948. Era filho de José Pacheco do Amaral, oriundo da freguesia da Achadinha, no Nordeste, e de Quitéria Filomena Almeida. Teve duas irmãs e quatro irmãos. Casou-se com Antónia Mota, de quem teve cinco filhos: Ana, Francisco, Maria Eduarda, que era a minha mãe, José, João e Leonor.

**P.B:** O meu bisavô veio morar para a Lagoa para que os seus filhos pudessem de alguma estudar. Um dos filhos foi estudar Engenharia Eletrotécnica, o José d’Amaral, e quando regressou trabalhou juntamente com o primo, José Cordeiro, na questão da implantação da eletricidade cá na ilha, onde o meu bisavô também trabalhou. Aliás, foi o representante da empresa de eletricidade e gás aqui na Lagoa.

**J.B:** Estudou a primária aqui na Lagoa e prosseguiu estudos no Liceu de Ponta Delgada, onde hoje fica o Auditório Municipal. Mas não durou muito tempo porque a sua vocação era o teatro. Escrevia, começava a fazer peças, chegando inclusive a interpretá-las também. Com o passar dos anos, a sua arte começou a manifestar-se. Trabalhou na área da cerâmica, fazia trabalhos em madeira e em barro. A área da fotografia também fazia parte dos seus interesses. Foi o

primeiro fotógrafo da Lagoa, inclusive montou a sua câmara escura. Fotograva e revelava as fotografias. Ele próprio construía as molduras em madeira. Também foi pintor, tendo esta qualidade sido útil para completar a obra do Teatro. Era um idealista, um artista extraordinário. Colaborou como secretário no jornal local “O Lagoense”, foi solicitador e ocupou o cargo de presidente da Câmara Municipal da Lagoa. Outra obra de enorme importância que ele fez na altura foi o Eden Park, em 1917, com cerca de 30 hectares de mata, tendo sido construído numa propriedade sua. Urbanizou todo aquele recinto essencialmente com zonas para merendas e áreas desportivas, um ginásio ao ar livre mais propriamente, onde se praticava vários desportos, entre eles o croquet. Também fez nichos em homenagem a Nossa Senhora e colocou palheiros e baloiços.

**P.B:** Havia também uns baloiços em forma de barcos para brincarem. E depois, ainda havia o barco ligado ao Eden Park, mais propriamente ao Portinho de São Pedro, a localização do parque, para quem quisesse bordejar. Basicamente, era um parque onde as pessoas iam passar os seus momentos de lazer, fazendo piqueniques e conversando. Refiro ainda que o meu bisavô foi fundador e presidente do Asilo da Infância Desvalida, que recebia meninas abandonadas. Atualmente, ainda funciona, já com outro nome: Centro Social da Nossa Senhora do Rosário. Continua com a mesma valência do asilo, mas incluí uma creche e jardim-de-infância.

## **2. Cineteatro:**

### **2.1. Como era o espaço?**

**J.B:** Havendo o sonho de ter uma casa de espetáculo, o espaço escolhido foi no centro da Lagoa, mas foi limitado por um parente que não quis vender um pouquinho de terreno. Logo, Francisco d’Amaral teve que moldar o teatro em função do terreno. Foi ele próprio quem desenhou o edifício, sendo composto por rés-do-chão e 1.º andar. Foi um empreendimento muito grande porque motivou a sociabilidade da Lagoa. No auditório, havia o palco com os respetivos camarins abaixo deste, bem como a boca de cena feita pelo meu avô e uma “engenhoca” que preparou de tal forma que o pano era enrolado num cilindro manuseado por cordas, fazendo assim a projeção. Também foi ele que pintou o pano e que construiu o busto da República que se encontrava à frente do palco.

Num espaço à frente deste, estava colocado um piano que servia para abrilhantar as festas. Os bancos para o público eram de madeira, sem costas e removíveis. Removíveis devido às atividades lá realizadas, como os bailes por exemplo. Existiam camarotes num 2.º plano e no 3.º plano. No 2.º plano, a família tinha um camarote reservado para si que assistia a todos os espetáculos. Além disso, as bobines das máquinas eram guardadas numa sala, como uma espécie de armazém, havendo também uma marquise onde os netos de meu avô dormiam. No 3.º plano, estava instalado uma cabine de cinema, que trabalhava primitivamente, movida à manivela. Esta função era feita por uma das filhas de meu avô. Ele ia para a plateia explicar o filme porque naquela altura as pessoas não sabiam ler. Havia uns quadros negros com as letras e lia o que ali estava para o público.

**P.B:** Mas havia, também, um pequeno jardim na parte exterior devido à falta daquele pedaço de terreno que não foi vendido pois não tinha enquadramento com o edifício. E à frente do edifício, havia uma loja.

**J.B:** Era uma espécie de botequim onde se vendiam bebidas e petiscos. Na hora dos espetáculos, o dono do botequim abria a porta interior, fechando a porta exterior, localizada na lateral do edifício, servindo apenas o público que estava no teatro.

## **2.2. Que tipos de eventos eram realizados e quais eram os mais apreciados pelo público?**

**J.B:** O Teatro Amaral começou com representações de peças de teatro escritas e ensaiadas pelo meu avô. Havia bailes, e alguns temáticos, como bailes de carnaval, eventos de solidariedade, espetáculos para a Cruz Vermelha e festas de natal para famílias pobres dos soldados que estavam na guerra em que eram distribuídos brinquedos e bolos para as crianças pobres. Tinha uma finalidade social enorme, sendo considerado um pólo cultural aqui no centro da Lagoa. O cinema mudo não veio muitos anos depois da abertura do Teatro. Já depois da grande remodelação, na década de 70, começaram a ser realizados espetáculos musicais e culturais, de onde se destaca o Círculo de Amigos da Lagoa com palestras realizadas com muita frequência durante cerca de 6 anos.

**P.B:** Importa, também, referir, que na década de 50, meu avô fundou uma esplanada na Rua do Vigário, onde os filmes eram projetados ao ar livre durante

os meses de verão, enquanto que a sala de cinema apenas funcionava aos domingos.

### **2.3. Como era feita a propaganda dos eventos?**

**J.B:** Nos primeiros tempos, era feita através de um grande cartaz puxado numa carrocinha de madeira construída para esse mesmo propósito. Mais tarde, passou a ser feita distribuição de panfletos. Havia também pessoas a carregar os cartazes e estes também eram colocados nas vitrinas das monstras das lojas e à frente cinema.

**P.B:** Já nos anos 60, os cartazes que apresentavam os filmes eram a cores, sendo distribuídos por algumas lojas, como por exemplo na zona do porto.

### **2.4. Relativamente ao cinema, como era a afluência da população visto que na ilha de São Miguel na primeira metade do século XX, não existiam muitos acontecimentos culturais e atividades de lazer? E em que ano o cinema foi introduzido no Cineteatro?**

**J.B:** Havia uma grande afluência, com matinés e soirés realizados aos fins-de-semana. Já quando o seu filho mais velho, Francisco Mota Amaral, estava a explorar o espaço, em virtude de seu pai ter ficado com problemas de cegueira, houve um aproveitamento da Segunda Guerra devido aos destacamentos. Os militares tinham dias próprios para ir ao cinema, neste caso, aos sábados e esgotavam o espaço. Naquele tempo, podia-se fumar nas casas de espetáculos e aquilo era uma autêntica chaminé. Devido à procura, passou a ser feitos eventos também às terças e quintas feiras porque não havia outras distrações. O cinema teve realmente muita adesão. O cinema mudo surge no Cineteatro poucos anos após a sua abertura e é na década de 40 que os filmes transmitidos já são a cores e sonoros.

### **3. Visto que o Cineteatro Lagoense esteve na família até aos anos 90, como foi feita a sua gestão, ou seja, quem foram os proprietários ao longo dos anos?**

**J.B:** Quando meu avô cegou, o seu filho Francisco é que passou a explorar o espaço, como já referi. Em 1948, após o seu falecimento, aquando das partilhas, nenhum dos filhos quis ficar com o teatro porque era um encargo muito grande. Mas a filha mais velha, Maria Eduarda Mota Amaral Borges, minha mãe, que tinha uma apetência extraordinária para o teatro. “Bateu pé” e disse que queria

ficar com o teatro porque tinha muitas recordações. E foi ela que herdou o Teatro Amaral.

**P.B:** Nas décadas de 60 e 70, quem explorava o Cineteatro, eram os netos de Francisco d'Amaral Almeida, filhos de Maria Eduarda e de João Pedro Borges, neste caso meu pai e os seus irmãos. Em 1973, a família alugou o teatro a uma empresa por um intervalo de 10 anos, algo que não foi avante devido ao 25 de Abril. Já nos finais da década de 70, a família Amaral volta a arrendar o espaço à empresa Intercinea, que por motivos de falência, fez com que o teatro voltasse para a gestão da família. Foi, então, formada uma sociedade por meu pai, seu irmão mais novo, João Maria, e sobrinho, João António, com o objetivo de explorar o cinema novamente. Depois a sociedade passou a ficar composta apenas por meu pai e meu tio e nessa altura, houve um *boom* no cinema e aí conseguiu-se “recuperar” o espaço. Filmes de ação e indianos eram a grande preferência do público. Contudo, a partir dos finais da década de 80 e inícios de 90, com as mudanças tecnológicas que foram surgindo ao longo dos tempos, houve um declínio.

#### **4. Foi efetuada alguma remodelação ao espaço enquanto a gestão do Cineteatro ainda era feita pela vossa família? Se sim, que mudanças foram realizadas e em que altura?**

**J.B:** Durante a exploração do meu tio, foram feitas pequenas mudanças. Pouco tempo após minha mãe tornar-se proprietária do Teatro, voltou a ser remodelado. Nesta primeira remodelação, feita pelos meus pais, em 1950, os camarotes foram retirados, passando a haver apenas um balcão, do qual me recordo. O jardim pequeno que existia ao lado desapareceu, tendo sido transformado numa entrada para o balcão. Foi construída uma bilheteira à entrada no lado esquerdo do edifício

**P.B:** A grande e última remodelação feita pela família, antes do Cineteatro ter sido adquirido pela Câmara da Lagoa, foi feita em 1972. Por exigências legais e por motivos de segurança, o teatro teve que ser modernizado. Foi colocado um anúncio luminoso com a designação de Cine Lagoense. Os bancos passaram a ser estofados. Estes, que antes estavam no balcão, passaram para a plateia. A uns 5 metros destas, os bancos eram corridos e removíveis dependendo da lotação da casa e também era sobretudo para as matinés infantis. A cabine de

projeção que estava situada no 1.º piso veio para o rés-do-chão, mais ou menos onde se encontra atualmente, abaixo do balcão. Continuou a haver um quarto, onde os netos de meu avô ficavam a dormir, que foi transformado num vestiário. Lembro-me do cinema já com as duas entradas. O piano que se encontrava em frente ao palco, foi retirado do teatro durante as obras e levado para nossa casa.

**5. Por que motivo a designação do Cineteatro, anteriormente Teatro Amaral, passou para Cine Lagoense?**

**P.B:** A designação mudou nas obras dos anos 70 porque era um nome mais apelativo e moderno. Era especificamente para a projeção de filmes, embora continuasse a haver representações teatrais. Basicamente, a mudança deveu-se por motivos de marketing e publicidade.

**6. Ao fim de praticamente 80 anos na família, o Cineteatro Lagoense é vendido à Câmara Municipal da Lagoa. Qual o motivo para tal decisão?**

**P.B:** Na década de 90, o Cineteatro é encerrado. Nessa altura, o presidente da Câmara Municipal, o Eng. Luís Alberto Martins Mota, propôs comprar o Cineteatro à nossa família.

**J.B:** A Câmara tinha interesse em adquirir um edifício para o desenvolvimento cultural da Lagoa, mantendo-se assim o Cineteatro Lagoense. Algo que marcou décadas no nosso concelho. Posso dizer que foi um acordo mútuo entre o município e os proprietários.

**P.B:** Com a venda do Cineteatro, foi acordado que se tinha de manter três coisas: a fotografia do fundador; a placa referente ao Círculo de Amigos da Lagoa; e manter o nome do fundador no nome do Cineteatro, ou seja, Teatro Amaral. Algo que não acabou por acontecer como podemos ver. Outro desejo foi manter as estátuas feitas pelo meu bisavô no edifício, assim como o escudo da República, tendo isto tudo desaparecido durante as obras de remodelação. Apesar de se ter melhorado o espaço, houve coisas que não foram bem conseguidas. Os camarins estão localizados num mau sítio e não tem o pano de cena nem o ponto, por exemplo.

**7. Atualmente, consideram o Cineteatro um equipamento cultural importante na cidade da Lagoa? Como veem a sua utilidade?**

**J.B:** Não há dúvida que é um polo de muito interesse para a Lagoa porque é um meio de divulgação da cultura e da sociabilidade.

**P.B:** O Cineteatro é importante, mas na minha opinião tem sido subaproveitado. Após estar sob a gestão da Câmara Municipal, no seu início, houve projeção de cinema durante algum tempo, passando a ser apenas com alguma regularidade. Hoje em dia, é utilizado para peças de teatro. Contudo, existe muita dificuldade porque não apresenta as condições necessárias como já referir anteriormente. A própria acústica do espaço é muito pior do que era antes das obras. Já não é possível, por exemplo, meter um piano de cauda lá devido unicamente a uma porta. O espaço tem utilidade, mas poderia ser mais maximizado. Funciona mais como um edifício polivalente e não como uma sala de espetáculos. Os espetáculos agora realizados são muito poucos. A época áurea do Cineteatro Lagoense foi entre o pós 25 de Abril e finais da década de 80.

## **Anexo 8 – Entrevista a Linda Maria Pacheco Luz**

Data da entrevista: 28/07/17

### **1. É natural da ilha de São Jorge, mas vive em São Miguel desde 2012. Antes disso, já conhecia o Teatro Micaelense e o Teatro Ribeiragrandense?**

O Teatro Micaelense sim, o Teatro Ribeiragrandense não. Mas nessa questão penso que temos de ter em conta que apenas ultimamente se tem ouvido falar no Teatro Ribeiragrandense, com a ida de Alexandre Gaudêncio para a Câmara Municipal, e como consequência disso, com o desenvolvimento de espetáculos nessa casa.

### **2. Assistia a espetáculos com alguma frequência? A que tipo de espetáculos assistiu e quais foram o que mais gostou?**

Com frequência, infelizmente não. No Teatro Micaelense já tive a oportunidade de ir a ações de campanha e pré-campanha das autárquicas bem como das legislativas (pelos quase cinco anos que aí vivo, tive a oportunidade de assistir a duas legislativas); também estive na sala de espetáculos por apenas quatro vezes: duas para ver teatro, uma para assistir ao concerto de David Fonseca e outra para assistir ao de António Zambujo, mais recentemente. Quanto aos que mais gostei, é uma questão difícil de responder. Por gosto musical, terá sido António Zambujo, sem dúvida. No entanto, David Fonseca sabe muito bem como entreter o público e fazer um bom espetáculo. Os espetáculos de teatro... bom, também por gosto pessoal não foram propriamente dos melhores que já vi. No Teatro Ribeiragrandense apenas tive a oportunidade de assistir a um concerto dos Myrica Faya.

### **3. Visto que integra uma das tunas académicas da Universidade dos Açores, já atuou em diversos locais cá na região, sendo um deles o Teatro Ribeiragrandense. Em que contexto foi? E como foi atuar numa das principais salas de espetáculo de São Miguel?**

Atuámos no Teatro Ribeiragrandense há cerca de dois anos, numa noite de “Sarau Académico” com três tunas “da casa”; foi um espetáculo promovido e organizado pela Câmara Municipal. Estamos “habituaados” a atuar em salas

grandes de espetáculos. Pisar um grande palco (ainda que o palco não seja muito grande) é sempre motivo de orgulho e de grande preparação musical e artística. No entanto, houve algo que notei no público. O “seu” Presidente, Alexandre Gaudêncio, e a esposa fizeram parte da minha tuna. Como tal, nas últimas duas músicas juntaram-se a nós em palco. E fomos capazes de ver, de cima do palco, o “orgulho”, se é que assim se pode dizer. A forma “diferente” como olhavam para nós, porque estava “um dos seus” ali em cima.

**4. Crê que espaços culturais como estes são uma mais-valia na divulgação da cultura regional?**

Sem dúvida.

**5. Voltemos novamente ao papel de espetadora. Apesar das diferenças que existem entre os dois teatros, como por exemplo a sua oferta cultural, tem preferência por algum?**

Bom, o Teatro Micaelense tem sempre uma maior variedade e é mais consistente a nível de datas. No entanto, penso que o Teatro Ribeiragrandense faz um ótimo trabalho em divulgar a cultura regional. Não que as restantes casas não o façam. No entanto, penso que cada vez mais temos de ajudar os que vivem “cá dentro” e gastam “cá dentro” para se conseguirem espetáculos cá dentro. Com isto não quero dizer que não mandem vir gente de fora, até porque eu compro bilhete para ir ver gente de fora. Apenas acho que cada vez mais tem de haver apoio a artistas regionais. A minha preferência é apenas a nível logístico. É-me muito mais fácil deslocar até ao Teatro Micaelense que ao Ribeiragrandense.

**6. Apesar de São Miguel ser uma ilha grande, por vezes é considerada pequena, ao mesmo tempo, por diversas situações. Acha que existem muitos locais de espetáculos em São Miguel?**

Por vezes sim, por vezes não. Já aconteceu existirem três espetáculos na cidade de Ponta Delgada na mesma data. Recordo-me, porque tinha uma atuação numa das maiores casas de espetáculo da ilha e na outra casa estava a haver um espetáculo que, por acaso, gostava de ter ido ver. Acho que há muitos fins-de-semana em que a cidade para e a nível cultural não há muito que ver. Por outro

lado, há dias em que infelizmente não nos podemos dividir para assistir a dois espetáculos. Penso que numa ilha como São Miguel, não há justificações para as casas de espetáculo não “acertarem” datas. Principalmente na cidade de Ponta Delgada.

**7. Como estamos a falar nos teatros de duas das cidades micaelenses, pergunto-lhe o seguinte: alguma vez ouviu falar no Cineteatro Lagoense, situado na cidade da Lagoa?**

Sim, já ouvi. Não por causa de publicidade, mas apenas porque sigo o “Diário da Lagoa”, e, de vez em quando, lá vem uma notícia.

**8. Pretende, em breve, assistir a algum espetáculo em algum dos teatros?**

Sem dúvida alguma. Já estive a espreitar a agenda do Teatro Micaelense e quero muito ir ver a Luísa Sobral, o concerto de Violas da Terra, a Orquestra AngraJazz, entre outros que também me despertaram algum interesse. Ao Teatro Ribeiragrandense também faço conta de lá ir, especialmente porque já terei oportunidade a nível de mobilidade.

## **Anexo 9 – Entrevista a Carlota Teixeira Dâmaso**

**Data da entrevista:** 31/08/17

**1. Já teve a oportunidade de atuar no Teatro Micaelense, no Teatro Ribeiragrandense e no Cineteatro Lagoense. Quando foi a primeira vez que pisou o palco destes três teatros? E em que tipo de eventos participou nesses mesmos?**

Iniciando pelo Teatro Micaelense, comecei a pisar o palco deste teatro em 2006, com o grupo de teatro “As Descalças”. Eram vários *sketches* teatrais, cada um com cerca de 15-20 minutos cada um, maioritariamente representados por jovens adolescentes, onde se abordavam temas comuns da vida de um adolescente. Já no que toca ao Teatro Ribeiragrandense, foi igualmente em 2006 que pisei este palco pela primeira vez, com o mesmo grupo de teatro, no entanto tratando-se, nesta altura, de uma peça de teatro com cerca de 50 minutos, onde o elenco era composto por crianças. Relativamente ao Cineteatro Lagoense, a minha estreia foi bem mais tardia. Pisei pela primeira vez o palco Lagoense em 2011, com um projeto totalmente diferente. Tratava-se agora de poesia. Tive a oportunidade de ir, conjuntamente com a minha turma de 11º ano de escolaridade da Escola Secundária das Laranjeiras, declamar poesia para celebrar o dia mundial da poesia. Lembro-me de declamar Antero de Quental.

**2. Crê que cada um dos teatros apresenta as condições necessárias para os eventos em que participou? E tem preferência por algum dos palcos?**

Sim, cada um dos espaços apresenta as condições necessárias, tendo em conta os eventos que participei. Em relação à preferência, não posso deixar de notar que prefiro a casa que me acolheu todos os anos desde que ingressei no mundo do espetáculo, o Teatro Ribeiragrandense. Não sei se tratar-se-á de uma preferência ligada ao hábito de pisar este palco ou à ligação afetiva que tenho a esta casa. No entanto, olhando para além destes aspetos, afirmo que, tendo em conta os espetáculos que costumo participar o Teatro Ribeiragrande é o que possuí as melhores características. O tamanho do palco é ideal, uma vez que o palco do Teatro Micaelense torna-se demasiado extenso e o do Cineteatro Lagoense torna-se curto, isto para os espetáculos de que estou habituada a fazer

parte. Os camarins são também uma componente fundamental para o mundo do espetáculo e, na minha opinião, os camarins do Teatro Ribeiragrandense estão bem divididos e organizados, tendo espaço para várias pessoas e acessórios; já os camarins do Teatro Micaelense podem tornar-se apertados e confusos, no entanto possuem televisão para o palco que nos permite ter acesso ao espetáculo, o que é também uma mais-valia. O palco do Teatro Ribeiragrandense é o necessário para a quantidade e tipo de espetáculos que se fazem cá na ilha, nem pequeno, nem grande, ideal.

### **3. Crê que espaços culturais como estes são uma mais valia na divulgação da cultura regional?**

Apesar da cultura regional ser ainda muito prematura, já deu largos passos comparativamente há alguns anos atrás e sem dúvida que estes espaços culturais foram um dos fatores para a divulgação da nossa cultura, principalmente quando se tratam de eventos executados no Teatro Micaelense, que já começa a ser reconhecido a nível nacional como uma boa casa de espetáculos.

### **4. Como espetadora, já assistiu a espetáculos nas três salas? Tem preferência por alguma delas? E a que tipo de eventos é que assistiu?**

Sim, já tive oportunidade de assistir a espetáculos nestas três salas. Assisti maioritariamente a Teatro, Dança e Música. No Cineteatro Lagoense, pude ainda ver declamação de poesia. Relativamente a espetáculos de maior porte como a Dança ou Teatro, tenho preferência pelo Teatro Micaelense ou pelo Teatro Ribeiragrandense pois ambos são confortáveis, têm bom jogo de luzes e lugares de boa visibilidade. Todavia, se se tratar de um espetáculo de pequeno porte, um pequeno sketch, declamação de poesia ou algum tipo de concerto de curta duração, o ambiente acolhedor do Cineteatro Lagoense é, também, uma boa opção.

### **5. Antes da reconstrução do TM (2004), do TRG (2000) e do CTL (2001), já tinha ido a algum dos três teatros?**

Já tinha estado presente, como espetadora, no Teatro Micaelense em algumas peças de teatro infantis, no entanto confesso que não retenho vivas muitas lembranças sobre isto.

**6. Apesar de São Miguel ser uma ilha grande, por vezes é considerada pequena, ao mesmo tempo, por diversas situações. Acha que existem muitos locais de espetáculos em São Miguel?**

Não acho que existam muitos locais de espetáculo em São Miguel. Há sim uma má organização da agenda cultural da ilha. São Miguel é a ilha do arquipélago que mais pessoas e/ou espetáculos recebe. Há uma grande procura por parte das outras ilhas em poderem vir cá mostrar os seus trabalhos ou em organizar eventos aqui, por saberem que vão atingir um público maior. Além disso, há cada vez mais um maior número de locais a criar e difundir artes e a dar uso a estas casas de espetáculo. Existe, ainda, o caso de Portugal Continental que tem noção que São Miguel é uma ilha grande e com cada vez mais oportunidades na área das artes performativas e procura investir nisso, por isso nota-se cada vez mais a exibição de espetáculos em São Miguel, vindos do território nacional. Deste modo, existe um número adequado de casas de espetáculo tendo em conta o aumento da procura, tanto por micaelenses como por todos os açorianos em geral e cada vez mais pelo território nacional. Todavia, existe um grande problema de gestão da agenda cultural na medida em que há fins-de-semana em que a ilha está totalmente parada e sem eventos e há outros em que já existem dez espetáculos no mesmo dia. Isto pode ser um problema quando o público micaelense não é assim tão extenso para dar conta dos espetáculos todos. Existe uma necessidade em dividir melhor as datas agendadas para cada espetáculo, bem como os espaços, podendo privilegiar todas as casas de espetáculo de São Miguel.

**7. O CTL é desconhecido por grande parte da população micaelense. O que acha que deveria ser feito para contrariar esta situação?**

De facto, o Cineteatro Lagoense é desconhecido por grande parte da população micaelense, até mesmo por pessoas que estão habituadas a lidar com o mundo do espetáculo. Na minha opinião, é o próprio Cineteatro Lagoense que tem que se fazer notar, tanto através da divulgação nas redes sociais, que hoje em dia é

a maior ferramenta de divulgação existente, como através do convite a grupos de teatro, de dança ou musicais para atuarem nesta casa ou ainda criando promoção de workshops, formações. Precisam de expandir para grupos que já sejam de algum modo reconhecidos pelo público micaelense ou ter algum tipo de iniciativa que faça as pessoas interessadas irem ao encontro do Cineteatro Lagoense, porque neste momento a ideia que tenho é que este espaço está muito conectado às escolas secundárias e não tanto ao público micaelense geral.

**8. Tendo uma perspectiva e ideia dos três teatros, qual a sua opinião relativamente a cada um dos mesmos tendo em conta os espetáculos realizados, a sua localização e a sua divulgação?**

Dos três teatros referidos, sem dúvida que o Teatro Micaelense é o que tem maior projeção junto ao público e o que tem a localização mais privilegiada. As redes sociais estão sempre atualizadas e todos os eventos são bastante divulgados, atingindo várias pessoas. Além disso, dá reconhecimento às várias artes, fornecendo aos espectadores espetáculos de teatro, dança, música e tantos outros. Acolhe vários públicos e mostra grande abrangência quanto ao tipo de espetáculos que recebe. Em segundo plano surge o Teatro Ribeiragrandense que, apesar de receber variados espetáculos estes estão mais ligados ao foro amador, o que acaba por não ter tanta projeção junto das pessoas, infelizmente. Penso que no que concerne à divulgação, necessita de maior uso das redes sociais, tal como o Cineteatro Lagoense, para poder atingir mais pessoas. Tanto o Teatro Ribeiragrandense como o Cine Teatro Lagoense estão prejudicados no que se refere à localização, em relação ao Teatro Micaelense que está no coração da ilha.